

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

JULIA CELADON GUILHARDUCCI

MEMÓRIAS DA MIGRAÇÃO:
uma fenomenologia da experiência narrada

SÃO PAULO
2023

Julia Celadon Guilharducci

MEMÓRIAS DA MIGRAÇÃO: uma fenomenologia da experiência narrada

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientadora: Luciana Szymanski Ribeiro Gomes.

SÃO PAULO

2023

"Nascemos e mantemos nossa existência no lugar da memória. Traçamos nossa vida por meio de tudo de que lembramos, do momento mais mundano ao mais majestoso. Conhecemos a nós mesmos por meio da arte e do ato de recordar. As memórias nos oferecem um mundo onde não há morte, onde somos sustentados pelos rituais de afeto e lembrança."

Saber para onde estou indo – bell hooks

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Luciana, pela parceria e por todo o apoio e incentivo, sem os quais este trabalho não teria condições de vir ao mundo.

À minha professora e supervisora, Fabíola Freire, parecerista deste trabalho, que, em pouco tempo de convívio, me apresenta a novas e intensas potencialidades do fazer psi.

À professora Ruth Lopes, minha orientadora de Projeto de Pesquisa, que me inspirou e ajudou a visualizar as possibilidades deste trabalho.

A todos os professores com quem tive a chance de cruzar em todo o meu percurso acadêmico e que contribuíram para a formação de quem eu sou.

À minha família, sobretudo à minha mãe, Thais, por estar ao meu lado incondicionalmente, me ajudando de formas impossíveis de descrever.

Às minhas amigas, que além de companheiras de perrengues acadêmicos, são incontestáveis companheiras de vida.

E, principalmente, à V., que, com sua infinita generosidade, confiou a mim sua história e desobstruiu as vias para a redação deste texto. Minha gratidão é imensurável.

RESUMO

GUILHARDUCCI, J. C. **MEMÓRIAS DA MIGRAÇÃO: uma fenomenologia da experiência narrada**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2023.

O presente trabalho buscou investigar o fenômeno da migração na perspectiva fenomenológico-existencial, levando em consideração os sentidos associados a à vivência da reterritorialização longa pelo migrante. O procedimento metodológico utilizado foi a Entrevista Reflexiva, a qual se apoia em referenciais teóricos da Fenomenologia Existencial. A entrevista foi realizada com uma mulher de origem sérvia, de 50 anos, que migrou para o Brasil em 1997. Da transcrição da entrevista, foram selecionadas unidades de sentido, que, agrupadas, originaram três constelações de sentido: 1. A falta que a falta faz; 2. Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si; e 3. Re-existir: a memória em rede. Em 1., compreendeu-se que a experiência migrante da entrevistada é marcada pela contradição da vivência concomitante da falta e da presença, decorrente do deslocamento longo. Em 2., entendeu-se que a contradição convoca a entrevistada a negociar o próprio entendimento de si, num movimento de reedição das narrativas sobre seu ser. Em 3., apresentou-se a forma como a preservação da cultura, veiculada pela memória, surge como recurso para a vivência entre-lugares, aproximando pessoas e estreitando vínculos interpessoais e interterritoriais. Com isso, aproximou-se da compreensão dos sentidos criados e sustentados por uma pessoa migrante frente à própria condição de migração.

Palavras-chave: migração; fenomenologia existencial; memória; tempo.

SUMÁRIO

Prefácio.....	6
Introdução.....	8
1 Falando em migração.....	15
1.1 Sobre os Estudos Migratórios.....	15
1.2 Migração e Psicologia.....	22
1.3 Ser-migrante.....	25
2 Método.....	31
2.1 Procedimentos.....	33
2.2 Participante.....	36
2.3 Análise.....	37
3 Dando voz à migração.....	40
3.1 A falta que a falta faz.....	41
3.2 Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si.....	48
3.3 Re-existir: a memória em rede.....	56
4 Considerações finais.....	66
Referências.....	72
Anexos e Apêndices.....	76
Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	76
Apêndice 2: Transcrição das entrevistas.....	77
Tabela 1: Constelações e unidades de sentido.....	87

Prefácio

A decisão de produzir uma pesquisa com a temática da migração foi, ao mesmo tempo, orgânica e estranha. Natural, porque me entendo como descendente da migração e compreendo que carrego a herança dos deslocamentos empreendidos pelos meus familiares, décadas atrás. Estranha, porque, chegada a minha geração, percebo que a memória desses deslocamentos se tornou vaga e esmaecida, tendo as circunstâncias do tempo vencido a capacidade de recordar.

Assim, para além da minha história familiar, o interesse em estudar o fenômeno da migração remonta à minha história escolar; mais especificamente, às minhas aulas de Geografia e as primeiras explicações a que tive acesso a respeito da temática. O gosto pela disciplina não se concretizou em uma escolha profissional, mas a confecção de um Trabalho de Conclusão de Curso para a graduação em Psicologia se revelou como uma possibilidade de resgatar um antigo entusiasmo pelos estudos demográficos e espaciais e aliá-lo à minha disposição mais recente e duradoura de me dedicar à Psicologia.

Devido à ausência de debates a respeito da temática da migração no decorrer da minha experiência universitária, entendo a confecção deste trabalho como uma oportunidade de tecer uma rede de sentidos capaz de unir os conhecimentos geográficos e psicológicos em torno de um tema cuja relevância social está posta, fomentada pela discussão de diversas áreas do conhecimento. A intenção é, de qualquer forma, caminhar no sentido da compreensão do fenômeno no que se refere à Psicologia e, para tal, o enfoque investigativo recai sobre o entendimento da migração enquanto fenômeno humano, vivido por seres humanos únicos e concretos e cujas experiências existenciais nunca poderiam se equivaler.

É certo, entretanto, que investigar a totalidade dessas experiências não seria conveniente – inclusive sob o risco de relativizar e reduzir uma ocorrência de características multifacetadas a generalizações que pouco contribuem para a compreensão da migração enquanto um fenômeno existencial. Por isso, partindo da ideia de promover um espaço de escuta e recuperação da memória associada à vivência migratória, faço a opção pela interlocução com uma pessoa que tenha protagonizado, há pelo menos vinte anos, o cruzamento da fronteira brasileira e que no Brasil tenha permanecido durante este tempo.

Entendo que o relato de representantes desta população pode contribuir não apenas para o desvelamento do que significa ser um migrante; surge, também, a

possibilidade de elucidação da contradição "ser-de-lá" e "ser-de-cá" enquanto fundante de um processo vital atravessado pela transformação temporal, espacial, social e existencial que separa duas épocas distintas. Busco, portanto, os sentidos que emergem de uma vida que pode ter se apresentado para ser vivida de incontáveis maneiras e que pode ter sido tensionada por referências divergentes e, sobretudo, distantes.

Expandindo, portanto, a investigação dos movimentos migratórios para além dos estudos tradicionais – que priorizam a ideia da migração enquanto problema social – e tendo como foco a experiência particular que emerge do fenômeno da movimentação pelo espaço, parto da seguinte pergunta de pesquisa: *como um(a) migrante percebe a própria condição existencial frente à experiência da migração?*

A fim de apresentar uma compreensão a esta questão, como adiantado, este trabalho propõe uma pesquisa prática com uma pessoa adulta que tenha realizado migração há pelo menos vinte anos. A Introdução se ocupa de apresentar referências importantes no que se refere à atribuição de sentido ao espaço geográfico, à realização da pesquisa em memória social e ao resgate do ato de narrar enquanto geradora de conhecimento, oferecendo as bases sobre as quais a pesquisa é concretizada. Ademais, o estudo será organizado em dois capítulos, cujas ênfases recaem ora sobre os aspectos teóricos, ora sobre os aspectos referentes à coleta de informações em situação de entrevista.

O capítulo teórico *Falando em migração...* tratará especificamente da temática da migração, oferecendo um panorama dos estudos migratórios, demonstrando a relação do fenômeno com a Psicologia e defendendo a migração enquanto questão existencial. Já o capítulo elaborado com base na entrevista, *Dando voz à migração...*, realizada, em associação com as referências trabalhadas, apresentará uma perspectiva para a compreensão da migração pautada pela temporalidade e pela memória, retomando trechos da entrevista e articulando-os com os autores que embasam este trabalho, bem como com compreensões advindas de uma leitura hermenêutica do texto transcrito.

Assim sendo, o objetivo geral é expandir a compreensão do fenômeno da migração à luz da Psicologia fenomenológico-existencial, levando em consideração a vivência da passagem de tempo implicada entre o ato migratório e a realização da entrevista. Como objetivo específico, tem-se a intenção de lançar um olhar hermenêutico-existencial sobre a experiência migratória a partir da busca pelo desvelamento dos sentidos associados à experiência subjetiva do fenômeno.

Introdução

A Geografia, enquanto disciplina das chamadas Ciências Humanas, em muito contribui para a produção acadêmica a respeito da vida humana – especialmente ao tecer considerações a respeito da estreita relação entre existência e espacialidade. Nesse sentido, a intenção de compreender o fenômeno migratório é transpassada pela indispensabilidade de se aprofundar no entendimento sobre o espaço. Para Milton Santos (1988),

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável do qual participam, de um lado, um certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro lado, a vida que os anima ou aquilo que lhes dá vida. (p. 15)

Com isso, é possível entender e tomar o espaço geográfico enquanto o pano de fundo dos processos migratórios e de todos os outros fenômenos humanos, uma vez que estes invariavelmente se constituem numa dimensão espacial. Além disso, ao integrar a materialidade e a imaterialidade enquanto componente das vivências particulares, a noção de espaço geográfico permite uma leitura ampla dos acontecimentos da vida humana e sua relação com a experiência da espacialidade.

Em adição a essa leitura, destaca-se aqui as contribuições teóricas promovidas pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1930-2022). Em meio a diversas abordagens teóricas e enfoques de pesquisa em Geografia, o autor se apresenta como uma base que sustenta o entendimento de que a experiência espacial se configura, sobretudo, numa vivência existencial (TUAN, 2011).

Um dos aspectos mais marcantes da geografia de Tuan refere-se ao esforço do autor em compreender as ligações afetivas que ligam os seres humanos ao espaço (PEREIRA; FERNANDES, 2011). O principal empreendimento do geógrafo, nesse sentido, é o de "entender melhor o Homem e suas condições" (*ibidem*, p. 54). A fim de realizar este empenho, Tuan se apoia numa teorização que desvende a atitude de significação exercida pelos seres humanos para com os espaços do mundo.

O espaço, ao ser significado pelo ser humano, torna-se o que Tuan denomina de *lugar* (FREITAS; ALMEIDA, 2016). Em outras palavras, é a partir do sentir e pensar sobre o espaço que o ser humano é capaz de fazer emergir um lugar (PEREIRA; FERNANDES, 2011) que lhe seja próprio. Tuan, dessa forma, trabalha com a ideia de que as experiências cotidianas transformam o espaço em que ocorrem, demarcando uma relação de sentido. Assim, enfatiza-se a dialética segundo a qual, de um lado, se posiciona a

potencialidade do ser humano em construir a própria realidade, e, do outro, o fato de que cada homem se faz homem, justamente, a partir desta realidade.

Partindo dessa compreensão, fica entendido que o lugar, enquanto produto da significação humana sobre o espaço, não pode ser tomado enquanto um conceito generalizável. Ao falar de lugar, fala-se de uma relação única com a espacialidade; fala-se da experiência única de uma pessoa com o seu mundo – com a cultura, com a história, com a sociedade (PEREIRA; FERNANDES, 2016). Portanto, ao falar de lugar, seria mais acertado falar de *lugares*.

Os lugares, por sua condição existencial, conservam em si uma relação importante com a temporalidade. Freitas e Almeida (2016), ao estudarem a relação entre espacialidade, memória e identidade, entendem que os lugares do presente (e do futuro) mantêm uma íntima relação de determinação com os lugares do passado, reforçando um ponto de vista dialético de mútua construção. Aquilo que torna essa conexão possível, para as autoras, é a ação da memória; esta é entendida como a potencialidade humana capaz de conservar a experiência espacial e fazer "com que o lugar permaneça vivo no sujeito, mesmo que ele se tenha deslocado materialmente" (*ibidem*, p. 235).

A memória, nesse sentido, se revela enquanto a dimensão capaz de espessar a relação entre espaço geográfico, experiência humana e, seguindo a especificidade deste trabalho, migração. Nessa perspectiva, essa é uma categoria que se apresenta, neste caso, como a possibilidade de resgatar os sentidos particulares que emergem da vivência migratória, mesmo que esta tenha ocorrido em um passado longínquo.

A fim de se aprofundar na potencialidade da memória enquanto meio de estudo para a Psicologia, Ecléa Bosi (1936-2017) surge como uma importante referência. Em suas produções, a autora expande a compreensão da memória tal como esta se apresenta no dia-a-dia de pessoas reais. Em adição a isso, reforça a ideia de que a memória deve ser tomada enquanto um trabalho humano sobre o tempo vivido (BOSI, 1993) – negando a concepção segundo a qual o recordar seria emergente de fenômenos mágicos, oníricos e espontâneos. Para Bosi, o exercício da memória depende da criação do homem, que, ao contar sobre o passado, o reinventa em função de sua situação presente (BOSI, 1979).

Nesse sentido, a memória não pode ser tomada como um fato estático, imutável e inequívoco. Pelo contrário, a atividade mnêmica, para a autora, pressupõe movimento; pressupõe que aquele que lembra o faz com base na ressignificação constante que desempenha em seu mundo, à vista da cultura, de seu lugar; pressupõe que, ao falar do passado, fala-se, também, de quem se é no "aqui" e no "agora".

Essa discussão se estende à importância da compreensão de Ecléa Bosi sobre a temporalidade – noção que se posiciona como uma ideia transversal a este trabalho e à concepção de memória aqui contemplada. Marilena Chauí, em *Homenagem a Ecléa Bosi* (2008), traça um paralelo entre a noção de tempo proposta por Bosi e uma formulação fenomenológica a respeito da temporalidade; para Chauí (2008),

O tempo é, em sentido fenomenológico, inquietação, ausência de quietude. É puro movimento. (...) O tempo é a abertura infinita e transcendência, nos ensina Ecléa. É como a luz, que dá a ver e é também aquilo que é visto. Assim, Ecléa mostra que o tempo é o sentido como presença ausente e como ausência presente. (p. 22)

A partir disso, entende-se que não há tempo superado; o passado está no presente e o futuro está no passado. A perspectiva meramente cronológica é incapaz de esclarecer a vivência humana do tempo, uma vez que esta é incessantemente costurada por um fio de sentido (CRITELLI, 2012) que desafia a progressão de fatos e situações. A vivência humana do tempo, portanto, não parte de concepções universais e estáticas; parte, efetivamente, da constante invenção e reinvenção da existência em função da dimensão do porvir. A concepção de temporalidade é aprofundada por Bosi, em entrevista a Mozahir Bruck (2012/2013). Defende a autora que:

O passado não é uma sucessão de fatos ou camadas que se vai escavando. A memória desconhece a ordem cronológica. Minha hipótese é que ela opera com grande liberdade, recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente - mas por que se relacionam através de índices de significação comum. São constelações de eventos mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (p. 198)

Neste excerto, surge outra noção importante, que, aliada à não-linearidade da temporalidade, arremata a concepção de memória de Ecléa Bosi; trata-se do aspecto social da construção e preservação da memória. Influenciada por Halbwachs, a autora trabalha com a ideia segundo a qual a atividade mnêmica, em última instância, é engendrada pela função social daquele que lembra (BOSI, 1979). Partindo dessa ideia, entende-se que a comunidade grupal que rodeia o agente da memória exerce o papel de testemunha e intérprete das experiências. A partir da escolha do grupo, certas vivências são compreendidas enquanto dignas de lembrança; ao passo que outras, no sentido contrário, correm o risco de serem delegadas ao esquecimento (BOSI, 1993). Nas palavras da autora, "Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar" (BOSI, 1979, p. 17).

A esse respeito, em meio à vasta obra produzida por Bosi, destaca-se o livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1979). Neste, além de expor um estudo aprofundado sobre a temática da memória, Ecléa inaugura e sedimenta um novo fazer para a Psicologia brasileira, enfatizando a importância social da conservação e reconstrução da memória através da conversa empreendida por entrevistador e entrevistado. Em *Memória e Sociedade*, a pesquisadora oferece espaço para que velhos – representantes de um grupo sistematicamente ignorado pela História – sejam restituídos do lugar de narradores da própria experiência.

A noção de "narrador", na pesquisa de Bosi, tem papel central na concretização da intenção da autora em restaurar o protagonismo social de seus entrevistados. Com isso, destaca-se a inspiração oferecida pelo filósofo Walter Benjamin (1892-1940) que, em texto intitulado de *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, tece considerações sobre a ação de narrar na Modernidade. Neste, Benjamin (1936/1994) descreve o narrador como aquele que, perante a um ouvinte, transmite parte da própria experiência, perpetuando um saber que sobrevive à passagem do tempo cronológico e supera os limites geográficos da espacialidade.

Nessa perspectiva, a narrativa é entendida enquanto uma produção cuja aparição depende da experiência vivida e cuja permanência depende da transmissão de pessoa a pessoa, de geração a geração (FERREIRA, 2011). Assim, cabe ao narrador

(...) identificar os fios que se remetem a uma possibilidade de presente que não é o nosso. Narrar é uma forma de desconfiar da evidência do presente, já que se pode apontar as contingências que presidem as versões oficiais da história. (*ibidem*, pp. 127-128)

Dessa forma, a narrativa representa "uma forma artesanal de comunicação" (BENJAMIN, 1936/1994, p. 205), um trabalho em que se faz persistir a marca daquele que a produz, tal qual conserva-se "a mão do oleiro na argila do vaso" (*ibidem*). A ideia segundo a qual o ato de narrar seria equivalente ao trabalho artesanal é, inclusive, a chave para compreender o motivo por que Benjamin (1936/1994) considera a narração como uma prática perdida na Modernidade; em função da ascensão do sistema de produção capitalista, valores como a agilidade e a produtividade se consolidam, também, em meio às relações sociais.

Situado na década de 1930 na Europa entre guerras, o autor identifica uma valorização absoluta da informação, em detrimento da narração. Se, por um lado, a narração sintetiza a possibilidade de transcender o tempo cronológico e de criar saberes humanos que carregam a capacidade de se desenvolver, por outro, a informação é

representante da eficiência e, portanto, tem existência efêmera, momentânea, limitada ao instante em que surge como novidade (BENJAMIN, 1936/1994). Assentada no imediatismo, a informação, conforme lida por Benjamin, corrobora para a transmissão de conhecimentos rápidos e instantâneos, ao passo que reduz a capacidade narrativa de troca de experiências à improdutividade e à morosidade – tal como ocorre com a produção artesanal frente ao sistema de produção capitalista.

Em suma, Benjamin compreende que a capacidade de narrar sofre com a iminência da extinção. Essa tendência se reflete na construção de uma História que se contenta em ser, simplesmente, aditiva de informações e fatos ditos objetivos. Nesse sentido, é destacável a preocupação do autor no fazer de uma história que "se posicione epistemologicamente e politicamente em relação ao passado e, mais do que isso, em relação ao tempo" (FERREIRA, 2011, p. 121).

O posicionamento de Benjamin é, portanto, de enfrentamento ao apagamento, por parte da História, da sabedoria constantemente cultivada, apropriada e reinventada pelos seres humanos. O exercício da narração, nessa perspectiva, introduz o compromisso com a reflexão política; com o entendimento de que a história deve servir à vida, ao movimento, à criação; com a confiança de que a humanidade, enquanto coletivo, transcende o tempo do relógio e não pode ser por ele limitado. Diante disso, cabe a resposta dada a Ferreira à questão "narrar para quê?", no artigo *Walter Benjamin e a questão das narratividades* (2011):

Narrar para evitar que se negue a palavra aos mortos. Narrar para evitar que os inimigos continuem vencendo e para fortalecer uma perspectiva que se avizinha do olhar da criança: atenção aos detalhes, ao ínfimo, ao transitório, às personagens sempre alocadas nos níveis mais baixos dos monumentos. (p. 128)

Assim, na intenção de resgatar a importância da sabedoria popular para a produção em Ciências Humanas, reitera-se que Ecléa Bosi se apresenta como um nome importante na busca pela restituição da voz aos silenciados pela História. Como já antecipado, em *Memória e Sociedade* (1979), a autora propõe a ação narrativa dos participantes como produtora e perpetuadora da memória, reverenciando o valor das experiências vividas enquanto geradoras de conhecimento.

Destarte, Bosi renega qualquer tentativa de contrapor o relato dos participantes de sua pesquisa a fatos históricos documentados. A autora defende, inclusive, que a omissão perpetuada pela História oficial é muito mais grave e inquietante do que os lapsos e erros que possam existir nas palavras narradas pelos entrevistados. Declara a

pesquisadora: "Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida" (BOSI, 1979, p. 1).

Esta é, de maneira resumida, a intenção deste trabalho. A proposta de aprofundar a compreensão da vivência migrante carrega em si o entendimento de que o relato de uma pessoa a respeito da própria história é transpassado pela rede de sentidos que totalizam aquela existência. Escapando de generalizações conceituais, mas compreendendo a indispensabilidade de um alicerce teórico consistente, salienta-se a importância de autores como Tuan, Bosi e Benjamin. Estes se apresentam como referências que orientam um fazer investigativo-compreensivo que leva em consideração o sentido associado ao espaço geográfico; a manutenção da memória como forma de inclusão social; e o resgate da narrativa enquanto prática de valor perante à sociedade, respectivamente.

O migrante, cuja representação social é genérica (GONÇALVES; HENRIQUES; MAGNOLO, 2020) e associada à fuga da "normalidade", se apresenta ao corpo social enquanto a encarnação da diferença e da ameaça estrangeira. Assim, perante uma condição de não-cidadania e não-humanidade, o migrante é tradicionalmente designado à posição de minoria social (ELHAJJI, 2017) e, nesse sentido, torna-se alvo da opressão na sociedade de destino, que ataca seus corpos, seus símbolos e sua capacidade de recordar.

Diante desse cenário, o estudo da memória do migrante apresenta-se como uma forma de resistência. Isso porque, pesquisar a memória é, também, incentivar a constante rememoração e pavimentar o caminho para libertar as lembranças das amarras impostas por uma História que promove os opressores e omite os oprimidos. Reforça Chauí (1979), que:

(...) a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais (...), mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos. (p. XIX)

Pesquisar a memória é, portanto, promover a reapropriação do trabalho sobre o tempo; é oportunizar o resgate dos instantes anulados pelas forças mercantis do capitalismo e possibilitar a reconstrução do exercício de compartilhamento da experiência humana (BOSI, 1993). Em suma, pesquisar a memória, neste trabalho, significa viabilizar e visitar os lugares em que se localizam as bases sobre as quais o migrante pode produzir e, principalmente, transmitir sabedoria.

A definição de "Psicologia" defendida por Ecléa Bosi e descrita por Marilena Chauí (2008) contribui para a exposição da posição em que se firma este trabalho:

Ecléa define a Psicologia como uma *fenomenologia dos atos expressivos*. Isto significa, antes de mais nada, que a Psicologia lida com campos de presença e que esta institui campos de sentido. Porque se trata de sentido, não temos coisas nem estamos diante de objetos. Há seres humanos em ação. (...) Definir a Psicologia como fenomenologia dos atos expressivos significa afirmar que o campo de presença e de sentido se realiza como diálogo. As palavras do outro ensinam-me as minhas e as suas idéias ensinam-me meu pensamento. Só tenho acesso a mim mesma pela doação do outro e de mim a ele no diálogo. Isto confere à escuta um lugar e uma gravidade insuspeitados. (p. 20-21, grifo da autora)

Assim, a partir da questão de pesquisa: *como um(a) migrante percebe a própria condição existencial frente à experiência da migração?*, a pesquisa empenha-se na direção de recuperar o diálogo e desvelar os campos de presença e de sentido que emergem do relato em entrevista. O compromisso é, portanto, com o resgate da escuta pautada no vínculo que se cria na relação construída no encontro entre participante e pesquisadora e que busca, tal como Bosi, os sentidos que unem as pessoas aos atos expressivos de suas vidas.

1 Falando em migração...

No presente capítulo, a proposta é apresentar um resumido panorama teórico a respeito da principal temática deste trabalho: a migração. Para tal, foram selecionados autores que contribuem para a compreensão de uma questão tão completa como o deslocamento humano pelo mundo. Num primeiro momento, o foco recai sobre uma breve revisão da literatura, numa tentativa de apresentar, na seção *Sobre os Estudos Migratórios*, a maneira como a migração é tradicional e majoritariamente estudada. Nessa seção, identifica-se a principal concepção científica pressuposta nos estudos migratórios, bem correntes contemporâneas, que reagem a uma tradição positivista que lança o olhar sobre a migração.

Na seção *Migração e Psicologia*, o objetivo ainda é apresentar a tendência dos estudos de migração; desta vez, entretanto, o foco recai sobre a produção científica produzida pela Psicologia a respeito da temática. Nesta, diferentes visões, de diferentes linhas teóricas foram selecionadas como exemplos do panorama que se pretende desenhar. Já a seção *Ser-migrante* ocupa-se da ênfase na perspectiva fenomenológico-existencial, oferecendo uma leitura teórica sobre a ontologia da migração. Por meio de autores que teorizam na margem entre Fenomenologia e Geografia, produz-se uma proposta de compreensão que será expandida mais adiante, a partir da análise da entrevista e, por extensão, da experiência de migração longa de uma participante voluntária.

1.1 Sobre os Estudos Migratórios

Propor um estudo cuja principal temática é o fenômeno da migração não é uma inovação. Os deslocamentos realizados pelo ser humano durante a história, há muito tempo, representam um interesse importante às mais diversas vertentes da ciência (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010). As produções acadêmicas a respeito dos movimentos populacionais pelo espaço são, nesse sentido, de natureza multifacetada e a compreensão do fenômeno tradicionalmente se dá de maneira multidisciplinar – e não necessariamente interdisciplinar, uma vez que nem sempre é proposto um diálogo entre as diferentes perspectivas. Estas disciplinas,

(...) cada qual com suas preocupações e objetos, compõem um grande quadro sobre o migrante, seus movimentos, os processos materiais, as consequências e

implicações em diferentes escalas, os simbolismos e as transformações culturais. (idem, p. 407)

Paralelo a isso, subjaz um entendimento relevante: aquilo que é enfatizado nas produções a respeito dos movimentos migratórios é alinhado com uma visão de mundo específica, a qual é compromissada, igualmente, com políticas migratórias específicas – formuladas num contexto de constante tensão em meio à globalização (PATARRA, 2006). Nesse sentido, Sprandel (2007) explicita que a discussão tradicional a respeito da migração tende a servir, sobretudo, a correntes científicas e políticas que lidam com o conhecimento produzido sobre a mobilidade humana apenas em função de suas implicações econômicas e de seguridade (inter)nacional. A este respeito, denuncia Sprandel (2007):

Uma leitura detalhada de documentos oficiais sobre a “questão migratória” e sua “governança” identifica imediatamente a utilização de conceitos, categorias e modelos interpretativos onde o sujeito parece desaparecer, obscurecido por fluxos, correntes e tendências migratórias. Existe, pode-se dizer, um “migrante” genérico, algo como uma sub-espécie do “pobre” genérico, também objeto de convenções, tratados, relatórios e avaliações internacionais. (p. 35-36)

A fim de expandir essa compreensão, o trabalho de Gonçalves, Henriques e Magnolo (2020) surge como uma referência importante. As autoras, por meio de revisão bibliográfica, analisaram pesquisas que trabalhavam com materiais de mídia que se ocupavam da imigração no Brasil; o objetivo era compreender de que maneira o migrante é retratado pela imprensa nacional. Nas pesquisas consideradas, foram examinados artigos produzidos por grandes veículos de comunicação, como Folha de São Paulo, O Globo, Estadão, Zero Hora, Correio do Povo, Pioneiro, Gazeta e O Nacional; além disso, vídeos publicados na plataforma *Youtube* e reportagens exibidas em telejornais matinais da TV Globo compuseram a análise.

As conclusões alcançadas pelas autoras reforçam o panorama apresentado por Sprandel (2007). A revisão bibliográfica permitiu o entendimento de que a figura da pessoa migrante é pintada de maneira generalizada, estigmatizada e silenciada pelos veículos de mídia brasileira, que fomentam uma imagem caricata da pessoa que migra. A pesquisa, inclusive, esclareceu a presença de um padrão na maneira como o migrante é retratado pelos meios de comunicação; seguindo os termos propostos por Benson (2013 apud GONÇALVES; HENRIQUES; MAGNOLO, 2020), identificou-se que o migrante ora é visto enquanto ameaça, ora enquanto vítima, ora enquanto herói. De maneira sucinta, a pessoa que migra é resumida a estereótipos que servem a uma leitura neoliberal, individualista e nacionalista sobre o fenômeno.

Quando é descrito como ameaça, o migrante passa a ser tomado como um mal a ser perseguido e combatido pela sociedade de destino; quando é vítima, o migrante torna-se aquele que deve gratidão à população do país que o recebe; quando herói, o migrante é exaltado pelo "sucesso" em se integrar à sociedade de destino, num processo de menosprezo dos costumes dos locais de origem e de eliminação da responsabilidade do Estado pela elaboração e implementação de políticas públicas. Em todos os casos, nota-se o delineamento de "uma linha imaginária entre 'nós' e 'eles', o que contribui, por sua vez, para o processo de desumanização e estereotipação dos estrangeiros" (GONÇALVES; HENRIQUES; MAGNOLO, 2020, p. 11).

Essas concepções, segundo as autoras, são significativamente hegemônicas nas mídias divulgadas pela imprensa brasileira. Esta, responsável por afetar "as ações sociais, bem como a percepção de indivíduos" (idem, p. 2) sobre os mais diversos assuntos, pode ser considerada a base sobre a qual a opinião pública sobre a migração está assentada. Por extensão, considerando que a influência midiática se concretiza de maneira generalizada e coletiva na sociedade, entende-se que toda produção que se ocupa do fenômeno também é passível de ser entrelaçada com concepções reducionistas – ora negativas, ora romantizadas – sobre a pessoa do migrante.

Dessa influência não estão isentos os pesquisadores. Apesar de tão cobiçadas no meio acadêmico, a neutralidade e a objetividade científicas são, simplesmente, inalcançáveis. Como alerta Critelli (2019), nenhuma realidade pode existir sem um olhar que a perceba, e esta relação está implicada no trabalho científico. Ou seja, não há descrição suficientemente objetiva que seja capaz de anular a presença, no texto, daquele que a realiza.

Assim, a partir da compreensão de que é impossível fazer ciência de forma neutra (CRITELLI, 2019), surge um alerta à forma como as produções acadêmicas que se ocupam da migração são elaboradas. Se a opinião pública a respeito do fenômeno é largamente tomada por imagens estigmatizantes, como poderia a tradição científica da temática estar livre dessas concepções?

Como explicitado por Gonçalves, Henriques e Magnolo (2020) e denunciado por Sprandel (2007), o fato é: não está. Para exemplificar este panorama, toma-se como exemplo o documento "Texto Para Discussão N° 231: Fundamentos da Migração", de Golgher (2004). O texto foi selecionado como amostra por uma questão de publicidade; a produção em questão consiste no primeiro resultado da pesquisa pelo termo "migração" na plataforma Google Acadêmico (*Google Scholar*) – importante mecanismo *online* de busca e acesso a textos acadêmicos, em diversos formatos.

Segundo o artigo publicado por Alexandre Castro no site Rede Urbana, em 2018, os resultados da busca no Google Acadêmico são ordenados pelo critério da relevância – ou seja, são exibidos ao pesquisador os "resultados mais citados, populares e/ou com melhor correspondência com as palavras chave utilizadas". Em vista disso, entende-se que o documento selecionado se apresenta como uma fonte através da qual pesquisadores frequentemente buscam material para a produção científica na temática da migração, sendo uma referência importante no campo.

Na publicação, o autor propõe a sistematização das diretrizes para a análise da migração numa perspectiva dos estudos populacionais, com foco na análise de dados quantitativos e com base em instrumentos de medida e métodos de estimação econômica. A promessa é, portanto, apresentar um documento de estudo puramente técnico, que esclarece os métodos de medição do processo migratório e suas determinações.

A impossibilidade de alcançar esse objetivo tecnicista já foi elaborada nesta seção (CRITELLI, 2019). De qualquer forma, mediante a ambição do autor em reunir conhecimentos ditos objetivos, alguns aspectos chamam a atenção nas contextualizações oferecidas aos tópicos abordados. Entre as expressões escolhidas para situar os "padrões de migração", por exemplo, destacam-se: "descoberta da América"; "indígenas de diferentes graus de desenvolvimento social"; "africanos que vieram trabalhar como escravos"; "a maioria de nós tem avós, bisavós ou algum antepassado europeu" (GOLGHER, 2004, p. 21).

Num primeiro momento, esses termos podem ser considerados ingênuos – ou, demasiadamente *comuns*. Porém, um olhar mais cuidadoso atesta a ênfase dada a concepções eurocêntricas, romantizadas e coloniais sobre a construção do Brasil enquanto um país que teria recebido "de braços abertos" as diversas diásporas que compõem sua história. Observa-se, a título de exemplo, a perpetuação de ideias associadas ao Mito da Miscigenação, que sintetiza o apagamento da história de opressão e exploração das diferentes etnias no território brasileiro – sobretudo de etnias ameríndias e africanas –, promovendo a imagem de que o Brasil é um país que acolhe seus imigrantes, desde a ocasião de invasão do homem branco.

A escolha por essas expressões revela um posicionamento epistemológico comprometido com uma visão eurocêntrica e elitistas da realidade, a qual produz uma leitura reducionista sobre a migração – o que comprova que listar técnicas de medida e métodos de estimação não sustenta uma apresentação neutra sobre os fluxos migratórios. Além disso, retomando a relevância do texto de Golgher (2014) para os

estudos migratórios, reforça-se a ideia segundo a qual a produção acadêmica sobre a temática pode funcionar como palco para falas e ideias discriminatórias (SPRANDEL, 2007), que idealizam a perspectiva da elite colonizadora e mascaram o processo de construção étnica brasileira.

Além disso, considerações podem ser feitas a respeito do foco selecionado por um texto cujo subtítulo é "Fundamentos da Migração". Ao descrever parâmetros e medições macroeconômicas como a base para a compreensão do fenômeno, foram omitidos da discussão os aspectos culturais, subjetivos e ambientais nele implicados. Nesse sentido, o documento colabora com a visão segundo a qual a migração é uma questão que merece ser abordada tendo em vista os interesses econômico-liberais dos Estados-nação.

Essa é, inclusive, a linha de pesquisa que predomina nos mais tradicionais – e numerosos – estudos que se ocupam da migração. Ao se ocupar em identificar e confeccionar leis capazes de explicar uma etiologia da movimentação humana (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010), muitos autores se alinham à perspectiva econômica e protecionista ao teorizar sobre o fenômeno (MONDARDO, 2007).

Em outras palavras, a principal intenção dos estudos migratórios "clássicos" é acessar os motivos que levam as pessoas a se dispersar pelo espaço e, frente às tão enfatizadas implicações socioeconômicas associadas à "questão migratória", propor estratégias de enfrentamento e resistência aos fluxos. Essa linha de pesquisa, predominante até meados do século XX (e presente até os dias atuais), colabora com o aparecimento de "brechas científicas" que consolidam ações políticas pautadas no nacionalismo e no protecionismo econômico (SPRANDEL, 2007).

Nesse movimento científico, cabe pontuar, são frequentemente ocultados os atores da migração e sua vivência particular enquanto alguém que protagoniza um deslocamento que produz e se produz num contexto de intensas transformações, riscos sociais e rupturas. Com isso, entende-se que sem a adoção de perspectivas críticas, que questionam juízos e certezas prévias, os pesquisadores que se apropriam da migração correm o risco de produzir ilustrações que reproduzem a estigmatização e alimentam as desigualdades (ELHAJJI, 2017), independente da área do saber em que se fundamentam.

O compromisso ético implicado nos estudos migratórios, porém, vem sendo posto em discussão. A partir dos anos 1980, como destacam Mondardo (2007) e Escudero (2018), mudanças significativas são notadas na produção científica sobre a mobilidade humana. O foco, antes majoritário às razões e implicações macroeconômicas para a migração, passou a recair, também, em aspectos culturais e coletivos. Assim,

renunciando a concepções que delimitam a migração enquanto um fenômeno esporádico e excepcional – como um problema pontual, com soluções pontuais –, parte das análises dos movimentos humanos passaram a ser executadas em função do entendimento de que estes se configuram em processos "coletivos, duradouros e como uma forma de vida" (*idem*, p. 112).

Essa mudança de perspectiva deve-se ao trabalho de autores que, desafiando a tradição acadêmica, deixaram de olhar para a famigerada "questão migratória" enquanto uma ocorrência passiva, um mero resultado da sociedade globalizada contemporânea. De maneira oposta, passou-se a trabalhar com a ideia de que a migração constrói essa sociedade, movimentando as possibilidades de organização e existência em um mundo de rarefeitas fronteiras. Essa linha de pesquisa é identificada pelo termo "migração transnacional" e tem as autoras Schiller, Basch e Blanc (2019) como importantes representantes.

No artigo *De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional*, as autoras resgatam o mito sobre o qual se assentou a formação dos Estados-nação; este "conteria em seu interior um único povo definido por sua residência num território comum, sua lealdade não-dividida para com um governo comum e sua herança cultural compartilhada" (SCHILLER; BASCH; BLANC, 2019, p. 360). Nessa lógica, aos imigrantes e seus descendentes estaria reservada a obrigação de "abandonar, esquecer ou negar seus vínculos com seu país de origem" (*ibidem*), renunciando a suas memórias e conexões afetivas com o local e sociedade de origem.

A integração total, a qual é possibilitada através da assimilação cultural, passa a ser, portanto, o suposto dever do migrante na sociedade de destino; "O que foi uniformemente definido como inaceitável foi uma migração em que os imigrantes se estabeleceriam permanentemente em seu novo país, embora mantendo laços com países que ainda viam como sua pátria." (*idem*, p. 361). O rompimento de laços passa a ser, então, condição para a sobrevivência e acolhimento; torna-se moeda de troca.

Em contraposição a essa concepção, as autoras trabalham com a ideia de transnacionalismo para descrever a maneira como migrantes, num mundo formado por Estados Nacionais, dispõem de estratégias para construir e conservar:

Redes de famílias ampliadas flexíveis tem sido desde há muito usadas em todos esses países para proporcionar acessos a recursos. Alargando, reconfigurando e ativando essas redes através de fronteiras nacionais, as famílias são capazes de maximizar a utilização de trabalho e de recursos em múltiplos cenários e sobreviver dentro de situações de subordinação e incertezas econômicas. Essas

redes familiares, por meio de fronteiras políticas e econômicas, proporcionam a possibilidade de sobrevivência individual e, às vezes, de mobilidade social em contextos de vulnerabilidade e subordinação em relação ao capitalismo mundial tanto na pátria como no exterior. (SCHILLER; BASCH; BLANC, 2019, p. 369)

Em outras palavras, a manutenção dos vínculos afetivos e materiais com o país de origem se revela como uma prática transgressora frente às ameaças de aniquilamento em nome de uma "soberania nacional", que almeja concretizar a uniformização e a assimilação de populações migrantes. Nesse sentido, na perspectiva transnacional, o migrante surge como protagonista da resistência ao controle e à vigilância impostos sobre os costumes e as culturas divergentes de uma (suposta) identidade nacional que se intenta hegemônica.

Com essa linha de estudo, a ênfase deixa de se limitar às potenciais dificuldades provocadas pela migração às políticas nacionais; pelo contrário, os esforços passam a se concentrar na descrição e construção de redes de contato internacionais, que sustentam relações longínquas e asseguram o direito do migrante existir. Apesar de não terem se tornado, até hoje, o ponto de vista predominante nos estudos a respeito da migração, a mudança de paradigma para uma perspectiva cultural sintetiza a oportunidade de revisão e de verdadeira incorporação de novas dimensões para as considerações sobre o fenômeno estudado neste trabalho (PATARRA, 2006).

A compreensão cultural da vivência do espaço se mostra como um ponto central às teorizações de Tuan – importante autor para este trabalho. Para o geógrafo, a cultura é indispensável ao "devir social" – à realização do homem em sociedade (PEREIRA; FERNANDES, 2011). Seria, portanto, a cultura a mediadora da relação do homem com seu território, inaugurando a possibilidade de agir, construir e reinventar o *seu lugar*.

Num caminho paralelo, Bosi (1993; 2003) reforça a relevância da cultura e da coletividade à ação de recordar. Eliminados os vínculos comunitários – no caso da migração, separados pelas fronteiras dos Estados –, são também eliminados os suportes que sustentam as memórias associadas às vivências pessoais, sociais e espaciais. Na ausência de lembranças dos vínculos – e de vínculos de lembranças –, que reúne testemunhas e intérpretes à memória coletivizada, resta a soberania da história oficial; "em vez da envolvente trama tecida à nossa frente, só nos resta virar a página de um livro, unívoco testemunho do passado" (BOSI, 2003, p. 200).

A partir desse panorama, reforça-se que intenção desta produção é, justamente, expandir os sentidos do fenômeno da migração, se desvencilhando de concepções causalistas e buscando abordar a vivência migratória numa perspectiva interdisciplinar,

levando em consideração a persistência histórica do fenômeno e resgatando a importância da memória coletiva atrelada ao espaço (LITTLE, 2011). Com isso, a tentativa é responder, mesmo que parcialmente, ao desafio nomeado por Patarra (2006), segundo a qual é preciso encontrar uma maneira de "concretizar, em termos teórico-conceituais, as diversas e complexas interligações de instâncias (...) que envolvem os movimentos de pessoas que cruzam fronteiras de Estados-nação" (p. 9).

1.2 Migração e Psicologia

Dialogando com as instâncias social, econômica, cultural, jurídica e institucional (PATARRA, 2006), porém trabalhando por sua superação, aqui propõe-se a inclusão da dimensão subjetiva – ou, psicológica – enquanto alvo de pesquisa em migração. Para tal, terão o foco, nesta produção, perspectivas que priorizem concretizar uma leitura que abrace, principalmente, a maneira como a migração aparece e é vivenciada por seres humanos concretos, que, por sua vez, concretizam o fenômeno. Este propósito parte do entendimento de que falar sobre migração é falar sobre *ser humano*.

A herança material e imaterial dos deslocamentos empreendidos durante a história da humanidade é carregada por todos os sujeitos, de todos os povos, à sua maneira. Como lembra Little (2011),

Desde suas origens remotas que as pessoas se movimentam. Por isso, um estado de desterritorialização [...] é também uma parte fundamental da condição humana. Embora seja freqüente o desejo por parte dos desterritorializados de encontrar suas raízes, situações de carência de lar, homelessness, podem durar gerações." (p. 8)

Este breve excerto apoia o pressuposto segundo o qual estudar a migração significa, também, estudar a condição humana – inclusive, em sua singularidade. Significa, ademais, pensar na maneira como a relação com os lugares – e a eventual separação destes – pode ser fundante daquilo que é entendido por ser humano (DAL GALLO, 2011). Nesse sentido, portanto, considera-se que a Psicologia e seus saberes podem funcionar como uma ferramenta importante ao entendimento das dinâmicas e dos sentidos que são adjacentes aos processos migratórios mundo afora.

Seria equivocado afirmar, entretanto, que a disciplina psicológica não vem se ocupando desta temática em suas produções. Lechner, no artigo *Imigração e saúde mental*, (2007), resume as consequências exercidas pela experiência migratória nos vínculos cultivados pelo sujeito durante toda a vida; a tese da autora é de que a migração

carrega em si um mal-estar próprio. Lechner ainda problematiza a patologização do ser-migrante, ao passo que defende a importância de que serviços de apoio psicológico sejam oferecidos a essa população.

A preocupação de Lechner (2007) com a patologização do migrante diz respeito não apenas à prática psicológica, mas também à produção acadêmica acerca da temática. O artigo *Uma Viagem Psicológica pela Migração*, de Dias (2005), por exemplo, se empenha em caracterizar a migração como um ato traumático que, enquanto tal, carregaria um acentuado potencial de desenvolvimento psicopatológico. Apesar de esclarecer que o surgimento de transtornos mentais não pode ser tomado como regra ou, ainda, que sua incidência se dá em decorrência de diversos fatores (inclusive sociais e culturais), Dias (2005) defende que o destino da "viagem pela migração" se concretiza pela busca pelas etiologias das Psicopatologias da Migração.

Caminho similar é percorrido por Daure, Reyverand-Coulon e Forzan (2014) em seu artigo *Relações familiares e migração: um modelo teórico-clínico em psicologia*. A intenção da produção é "trazer a questão da imigração para a cena da terapia" (p. 94), enfatizando o possível caráter de desequilíbrio assumido por famílias que migram, ou que se separam de parentes devido à migração. Apesar do foco nas disfuncionalidades e na emergência por psicoterapia, porém, os autores se comprometem com o combate aos determinismos da Psicopatologia e aos esforços contínuos pela assimilação dos migrantes nos locais de destino. Denuncia-se:

A falta de formação dos psicólogos e dos trabalhadores sociais com relação à psicopatologia do imigrante, adicionada à escassez de políticas públicas destinadas a favorecer o acolhimento do imigrante e seus descendentes seguem o sentido de uma lógica assimilacionista, pela qual o imigrante deve fazer tábula rasa do seu passado cultural para melhor incorporar a cultura do país de imigração. (*ibidem*)

Vale destacar, ainda, que os autores, por mais que intencionassem concluir um estudo na perspectiva sistêmica, precisaram recorrer a um vocabulário proveniente da Psicanálise para discorrer sobre a migração. Nesse sentido, nota-se a tendência pela supremacia assumida pelas vertentes psicodinâmicas nas pesquisas que associam Migração e Psicologia e a dificuldade de pesquisadores em respeitar o rigor acadêmico a partir de suas próprias correntes teóricas.

Dantas et al. (2010) também se apropriam da migração através da Psicologia; dessa vez, porém, o foco recai sobre o constructo da identidade. No artigo intitulado *Identidade, migração e suas dimensões psicossociais*, os autores trabalham com a questão identitária do migrante numa perspectiva intercultural, baseando-se, mais uma

vez, em abordagens psicodinâmicas. Estendendo-se às dimensões familiar e das redes sociais, os autores analisam a migração enquanto um fenômeno em ascensão no mundo globalizado, com o potencial de trazer implicações à constituição subjetiva de seus atores. Dantas et al. (2010) defendem ainda que a perspectiva subjetiva, nos estudos migratórios, pode oferecer dados e conclusões importantes à elaboração de:

(...) medidas concretas que envolvem o acesso aos direitos de cidadania a todos e o reconhecimento de cidadãos biculturais (ou multiculturais) como a personificação da possibilidade de ampliação e enriquecimento cultural de todas as sociedades, possibilitem contatos interculturais baseados no respeito a si e ao outro, baseado em concepções de processo e não estanques ou monolíticas e nos direitos humanos, de todos. (p. 57)

Ainda na temática da identidade, Miranda (2019) parte das produções de Antônio da Costa Ciampa para pensar a migração. Posicionando-se, dessa vez, a partir do olhar da Psicologia Social, o artigo *O estudo das migrações a partir da Psicologia Social: Uma perspectiva crítica* propõe o diálogo entre a Psicologia Social Crítica e os estudos transnacionais, enfatizando o papel das redes (sociais e materiais) entre territórios na constituição da identidade. Assim, se apropriando de termos apresentados por Ciampa, a autora compreende que a identidade migrante é exposta a uma multiplicidade acentuada de determinantes (de classe, gênero, raça, nacionalidade), se posicionando enquanto uma:

(...) metamorfose das metamorfoses, na medida em que se alteram as condições nas quais o sujeito está inserido, ou seja, migra-se de um país com um conjunto de determinações para outro com determinações totalmente diferentes, gerando novas possibilidades e impossibilidades (p. 576-577)

Outra forma como a Psicologia se ocupa da migração é por meio de questionários de dados quantificáveis; um exemplo pode ser encontrado no artigo *Migração e qualidade de vida: um estudo psicossocial com brasileiros migrantes*, (FRANKEN; COUTINHO; RAMOS, 2009). Neste, as autoras avaliam questionários de qualidade de vida aplicados em brasileiros que moram na Suíça. As principais conclusões do estudo concentram-se no fato de que a qualidade de vida dos participantes depende da relação entre os "sistemas cognitivos, perceptivos e sociais dos grupos emergentes" (p. 425) e, com isso, fica evidenciado o caráter dialético da experiência migratória.

Nesse sentido, nota-se um esforço exercido pela Psicologia em produzir conhecimento a respeito dos movimentos migratórios e das subsequentes implicações à vida humana e à vivência subjetiva. É marcante, de qualquer modo, a dissidência de

enfoques. São cobertas pelo mesmo guarda-chuva concepções completamente divergentes sobre como a migração deve ser explorada; seja na discussão sobre a (des)patologização, seja na baixa variedade de abordagens teóricas que se ocupam do assunto, ou ainda dos métodos (qualitativos, quantitativos ou teóricos) adotados pelas pesquisas. Ainda assim, entende-se que a Psicologia se esforça, mediante as emergências do mundo contemporâneo, em teorizar sobre a vivência subjetiva daqueles que cruzam fronteiras num mundo globalizado.

1.3 Ser-migrante

Dal Gallo (2011), ao discutir a dimensão existencial da migração, salienta que o olhar sobre a chamada "microescala" do fenômeno é o que proporciona um entendimento mais complexo da maneira como este se apresenta à vida do migrante. Assim, se opondo aos mais tradicionais estudos a respeito da temática, a autora propõe uma análise das vivências migratórias em suas particularidades, permitindo uma compreensão menos massificada dessa experiência. Para tal, trabalha com a exploração da relação migrante-lugar, a qual "implica tratar a migração como uma questão ontológica" (p. 45).

Nesse sentido, Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) partem da pergunta "que é ser migrante?". Com esta, a intenção é que a ênfase recaia sobre a exploração dessa experiência de maneira fenomenológica – ou seja, busca-se a compreensão do modo como o fenômeno da migração aparece à experiência do ser-no-mundo. Procurando responder a esta pergunta, os autores oferecem a conclusão de que o migrante é, sobretudo, um *ser em deslocamento*.

O simples uso do termo "deslocamento", neste caso, expõe a relevância da utilização de noções oriundas da disciplina geográfica para a compreensão existencial do fenômeno da migração. Partindo do entendimento de que a migração consiste num fenômeno fundamentado na locomoção pelo espaço geográfico (DAL GALLO, 2011), a apreensão do ser-migrante atravessa a descrição da relação daquele que migra com as espacialidades. Além disso, a preposição "em", seguida do termo "deslocamento", enfatiza a importância de se apropriar dessa ideia enquanto um processo – ao passo que é negada a noção de que a migração poderia ser estudada como um fato estático e isolado da realidade em que se dá (DANTAS *et al.*, 2010).

O migrante, ao fazer a escolha de se deslocar, está sujeito à imposição dos aspectos da realidade em que se migra – seja do local de destino, seja do local de

partida. A este respeito, explicitam Dantas *et al.* (2010), que as circunstâncias em que se dá a migração são responsáveis por conflitos relativos

(...) à própria identidade, a identidade grupal, os próprios valores, envolvendo questões étnico-raciais, vivência de preconceito, educação dos filhos, relações familiares, questões intergeracionais, de gênero, enfim, uma gama de questões relativas à própria existência humana. (p. 49)

Nesse sentido, de forma resumida, tem-se que as experiências existenciais da migração são formadas pela construção de sentidos que levam em conta, por um lado, a abertura dos locais em "aceitarem e acolherem os migrantes" (DAL GALLO, 2011, p. 48) e, por outro, a disponibilidade do migrante em se inserir em um espaço no qual é estrangeiro – aspecto que logo será expandido.

Partindo dessa discussão, portanto, é essencial sinalizar que as ponderações produzidas a respeito da experiência singular da migração precisam abarcar as adversidades e os estranhamentos advindos da situação social e cultural em que se dá o deslocamento. Em outras palavras, as experiências ligadas às circunstâncias da escolha e da concretização da migração devem ser trabalhadas como fundantes da vivência e levadas em consideração numa leitura existencial e crítica do fenômeno.

Vale lembrar que essas circunstâncias se apresentam numa realidade fundada no espaço geográfico; elas surgem e são percebidas em função dos sentidos e significados atribuídos aos lugares ocupados (PEREIRA; FERNANDES, 2011). Assim, as escolhas implicadas no ato de migrar não dizem respeito apenas às referências sociais e culturais das sociedades, mas se encontram baseadas, também, na experiência única que emerge da relação com os territórios e das significações coletivas a eles atribuídas.

Portanto, levando em consideração a ideia segundo a qual o território se configura no espaço geográfico em que a vida humana se concretiza e se realiza (SANTOS, 2006), não seria exagero considerar que o migrante, ao deixar para trás seu território de origem, sofra não apenas uma perda do espaço, mas que sua posição de ser-no-mundo passe a experimentar uma ausência de parâmetros concretos e significações individuais e grupais. Diante disso, cabe o questionamento: é possível dizer que o migrante é um ser desterritorializado?

A fim de tentar apresentar um entendimento a essa indagação, recorre-se, mais uma vez, a Dal Gallo (2011), que, ao se ocupar da relação migrante-lugar, expõe a maneira como o migrante é submetido à necessidade de produzir escolhas ontológicas no processo de migração. Isto é, a autora identifica a inevitabilidade, para o migrante, em

atravessar uma negociação (DANTAS *et al.*, 2010; DAL GALLO, 2011) estabelecida, por um lado, com o local de origem e, por outro, com o local destino.

Ao se descolar de sua referência espacial primária, o migrante se distancia fisicamente dos aspectos materiais do espaço, ao passo que negocia os aspectos imateriais nele fundados. A fim de promover a continuidade de sua narrativa existencial e possibilitar a "inserção do ser em uma realidade geográfica alheia" (DAL GALLO, 2011, p.46), o migrante encontra-se à frente da tarefa de escolher: se vai renunciar a valores e a costumes de seu território de origem; se assimilará aqueles que dizem respeito ao local de destino; ou, ainda, se sintetizará os velhos e novos costumes às suas práticas cotidianas e/ou culturais.

A autora sinaliza que aquilo que caracteriza essa negociação é o limiar entre "ser daqui" e "ser de lá" no qual está posicionado o migrante. Este, nesse sentido, assume a condição de "estar-entre". Nas palavras de Dal Gallo (2011):

O migrante não partilha, de imediato, das suposições locais sobre os hábitos e condutas. Ele não se desvencilha, *a priori*, de seus laços de amizade, parentesco e pertencimento. (...) O migrante não vive o movimento migratório de forma polarizada, unidirecional e linear. (p. 47)

Assim, ao invés de experienciar simplesmente uma ausência de referências, o migrante pode ser tomado por um duplo sistema de costumes e valores (DANTAS *et al.* 2010), oportunizando o que pode ser chamado de uma *transição ontológica*. Para Dal Gallo (2011), essa transição de referências reflete e constrói vontades, intenções, humores e necessidades do ser, exercendo, portanto, papel importante na maneira particular como o fenômeno migratório é experienciado por cada um.

Ao falar sobre a dita transição, é difícil não tecer considerações a respeito da relação do migrante com a ideia de identidade. Isso porque, se há uma transição ontológica, pode-se dizer que esta se refere a uma mudança na relação que uma pessoa estabelece, inclusive, consigo mesma. A noção de identidade, porém, é enigmática à Fenomenologia, cujos autores se orientam pela máxima de que o ser humano nunca "é", mas sempre "está sendo" (PRADO, 2018). Nesse sentido, a ideia de que a identidade equivaleria a uma representação estática e fundante do ser não serve ao pensamento fenomenológico.

A questão da identidade representa, de qualquer forma, um tema caro às disciplinas psicológica e filosófica e, por essa razão, subversões à ideia de permanência surgem através de autores que se embasam na Fenomenologia. Este é o caso, por

exemplo, de Dulce Critelli (2012), que elabora uma discussão sobre a ideia de identidade em seu livro *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*.

Neste, Critelli (2012) defende que a identidade é erguida e alimentada por meio de narrativas coletivamente construídas. Essas narrativas são formadas pelos testemunhos que se expressam em linguagem, por meio de relatos, histórias e historietas. Estas sintetizam e organizam acontecimentos e percepções que emergem da relação com os outros; são construções de sentido que emergem da condição humana da coletividade – o ser é sempre "ser-com". Nessa leitura, compreender a si é receber e interpretar o olhar do outro. Nas palavras da autora,

(...) esses relatos sobre nós mesmos e nossas possibilidades de ser, não os construímos na solidão. Nem mesmo fomos os primeiros a enunciá-los. Os outros com quem convivemos são a fonte original de nossas autointerpretações. (p. 45)

A narrativa é essa interpretação de nosso ser que captura compreensivamente a história que nossa vida realiza. Ela captura a personagem que temos sido, fomos e podemos ser. É a narrativa que descortina os fios de sentido que nos conduziram e motivaram e não os havíamos percebido. (...) a narrativa descobre uma biografia numa vida. (p. 39)

Os fios de sentido a que se refere Critelli (2012) dizem respeito à maneira como os fatos são organizados na narrativa da identidade a partir da capacidade de lembrar. O que possibilita um autoentendimento e uma autointerpretação é a memória, da qual emergem concepções, falas e situações e a partir da qual se apresenta a possibilidade de projeção do futuro. A identidade é, portanto, a forma pela qual os seres humanos dispõem de se situar no mundo de maneira singular.

Num movimento de recordação de quem se foi e de lançamento ao vir-a-ser, o homem "vai sendo" – se avaliando, se compreendendo, se construindo e se situando. Para Critelli (2012), "O "eu" não é nenhuma entidade objetiva e objética, encarcerada numa personalidade inata, mas resultado das ações de um indivíduo, espalhadas no todo da sua existência, compondo uma história surpreendente." (p. 35)

Assim, ao levar em consideração a iminência de uma transformação do ser no processo de migração, é possível propor a ideia de que esta, enquanto processo de deslocamento de um "mundo" a outro, se impõe enquanto um momento de ruptura na organização da narrativa daquele que a protagoniza. Enfatizando a emergência humana pelo "situar-se" (CRITELLI, 2012), pode-se dizer que, perante novas testemunhas, o migrante se vê diante da urgência de desfazer alguns pontos e, com um novo fio, tecer novos sentidos à compreensão de si; tecer, de certa forma, uma nova identidade.

Nesse sentido, ao se deslocar, o migrante é obrigado a atravessar um questionamento referente ao próprio ser, o que coloca à prova sua "segurança ontológica" (DAL GALLO, 2011, p. 48) – processos que não são limitados a uma experiência migratória, mas que certamente se intensificam e se desvelam no deslocar dos seres humanos.

Com isso, não seria suficiente caracterizar a experiência migrante enquanto uma desterritorialização – uma perda total de suas referências espaciais. É importante considerar que o migrante, ao revisar seu entendimento de si a partir da negociação que se impõe, está sujeito, ainda, a um processo de reterritorialização (LITTLE, 2011), cuja temporalidade é totalizada com o passado no território de proveniência e o futuro que o ser há de viver e construir no local de destino (SANTOS, 2006).

Assim, enfatizando a noção de processo e não ignorando as circunstâncias que se apresentam na sociedade de destino, considera-se que o migrante não está condenado à condição de "deslocado" no lugar em que se assenta. Pelo contrário, ele tem a possibilidade de negociar um novo ser-no-mundo e uma reedição de sua identidade.

A noção de reterritorialização é importante, ademais, a partir da consideração de que o migrante não abandona por completo seu território de origem, uma vez que não necessariamente renuncia à língua materna, aos costumes e à cultura que lhe são comuns (pegar referência). Indo além, como já comentado, o migrante contemporâneo tende a adotar práticas transnacionais em seu cotidiano, mantendo o contato e (re)construindo vínculos com as espacialidades e com as pessoas do território de partida (SCHILLER; BASCH; BLANC, 2019);

Aviões a jato, telefones, faxes e a internet certamente facilitam a manutenção de laços estreitos e imediatos com o país de origem. (...) a tendência dos transmigrantes de hoje em dia para manter, construir e reforçar ligações múltiplas com seus países de origem parece ser facilitada, mais do que produzida, pela possibilidade de encurtar tecnologicamente o tempo e o espaço. (*idem*, p. 363)

Em suma, compreende-se que migrar é uma escolha que se concretiza na busca a uma continuidade à própria narrativa existencial, aliada a uma transformação coerente à totalidade do ser, levando em consideração a abertura fornecida pelo local de destino e às limitações impostas pela situação de saída. Tendo o lugar – o espaço geográfico e sua respectiva significação – como "instância e circunstância" (DAL GALLO, 2011, p. 45) para o migrante poder gerenciar sua identidade perante sua condição primordial de ser-no-mundo, o ser também precisa se lançar à mudança e às possibilidades de existir em um novo lugar. A reflexão apoiada na relação migrante-lugar é, então, capaz de

"elucidar os caminhos, percalços, desafios e possibilidades do processo de negociação da presença e pertencimento dos migrantes no destino" (*ibidem*).

2 Método

O presente trabalho tem como intenção oferecer uma compreensão à questão: "*como um(a) migrante percebe sua condição existencial frente à experiência da migração?*". Para tal, optou-se pelo método fenomenológico, que se apoia no movimento de "ir às coisas nelas mesmas" (HUSSERL 2014) – ou, no movimento de ir ao encontro daquilo que aparece (e pode aparecer) com o fenômeno estudado.

A fenomenologia, segundo Critelli (2019), se contrapõe à tradição filosófica ocidental, uma vez que nega o paradigma segundo o qual a busca pelo conhecimento válido seria equivalente à busca por uma verdade universal (através da neutralidade do método científico). A autora trabalha com a retomada que Heidegger propõe ao termo "fenômeno" para apresentar a maneira como este desconstrói a base sobre a qual se estrutura a ciência moderna; para o filósofo alemão, fenômeno é "o que se revela, que se mostra em si mesmo" (HEIDEGGER, 2005, p. 58) a um olhar (CRITELLI, 2019).

Examinando-se concretamente os resultados da interpretação de "fenômeno" e "logos", salta aos olhos a íntima conexão que os liga. Pode-se formular em grego a expressão fenomenologia com as palavras: *ékein ta phainόμενα*; *lékein*, porém, significa *apophaínesthai*. Fenomenologia diz, então: *apophaínesthai ta phainόμενα* – deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo. É este o sentido formal da pesquisa que traz o nome de fenomenologia. Com isso, porém, não se faz outra coisa do que exprimir a máxima formulada anteriormente "para as coisas elas mesmas!" (HEIDEGGER, 2005, p. 65)

Essa máxima se desdobra na impossibilidade, do ponto de vista fenomenológico, de que se opere uma separação entre sujeito e objeto do conhecimento. Tal conclusão se posiciona de maneira revolucionária perante a tradição científica e permite o entendimento de que o conhecimento não se localiza retido no sujeito ou no objeto – mas sim, no espaço potencial entre ambos, no "meio do caminho".

Assim, no ponto de encontro entre o fenômeno que se mostra e o olhar que o captura, está o desocultamento. Para Heidegger, o ato de desocultar recai sobre o que os gregos denominavam *Alétheia* – a verdade que pode ser revelada (ou, desvelada), mas não definida (CRITELLI, 2019). O método fenomenológico, nesse sentido, se posiciona enquanto questionamento de um conhecimento que se pretende único e universal, ao passo que opera no sentido da revelação de perspectivas como caminho para a compreensão da realidade.

Nessa direção, o conhecimento almejado por esta pesquisa se posiciona, necessariamente, no campo dos possíveis; ou seja, aqui assume-se o compromisso de

abandonar quaisquer pretensões de alcançar respostas totalizantes e generalizáveis perante o acontecimento da migração, desobstruindo de julgamento o espaço em que se empreende o diálogo e se abrindo à espontaneidade do relato da pessoa migrante.

Assim, é acertado que a investigação teve como foco uma perspectiva dentre as diversas possibilidades de observar uma realidade, uma vez que esta não existe de maneira independente dos olhares que a apreendem (CRITELLI, 2019). Com isso, entende-se que a investigação depende de uma síntese de condições, dentre as quais se destaca a visão única com que contribui o participante da pesquisa ao desocultamento do fenômeno (SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2022) e o olhar da pesquisadora a respeito deste desocultamento.

Em adição a isso, é imprescindível destacar a posição defendida por Szymanski e Szymanski (2022), segundo as quais o ato de pesquisar equivale a uma atitude de abertura, por parte do pesquisador, à realidade estudada – e, principalmente, às dinâmicas de tempo-história-lugar que se apresentam à investigação. Assim, negando qualquer tentativa de afastamento da situação de pesquisa ou de presumir uma posição de suposta neutralidade, assume-se o compromisso de se deixar tocar pelos elementos que emergem da conjuntura estudada e, principalmente, da narrativa construída pelo participante de pesquisa.

Conforme Critelli (2019),

Toda perspectiva, todo ponto de vista é simultaneamente singular e plural, e é ela que confere realidade e verdade ao ver e ao visto. Mas, como toda perspectiva está situada num ponto do mundo, como não há a possibilidade de "um ponto fora do mundo", toda perspectiva jamais vê tudo. A visão total e absoluta só seria possível se os homens não estivessem condicionados à uma existência situada e datada, isto é, se eles pudessem se distanciar da existência com seu ontológico incrustamento numa situação, numa circunstância, num território, num tempo, num modo de ser..." (p. 16)

Essa posição dialoga com as posturas investigativas propostas por autores como Ecléa Bosi e Walter Benjamin, que fundamentam a introdução deste trabalho. Em *Notas sobre narração e experiência em Walter Benjamin* (2008), Quevedo defende a perspectiva benjaminiana segundo a qual "a narração prescinde de explicações" (p. 106). Assim, não cabe ao interlocutor – ou, ao pesquisador – verificar a plausibilidade do relato do narrador ou propor sentenças explicativas a seu respeito; o papel do ouvinte é o de renunciar à "interpretação psicológica" e se abrir à apropriação da história contada.

Também em referência à Walter Benjamin, escreve Ferreira (2011):

O estudo da palavra do outro implica a elaboração de uma nova relação com a lembrança e com o esquecimento. (...) Os estudos de Walter Benjamin não visam a uma defesa do acabamento do passado ou a uma individualização absoluta da palavra do outro, mas à possibilidade de instituir conexões entre os tempos e os indivíduos. (p. 128-129)

Bosi (1989) segue uma direção semelhante. Segundo a autora, o foco da investigação não recai sob a veracidade dos fatos trazidos à tona no relato estudado; pelo contrário, o respeito pleno ao caminho espontâneo trilhado pelo narrador em sua recordação é uma das bases sobre as quais se sustenta a pesquisa em memória. Assim, obedecendo à trama de sentidos associada à memória e construída pessoal e coletivamente na história de vida, reitera-se o protagonismo do participante como um pressuposto da pesquisa que parte da escuta de reminiscências.

A construção deste trabalho segue, portanto, os diálogos possíveis entre o método fenomenológico e os autores Bosi e Benjamin. Com isso, intentou-se construir um conhecimento que questiona o modelo positivista de ciência (SZYMANSKI & SZYMANSKI, 2022) e que se posiciona, através de um fazer científico comprometido, de maneira contrária à história de opressão instigada por uma epistemologia que tenta se dizer neutra perante a realidade.

2.1 Procedimentos

O procedimento selecionado para a etapa prática foi retirado do capítulo escrito por Szymanski e Szymanski ao livro *Psicologia Fenomenológica e Existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação* (2022), de Melo e Santos (Org.). No trecho, intitulado de *A pesquisa na perspectiva fenomenológica: uma proposta dialógica e colaborativa*, as autoras propõem a Entrevista Reflexiva como caminho para a execução da pesquisa em Fenomenologia com participantes.

Este procedimento surgiu na década de 1990, a partir dos trabalhos realizados no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação (PPGE): Psicologia da Educação da PUC-SP. Neste, a entrevista é compreendida enquanto o meio através do qual o fenômeno estudado pode aparecer.

Segundo Szymanski e Szymanski (2022), a entrevista é, fundamentalmente, uma conversa – ou, um diálogo – entre duas pessoas. Enquanto uma conversa, é um instrumento de investigação que carrega aspectos associados às interações humanas –

tais como as percepções, as expectativas, os sentimentos, as emoções, os preconceitos, as interpretações e, sobretudo, as redes de sentido construídas por ambos os interlocutores.

É relevante tecer, portanto, considerações a respeito da base em que se posiciona o diálogo que se pretende empreender: a escuta. Esta se apresenta como a chave para a condução da entrevista-conversa sob circunstâncias científicas. Para as autoras, a escuta, na pesquisa fenomenológica, é:

Uma escuta que procura deixar de lado conhecimentos prévios que podem ou não se confirmar, que busca ter presente a existência do mundo e dos mundos que estão entre as pessoas, que está consciente das diferenças entre esses mundos, que está atenta aos grupos sociais a que os(as) interlocutores(as) pertencem, que considera que idade e sexo de quem está entrevistando são fatores que influenciam as respostas de quem é entrevistado. (SZYMANSKI & SZYMANSKI, 2022, p. 249)

Em adição a isso, é importante ressaltar o caráter reflexivo do instrumento aqui apresentado. Ao se curvar sobre o que foi dito por seu interlocutor, a pesquisadora assumiu o papel de tornar explícito o entendimento alcançado com a narrativa (SZYMANSKI & SZYMANSKI, 2022, p. 249). Esse movimento enfatiza o componente compreensivo da pesquisa, se revelando como ferramenta importante para garantir o respeito para com aquele que se fez disponível à investigação.

A realização da entrevista se deu nos seguintes momentos (que conservam uma complementaridade entre si): a) planejamento; b) condução da entrevista; e c) devolutiva (SZYMANSKI & SZYMANSKI, 2022).

Como parte do (a) planejamento, delimitou-se como objetivo da pesquisa a expansão da compreensão do fenômeno da migração à luz da Psicologia de inspiração fenomenológica, levando em consideração a passagem de tempo implicada entre o ato migratório e a realização da entrevista. Para tal, optou-se pela entrevista com uma pessoa adulta (maior de 18 anos) que tenha realizado movimento de migração há, pelo menos, vinte anos (até 2003).

A participante foi selecionada a partir do critério de amostragem por conveniência da pesquisadora e da entrevistada. O contato inicial se deu via *Whatsapp*; nesta comunicação, a modalidade da entrevista (presencial) e o local de realização desta foram acordados, bem como as possibilidades de data e horário de ambas as partes.

Uma vez definidos os detalhes que antecedem ao encontro, a entrevista foi agendada. Na ocasião, esta foi inaugurada com a explicitação, à participante, a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa, etapa que precedeu a anuência das três vias

do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1). Neste momento, a participante solicitou que a entrevista fosse realizada em dois momentos diferentes: primeiramente, seria realizada uma conversa sem a presença do gravador de áudio, o qual seria introduzido num segundo momento, em que perguntas poderiam ser refeitas ou, como de fato aconteceu, acrescentadas à interlocução. Apesar de o pedido não ter sido mencionado nas mensagens preliminares ao encontro – e, portanto, de não estar contemplado no planejamento prévio à entrevista –, a solicitação da entrevistada foi acatada a fim de respeitar sua privacidade e de lhe fornecer a oportunidade de sentir segurança no estudo de que estava prestes a participar.

Com isso, a entrevista foi realizada em duas partes (no mesmo dia), em dois espaços diferentes (ambos no local de trabalho da entrevistada), sendo apenas a segunda parte submetida à gravação para posterior transcrição. Ainda que houvesse, de minha parte, o receio pelo excesso de repetição das histórias, memórias e opiniões nesses dois momentos, cada segmento da entrevista conservou uma totalidade própria. Em associação, ambas foram essenciais para a compreensão mais profunda da experiência de migração relatada.

A condução da entrevista (b), em ambos os momentos, foi inaugurada com a explicitação da questão desencadeadora "como você entende, hoje, a sua experiência como migrante?". Esta foi lançada para que a entrevistada pudesse discorrer livremente a respeito de suas experiências e ideias, dando abertura à possibilidade de organização da narrativa.

Com o propósito de enriquecer a conversa empreendida em entrevista, era previsto que a questão inaugural fosse acompanhada por interrogações adicionais, emergentes da espontaneidade do diálogo. Apesar de não serem absolutamente necessárias na caracterização do procedimento aqui descrito, elas contribuíram para ampliar a compreensão do fenômeno através de um esforço pelo desvelamento deste (SZYMANSKI & SZYMANSKI, 2022).

Portanto, a presença destas era prevista para a condução da entrevista. Ainda que não pudessem ser previamente planejadas, questões: i) de síntese; ii) de esclarecimento; iii) de aprofundamento; e iv) de focalização funcionaram como pontes que garantiram a fluidez do diálogo e sobretudo, a aproximação de um entendimento mais penetrante do fenômeno estudado (idem).

As atitudes utilizadas para viabilizar o emprego destes recursos foram baseadas na descrição proposta por Szymanski e Szymanski (2022) à postura do pesquisador. Durante a condução da entrevista, foram oportunizadas questões de síntese (i), retomando a ideia

apresentada pela participante, na tentativa de garantir o alinhamento nos raciocínios entre pesquisadora e participante.

Já as questões de esclarecimento (ii) foram utilizadas quando o raciocínio em que a entrevistada baseou sua fala não foi acompanhado pela entrevistadora, abrindo a possibilidade para que a compreensão da fala da participante fosse mais penetrante. As questões de aprofundamento (iii) se apresentaram como possibilidade de aprofundamento de temáticas tocadas de maneira superficial pela entrevistada. Vale pontuar, entretanto, que questões de focalização (iv) não se fizeram necessárias, uma vez que momentos de digressão (ou, afastamento demasiado dos propósitos da pesquisa) não ocorreram.

Após a realização da entrevista, cumpriu-se a transcrição das falas oriundas da conversa entre participante e pesquisadora (Apêndice 2). Sob essa transcrição, foi lançado um olhar analítico preliminar, a fim de produzir um esboço da compreensão imediata da situação de entrevista. A "pré-análise" foi, então, concedida à entrevistada para a revisão e aprovação, inaugurando o momento da devolutiva (c). Diante desse material, à participante foi entregue a oportunidade de pedir pela exclusão ou atualização das informações fornecidas, que foram alteradas conforme solicitado (SZYMANSKI & SZYMANSKI, 2022).

Assim, em momento posterior à avaliação da pré-análise pela participante, foi realizado um encontro virtual com a finalidade de dialogar a respeito das impressões preliminares que haviam sido alcançadas. Nessa ocasião, além de apresentar à entrevistada alguns entendimentos produzidos após a transcrição do relato gravado, outros questionamentos foram elaborados e apresentados. Nesse sentido, a reunião de devolutiva tornou-se um terceiro momento de entrevista (ao qual foi submetido à gravação e transcrição, mediante anuência da participante).

2.2 Participante

Os critérios iniciais utilizados para a descrição do participante de pesquisa se concretizaram na busca por pessoa adulta que tenha nascido em país estrangeiro, tenha realizado movimento migratório em direção ao Brasil e resida na cidade de São Paulo há pelo menos vinte anos. A opção por este último critério se deu em função de aspectos detalhados na introdução deste trabalho; o foco na passagem do tempo cronológico tem como objetivo compreender como a temporalidade implicada na experiência de migração é vivenciada por um migrante.

Além disso, tomando a pesquisa em memória como um eixo desta produção, partiu-se do entendimento de que a circunstância da migração longa poderia contribuir para o movimento de intenso resgate e ressurreição da memória (BOSI, 1979) no sentido da emancipação do migrante dos estereótipos a que está exposto (GONÇALVES; HENRIQUES; MAGNOLO, 2020).

A entrevistada, cujo relato será descrito, será identificada nesta produção através da abreviação "V.", a fim de preservar sua identidade. V. é uma mulher branca (50 a.), cantora lírica, de classe média. Nascida na Sérvia (à época, correspondente ao território da antiga Iugoslávia), migrou em direção ao Brasil no ano de 1997. Desde a chegada a este país, a participante é residente da cidade de São Paulo.

2.3 Análise

Sendo englobada pela ideia de método, a análise do relato da participante é orientada pelo método fenomenológico; nesta etapa, a hermenêutica surge como uma potencialidade importante perante o objetivo máximo do método fenomenológico: ir às coisas mesmas (HUSSERL, 2014). Szymanski, Szymanski e Fachim esclarecem que, na situação de pesquisa:

(...) o que aparece não são meros objetos, coisas em si, mas fenômenos, que acontecem num universo de sentido e se somam à experiência e singularidade de quem ou da cultura que os vivencia. Os sentidos são, portanto, compartilhados por uma cultura, um grupo. É isso que a fenomenologia quer dizer quando nos remete à "coisa mesma", termo cunhado por Husserl que se refere à coisa em questão que aparece para alguém. (SZYMANSKI; SZYMANSKI; FACHIM, 2019, p. 7-8)

À vista disso, os autores entendem que o momento da análise do relato inaugura a possibilidade de produzir um conhecimento interpretativo que se pauta pela subjetividade, historicidade e relatividade "de uma verdade temporalmente condicionada" (p.4). Assim, mediante um esforço interpretativo que visa o desocultamento do fenômeno (HEIDEGGER, 2005), as diferentes formas de expressão são abraçadas, num movimento de abertura ao novo, ao diferente, ao desconhecido.

Para alcançar esse panorama, todas as ações tomadas na pesquisa foram transformadas em textos escritos, reunindo o chamado "material de análise", composto por "transcrição das falas, dados de observação e descrição de imagens" (SZYMANSKI; SZYMANSKI; FACHIM, 2019, p. 14). A leitura da redação desse material inaugurou a

conversação com os aspectos alcançados pela investigação e se configurou como a primeira ação de análise da pesquisa

Essa leitura, conforme indicado pelos autores aqui referenciados, é uma leitura flutuante. Isso significa que os sentidos iniciais (ou projetos de sentido) atribuídos ao texto, uma vez anotados, foram confrontados por um movimento contínuo de leituras e releituras. Esse processo se pautou, como adiantado, pelo desvelamento da "coisa mesma" (HUSSERL, 2014) – no caso, da vivência migrante transpassada pela passagem do tempo cronológico – e paulatinamente, se expandiu para além das posições, visões e concepções prévias da pesquisadora.

Assim, uma das estratégias adotadas foi a conversação com o texto – ou, o esforço de, através da leitura, se colocar no lugar da participante. Com base em partes da narrativa apresentada, foram elaboradas interrogações de sentido, as quais foram posteriormente confrontadas com possíveis respostas:

Na realização dessa conversa hermenêutica com as partes, configuram-se agrupamentos que tratam de afirmações referentes a diferentes temas, ou começam a se formar novas partes, agora incluindo mais afirmações. Há, entretanto, um trânsito contínuo entre elas e o conjunto do texto. Trata-se do caráter circular da construção da compreensão, pois esta vai do todo para a parte, e desta para o todo. Uma compreensão que se formou no início da leitura sobre o que o texto quis dizer deve ser substituída, na continuidade da leitura, pelas novas compreensões que se formam. (SZYMANSKI; SZYMANSKI; FACHIM, 2019, p. 19-20)

Os agrupamentos a que se refere o trecho acima recebem o nome de constelações. Em analogia ao fenômeno celeste, as constelações, além de reunirem as unidades de sentido que emergem em torno de uma ideia, carregam o lugar de onde parte a compreensão do pesquisador – uma vez que toda interpretação é necessariamente situada. Em outras palavras, a opção pelos conglomerados de sentido "(...) segue um critério subjetivo, como as constelações do firmamento olhadas pelas diferentes culturas, e é desejável esclarecer o que orientou a escolha (...)" (*idem*, p. 20-21).

A partir das constelações alcançadas, foram tecidos diálogos com a obra de autores que se ocupam de produzir conhecimentos relevantes para a temática. A ideia de conversação se configura, neste método, portanto, enquanto uma atitude que se dá nas esferas "intra" e "inter" textos, concretizada pelo intercâmbio de saberes entre diferentes áreas de pesquisa e conhecimento.

Nesse sentido, a compreensão dos sentidos que emergiram da entrevista, foi favorecida pelo compromisso em abrir-se às contribuições de distintas áreas do conhecimento – as quais apareceram como uma via que oportunizou a produção de um panorama aprofundado e enriquecido sobre o fenômeno estudado. A proposta do diálogo contínuo foi, nesse sentido, o que viabilizou a compreensão da complexidade dos fenômenos humanos tais como eles se apresentam na realidade (SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2022), "(...) trazendo à tona aquilo que não aparece a priori, sem o cuidado que a conversação com o texto pressupõe" (SZYMANSKI; SZYMANSKI; FACHIM, 2019, p. 22).

3 Dando voz à migração...

O presente capítulo se ocupa de apresentar a narrativa construída por V., bem como oferecer uma leitura fenomenológico-hermenêutica de seu relato. Com base na leitura do texto produzido a partir da transcrição das entrevistas (Apêndice 2), foram delimitadas unidades de sentido que agrupam falas de V. em temáticas semelhantes. A partir do diálogo que podia ser tecido entre as unidades de sentido, estas foram articuladas com citações diretas do relato da entrevistada (recuadas e sinalizadas com a formatação *itálico*) e agrupadas nas seguintes constelações de sentido, apresentadas ao leitor na seguinte ordem: *A falta que a falta faz*; *Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si*; *Re-existir: a memória em rede* (Tabela 1).

Ainda que tenham sido divididas em seções, com o intuito de facilitar a fluidez da leitura, aqui propõe-se que as constelações sejam entendidas enquanto vértices de um triângulo. Por meio da imagem da triangulação, a intenção é abandonar a ideia de linearidade dos fatos, oferecendo maleabilidade à apresentação das interpretações para além da ordem cronológica com que os eventos narrados aconteceram. Com isso, a ênfase recai sobre o constante diálogo que surge entre as constelações, destacando a interdependência dos temas para o objetivo de alcançar uma totalidade de sentido a respeito de uma vivência migratória. Além disso, apesar do caráter de triangulação aqui proposto, a redação do texto organiza-se de tal maneira a garantir a unidade ao fio de sentido que interliga as interpretações propostas.

A constelação *A falta que a falta faz* reúne as unidades de sentido: "família"; "filhos"; "encontros e despedidas"; "contradição" e "saber deixar ir". Nesta, discorre-se a respeito da experiência de falta vivenciada por V. em seu contexto de migração. A reflexão a respeito da experiência relatada por V. levou à associação desta ao vídeo publicado com o título "A falta que a falta faz" pela *youtuber* JoutJout Prazer, em 2018. Neste, a *youtuber* oferece uma interpretação ao livro infantil *A parte que falta*, do poeta Shel Silverstein (1976/2018), enfatizando o lugar da falta na experiência humana. Assim, ainda que implicitamente, vídeo e livro contribuíram para a construção do diálogo entre as unidades de sentido aqui mencionadas.

Já a constelação *Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si* é composta pelas unidades de sentido: "ser e não ser"; "Brasil x Sérvia"; "identidade intergeracional" e "espaço e tempo". A este respeito são tecidas considerações a respeito do processo e repercussões da negociação de si, a qual V. é convocada em sua dinâmica

migratória. Em suma, nesta constelação propõe-se a pensar a emergência pelo transformar-se que acompanha o movimento de reterritorialização.

A constelação *Re-existir: a memória em rede*, por sua vez, é formada pelas seguintes unidades de sentido: "cultura"; "memória"; "possibilidades de co-existir" e "antes e depois". Nessa constelação, a discussão concentra-se nos recursos encontrados e criados por V. para sustentar a existência entre-territórios, bem como nas dificuldades e potencialidades que acompanham o encontrar-se na espacialidade. O vocábulo "re-existir" foi escolhido a fim de salientar três aspectos dessa experiência: o existir; a reedição do existir e o resistir.

A fim de evitar "pontas soltas" na análise a ser apresentada na sequência, uma breve contextualização sobre a história de migração de V. merece ser tecida. Nascida na Sérvia, em meio a uma família de intelectuais, V. concluiu sua formação em Música Clásica na Romênia, onde conheceu seu atual marido, original deste país. Recém-formada e recém-casada, decidiu realizar movimento de migração ao Brasil em 1997, no contexto das guerras de desintegração da Iugoslávia.

No Brasil, a expectativa era trabalhar como cantora lírica solista. Entretanto, foi surpreendida com a oportunidade de compor o coro de uma orquestra sinfônica, onde permanece até hoje. Durante os anos 2000, V. tornou-se mãe de dois filhos. O restante das famílias (dela e do companheiro) permaneceram em seus países de origem e recebem a visita de V., do marido e dos filhos anualmente, ao fim do ano.

3.1 A falta que a falta faz

(...) eu já vejo minha vida assim: um monte de encontros, como se fosse um plano, assim, imagina um campo enorme e a gente vai se encontrando com as pessoas [faz um gesto de "X" com os dedos]. Esses encontros são maravilhosos, rendem sentimentos, rendem experiência, rendem sabedoria, rendem tudo. Mas isso acaba e vamos pros próximos, e vamos pros próximos, e vamos pros próximos.¹

Por meio da descrição no trecho acima, V. revela a maneira como concebe o retrato de sua vida enquanto migrante. Na ocasião da entrevista, este excerto representou parte da resposta oferecida ao questionamento sobre os sentimentos envolvidos na dinâmica migratória-familiar em que a entrevistada está inserida – sua família de origem está na Sérvia, enquanto a família que dela nasceu, o fez no Brasil. Na fala destacada, há uma questão indiscutivelmente relevante, que assinala uma das unidades de sentido

¹ Resposta parcial à questão: "Esses sentimentos associados à atitude de ter vindo pra cá [Brasil], a questão de ter tido filhos aqui, então a continuidade da geração estar aqui, a geração anterior estar lá [Sérvia]... quais sentimentos estão envolvidos nessa dinâmica?"

consideradas na construção da constelação aqui abordada: as tônicas afetivas associadas aos encontros e suas respectivas despedidas.

O panorama desenhado pela entrevistada é caracterizado pela associação de sua trama de relações com a imagem de um "X", a qual oferece elementos para a compreensão de que, para V., a vivência migratória por ela protagonizada é marcada por encontros efêmeros e passageiros, precisamente localizados num plano espaço-temporal, como pontos em uma malha geométrica. Por mais que a entrevistada tenha salientado, repetidamente, a importância dos laços afetivos construídos em sua trajetória para a sustentação de sua posição de migrante (a ser elaborada mais adiante), é indispensável a menção às despedidas em sua vida.

Essas despedidas são bastante frequentes, tendo em vista a posição de V. perante sua terra-natal; para a entrevistada, retornar anualmente à Sérvia remonta um comprometimento (e não um compromisso) firmado há mais de duas décadas – a experiência de despedida é inevitável, sendo ressuscitada todos os anos, de maneira cíclica. O empenho em se fazer fisicamente presente em meio à família e à cultura de origem será desmembrado mais adiante; porém, a ênfase na despedida dessas relações leva à associação de uma experiência afetiva relevante na narrativa aqui trabalhada, que engloba diversas outras: a *falta*.

Vocábulo chave para a nomeação desta constelação, a falta pode ser considerada central à experiência de V. enquanto uma mulher migrante. Ainda em resposta ao questionamento a respeito dos sentimentos implicados na experiência de deslocamento, V. apresentou a seguinte fala:

*E tem outros sentimentos que também, ligado a essa nostalgia, ligado à não-presença, a não estar presente nos momentos cruciais da vida. Então a gente nunca tá presente. Eles também não foram presentes. (...) pequenas ou grandes alegrias ou tristezas que a gente nunca tá presente e eles não estão presentes também.*²

Desta, compreende-se que a não-presença funda experiência de V. como pessoa migrante. E, dessa percepção, surgem questionamentos: quais sentidos envolvem a experiência da falta no contexto de migração? Qual o lugar da falta na vida de alguém que se afasta de um território e se assenta numa outra espacialidade? Longe de propor (e pressupor) generalizações, aqui trabalha-se com a ideia de que a ausência é o plano de fundo para as relações que acompanham o processo de migração – seja para com as

² Resposta parcial à questão: "Esses sentimentos associados à atitude de ter vindo pra cá [Brasil], a questão de ter tido filhos aqui, então a continuidade da geração estar aqui, a geração anterior estar lá [Sérvia]... quais sentimentos estão envolvidos nessa dinâmica?"

peessoas, com o território, ou, ainda, com o tempo. De certa forma, o relato de V. indica que, diante da imponente presença da falta, esta *preenche* seu existir com tonalidades afetivas que colorem sua condição de migrante – a condição de ser-reterritorializada (LITTLE, 2011).

Nesse sentido, a falta refere-se à família que ficou na Sérvia (neste caso, "família" representa outra unidade de sentido dentre as que compõem esta seção). À não-presença em eventos cotidianos, em marcos da vida, nas chegadas e, principalmente, nas despedidas. A vivência relatada pela entrevistada direciona ao entendimento de que há "buracos" que, por vezes, não podem ser preenchidos à distância e que refletem, principalmente, a construção de reconhecimento mútuo e entendimento entre os *seus*:

*(...) uma mistura de prazer com lágrimas, assim. Porque a gente gosta de estar no Brasil, mas no mesmo tempo, a gente sente super saudade dos nossos países; nossos pais, nossos irmãos vinham pra cá, adoravam o Brasil como turistas, né, mas também odiavam o Brasil, porque parece que é um país que tirou os filhos deles.*³

Dessa dinâmica, surge uma percepção importante: certas faltas são assimiladas pela passagem do tempo; tornam-se suportáveis à medida que a vida cotidiana se impõe. Certas faltas, porém, são imponentes demais para se esconder sob o lençol dos instantes; seu peso cobra a emergência de vivê-las e senti-las, mesmo que tardiamente. Nessa luta entre passado e presente, vence a despedida solitária acrescida da não-presença, condição que se manifesta, sobretudo, diante da experiência de perda. V., por exemplo, evita entrar em detalhes sobre a recente morte dos pais, mas sua fala indica uma vivência *tardia* dos acontecimentos marcados pela ausência; uma despedida temporalmente deslocada:

*Eu só percebi que essa coisa é real [a morte dos pais] quando eu cheguei lá. Então essas férias minhas eu passei me despedindo. Deles, de casa, sabe? Visitando eles no cemitério ao invés de casa, sabe?*⁴

Mas, a falta refere-se, também, à família que se estruturou no Brasil. A V. do Brasil é a mesma da Sérvia? Como essa fissura em sua narrativa pessoal se reflete nas

³ Resposta parcial à questão: "O que significa para você ser uma migrante internacional e, atualmente, residir no Brasil?"

⁴ Fala em resposta parcial ao comentário "Adorei essa imagem dos 'X'.", tecido em função da réplica dada à questão "Esses sentimentos associados à atitude de ter vindo pra cá [Brasil], a questão de ter tido filhos aqui, então a continuidade da geração estar aqui, a geração anterior estar lá [Sérvia]... quais sentimentos estão envolvidos nessa dinâmica?"

relações emergentes do território brasileiro, mais precisamente, nos espaços da capital paulista? Qual o lugar ocupado por V. perante essas relações? Esses questionamentos parecem ganhar contornos mais evidentes quando se discorre sobre a geração que segue à migração – aos filhos, os descendentes brasileiros, que demarcam mais uma importante unidade de sentido à constelação aqui desmembrada.

Existe a compreensão, por parte de V., de que seus filhos ocupam, enquanto descendentes de migrantes, uma posição marcada, também, pela falta – pela privação de suas origens. É carregado de afeto o momento em que a entrevistada apresenta a situação com a qual se deparou na infância do filho mais novo:

A frase que meu filho perguntou quando tinha acho que 6 ou 7 anos, assim: "por que que você fez isso com a gente?" Falei "o que, filho?"; "Por que que você nos privou dos nossos avós?". Isso foi... me acabou, né? Por um tempo.⁵

A privação anunciada pela criança e compreendida por V. refere-se não apenas à ausência física de avós, primos e tios no dia a dia; refere-se, mesmo que implicitamente, às sustentações materiais que encarnam a cultura, os costumes e as línguas que fizeram parte da educação transmitida aos filhos. Neste caso, a ausência de *contexto* ocasionada pela distância espacial foi essencial à percepção que associa a vivência da falta à noção de privação. Diante do peso da privação, V. indica o compromisso por ela assumido: preencher a falta encarnada nos (e pelos) filhos:

(...) tinha momentos, quando meus filhos nasceram, meu marido até falava assim: "puxa vida, você tá tão molenga com eles, parece que você é vovó deles e não mãe." Eu falava: "ué, mas eles não têm vovó aqui, né. Então eles precisam disso também". (...) Mas, meus filhos foram privados disso [presença física dos avós]. Então, pela falta de vovôs de sangue, de tios de sangue, de primos de sangue, a gente cria aqui uma família postiça.⁶

(...) eu sempre lia pra eles antes de dormir, fazia questão de ler com eles coisas sérvias, porque eles já tinham a leitura brasileira da escola. (...) Então acho que era nosso papel passar pra eles a parte de lá.⁷

A essas falas acrescentam-se passagens em que V. reforça o esforço em apresentar a Sérvia às crianças. Todos os anos, por exemplo, a família celebra dois

⁵ Resposta parcial à questão: "Esses sentimentos associados à atitude de ter vindo pra cá [Brasil], a questão de ter tido filhos aqui, então a continuidade da geração estar aqui, a geração anterior estar lá [Sérvia]... quais sentimentos estão envolvidos nessa dinâmica?"

⁶ Resposta parcial à questão: "Você tava falando bastante de família, da família que você deixou na Sérvia. Mas você construiu uma família aqui também, né? Como fica essa situação de ter gente lá e ter gente aqui?"

⁷ Resposta parcial à questão: "E essa conexão que você comenta que os seus filhos sempre tiveram com a família que não tá aqui, como foi realizada a manutenção de uma cultura que eles não conheciam?"

Natais e duas Páscoas, conservando as tradições brasileiras e sérvias, tendo em vista a diferença na contagem do tempo do calendário juliano (Igreja Católica Ortodoxa) e do calendário gregoriano (cuja presença é massiva no Ocidente). Além disso, é preciso retomar e enfatizar a decisão de promover a criação dos filhos de maneira poliglota: em português, sérvio e romeno. V. reconhece o tamanho da dificuldade desse empenho e oferece uma interpretação acerca dos sentidos intrincados em nas contínuas e repetidas tentativas de trazer a Sérvia ao Brasil:

*(...) esse negócio de herança cultural e tudo é... acho que tem muito a ver com o **nosso desejo de não morrermos pra eles nunca**, sabe? E acho que esse é o esforço, de você quer manter vivos os vovós, os tios, a você mesmo, acho que isso é o propósito, sei lá. Deve ser uma coisa bem inconsciente, no final das contas. Esse é um assunto interessante, né? [risos].⁸ (grifo nosso)*

Neste trecho, o que V. elabora não diz apenas da distância física, passível de medição; suas palavras remontam à memória que transcende a existência dos filhos e diz de uma vivência que não necessariamente seria alcançada por eles. Através da construção e reprodução das tradições de um território distante, guardião dos lugares, identidades e seguranças do passado (MARANDOLA DR.; DAL GALLO, 2010), V. se responsabiliza por agir no sentido de preservar a memória *apesar* da distância geográfica – da distância dos suportes materiais que poderiam sanar a ausência. Em outras palavras, ao reunir e apresentar suas referências aos filhos, V. realizou e segue realizando um trabalho afetivo que ampara os laços que, de maneira duradoura, unem *suas pessoas* (suas famílias) a *seus lugares* (o Brasil e a Sérvia) (FREITAS; ALMEIDA, 2016).

O papel da preservação da memória na condição existencial encarnada por V. será expandido com maior detalhes mais adiante. Porém, é relevante enfatizar como as atitudes da entrevistada para com a manutenção da memória e da cultura conserva concordância com a posição assumida por Ecléa Bosi (1993), segundo a qual:

A comunidade familiar ou grupal exerce uma função de apoio como testemunha e intérprete daquelas experiências [de infância]. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos de escolha e rejeição em relação ao que será lembrado. (p. 281)

Essa comunidade, apesar de espacialmente distante, sempre se fez presente nas histórias, nas comidas e nas línguas faladas no lar brasileiro. Essa relação será detalhada

⁸ Resposta parcial ao questionamento: "Pra eles [filhos], hoje, como você enxerga, eles sendo... (...) brasileiros?"

mais adiante, na exposição da constelação *Re-existir: a memória em rede*; de qualquer forma, é preciso comentar sobre a forma como a construção social das lembranças ganha, nessa lógica, contornos mais difusos, sendo caracterizada pelo compromisso e pelo sentimento de uma mulher que se propôs ao desafio de construir uma realidade para si e seus descendentes em uma nova territorialidade:

(...) não é compromisso você não esquecer os seus queridos, o seu país; é o seu sentimento. Compromisso é mais com você mesmo, ou com sua família atual, de viver uma vida normal, de não se deixar aos prantos todos os dias, porque aí não vale a pena.⁹

A expressão "deixar aos prantos", no trecho acima, resume o panorama exposto até aqui: há uma dificuldade fundante do processo de migração, demarcada pela inevitabilidade da falta, da ruptura e descontinuidade (LECHNER, 2007). A iminente *presença da falta*, ao definir o tom atribuído à escrita das narrativas pessoais na migração, levanta questionamentos fundamentalmente entrelaçados: quem é a V. para a rede de pessoas de quem se despediu na Sérvia? Quem é a V. para aqueles a quem se apresentou no Brasil?

A multiplicidade de identidades implícitas nessas questões será desmembrada mais adiante, no decorrer da constelação *Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si*. Em todo caso, neste ponto, é importante circular a compreensão segundo a qual, para V., não está colocada a possibilidade – ou a viabilidade – de ser completa em todos os espaços. Por um lado, as raízes dos projetos-de-ser que a envolvem remontam a possibilidades nunca realizadas (ou que nunca chegaram a existir) na terra-natal; por outro lado, essa autoprojeção diz respeito, justamente, ao *habitar* atual, aos sentidos que emergiram e seguem emergindo da relação com território de acolhida.

Diante disso, outra compreensão: é insuficiente tratar a vivência migrante exclusivamente por meio da ótica que evidencia a experiência dita imbolizante da falta. O foco pode e deve recair, também, sobre os movimentos e as contradições implicadas na vivência dessa falta, a qual não pode ser reduzida a uma leitura maniqueísta sobre as dinâmicas interpessoais e interterritoriais que, a partir dela, se mostram.

A ideia de contradição, é importante pontuar, faz parte da narrativa proposta por V. no decorrer de seu relato – de maneira direta ou indireta. Neste, a entrevistada discorre sobre o que chama de "bile"¹⁰ da experiência de reterritorialização, mas também encontra

⁹ Resposta parcial ao comentário: "(...) notei um senso de compromisso bastante presente; com a sua cultura, com a sua família..."

¹⁰ Fala V., na íntegra: "*É tudo – a gente fala isso – tudo é "leite e mel". E na verdade tudo é bile [risos] com leite e mel; não é só leite e mel. Porque pra você se identificar, pra você ficar com os dois pés no*

lugar para mencionar o lugar do "leite e mel" (expressões por ela utilizadas) – ou, das tonalidades afetivas convencionadas como positivas, que fazem parte, igualmente, da construção de sua condição como migrante e que só puderam ser experienciadas tendo em vista as imposições da migração.

Esse panorama é apresentado em citações utilizadas nesta seção, retiradas da entrevista realizada com V.. Nestas, destaca-se a prevalência de posições que comportam as diferentes facetas da experiência migratória; mesmo quando são utilizadas para expor as profundas dificuldades do deslocamento territorial, elas não deixam de revelar a multiplicidade de afetividades que compõem e *preenchem* a mesma situação com tonalidades positivas e negativas.

Aqui, cabe o clichê: apenas pode ser preenchido aquilo que falta. Em outras palavras, é precisamente a experiência da falta que possibilita que ela seja preenchida por vivências que podem ser otimistas – é *A Parte que Falta* (1976/2018) –, movimentando a dinâmica migratória no sentido de abarcar a contradição (unidade de sentido que constitui esta constelação), que une os binômios tristeza-felicidade, peso-leveza, distância-proximidade, entre diversos outros. Essa dinâmica se assemelha à fala de Lechner (2007), em *Imigração e saúde mental*:

Enquanto experiência identitária, a migração sublinha as zonas de fronteira de pertença dos migrantes, e revela um diálogo incorporado ou vivenciado por cada um, 'uma contradição' entre ser e estar (p. 81).

Sob esse olhar, o buraco aberto pela migração é continuamente preenchido, justamente, pela migração – apesar de nunca ser definitivamente encoberto. V. reconhece que este é um esforço sem perspectiva de conclusão:

(...) a gente, indo todo ano [para a Sérvia e a Romênia], a gente cultiva, deixa essa ferida aberta de alguma maneira, sabe? Tem que achar um jeito de ter um balanço, um equilíbrio entre essas coisas.¹¹

Mas, é marca de seu discurso uma postura que totaliza a experiência, que reconhece como a condição de migrante mobiliza a vontade de estar junto, de viver afetos, de encontrar, reencontrar e encontrar de novo, em diversos territórios. De certa forma, se é possível dizer que V. nunca está completa em nenhum dos espaços por ela habitados, também cabe o entendimento de que V. está *presente* em muitos lugares. Por

chão, pra você conseguir chegar em alguma coisa nessa sua vida profissionalmente, tudo assim, num país totalmente novo, você tem muito trabalho. É muito trabalho e engolir muitas lágrimas."

¹¹ Resposta parcial ao comentário: "(...) notei um senso de compromisso bastante presente; com a sua cultura, com a sua família..."

mais que fundadas na diferença, as imagens sobre a pessoa cujo relato está em questão se assentam na possibilidade de ser daqui e ser de lá – relação que nomeia a constelação de sentido que será abordada na sequência.

Diante disso, propõe-se aqui a ideia de que os panoramas facilitados pela migração têm o potencial de comportar uma *contradição autofágica* – de auto reciclagem –, que conserva, num só movimento, a falta e a presença, a tristeza e a alegria, as perdas e os ganhos. O relato de V., nesse sentido, marca o dever de não resumir a experiência de migrar exclusivamente a metáforas estáticas, trágicas e catastróficas.

A este respeito, a elaboração de V. aponta à direção para a compreensão que ela produz perante a migração; para ela, esta emerge enquanto ensinamento de vida, podendo ser sintetizado pela ideia de "saber deixar ir" – a última unidade de sentido entre as que compõem *A falta que a falta faz*. Nas palavras da entrevistada:

(...) cada nossa despedida de lá era tipo, talvez seja a última vez. Outra coisa que eu aprendi: que nunca é a última vez até que seja a última vez, e aí mesmo assim, a última vez, quem sabe, né? Talvez não é assim mesmo. Mas, sempre tínhamos essa nuvem de tragédia na nossa volta, de que agora vai ser a última vez. (...). Mas eu acho que muitas coisas aqui que a gente vive, que a gente encontra, foram maiores do que essa culpa, que essa tristeza, sei lá.¹²

Mas qual seria o sentimento mais assim... importante dessa experiência toda, eu poderia dizer que é o aprendizado de deixar ir, sabe? Porque se você se amarra muito demais, tanto pela alegria quando estamos juntos ou que temos coisas boas, ou pelas tristezas que estamos longe um do outro, você se amarra e a coisa só vai se aprofundando.¹³

3.2 Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si

E agora? E agora o que que é a gente? Brasileiro ou a gente é sérvio ou romeno? Na verdade, a gente é... eu posso dizer assim, eu sou sérvia, mas nem tanto. Sou brasileira, mas nem tanto.¹⁴

A partir do reconhecimento da contradição enquanto aspecto que marca a experiência de V. como migrante, é preciso tecer considerações sobre a forma como essa contradição reflete-se na construção do que pode ser chamado de identidade migrante – ou, da construção da narrativa pessoal (CRITELLI, 2012) que V. produz com base na sua

¹² Resposta parcial à questão: "25 anos depois de ter vindo pra cá, como é a sua relação com a Sérvia, com o país de onde você veio?"

¹³ Resposta parcial à questão: "Esses sentimentos associados à atitude de ter vindo pra cá, a questão de ter tido filhos aqui, então a continuidade da geração estar aqui, a geração anterior estar lá... quais sentimentos estão envolvidos nessa dinâmica?"

¹⁴ Resposta parcial à questão: "O que significa para você ser uma migrante internacional e, atualmente, residir no Brasil?"

experiência como estrangeira. Os questionamentos por ela apresentados no trecho da entrevista que inaugura esta seção indica essa dinâmica e representa o gancho para o desenvolvimento da discussão a respeito dos processos identitários protagonizados por V. frente à migração.

A fim de fundamentar tal discussão, é importante retomar autores que se ocupam da temática – tais como Lechner (2007) e Dal Gallo (2011). Lechner (2007), por exemplo, entende que a migração implica, àquele que se desloca, uma ruptura na experiência biográfica, que passa a ser marcada por uma profunda vivência de descontinuidade. Já Dal Gallo (2011), enfatizando a contradição que se impõe à existência, nomeia e descreve a condição do "estar-entre" imposta ao migrante, que, diante do deslocamento, passa a viver um duplo sistema de referências:

O deslocar-se dos migrantes de seus lugares para lugares alheios implica um abalo direto no ser: migrar coloca um questionamento ao ser do migrante, à sua segurança ontológica. Tal questionamento precisa ser, de alguma forma, contornado, a fim do migrante manter a integridade de seu ser. Esse superar solicita que o ser seja devolvido a ele mesmo. (DAL GALLO, 2011, p. 48)

A posição das autoras dialoga com as experiências relatadas por V. a respeito da (re)construção da narrativa de si. A unidade de sentido delimitada pelo conflito entre ser-do-Brasil e ser-da-Sérvia é central a esta constelação e revela um panorama em que V. é persistentemente convocada à negociação e reedição da própria narrativa. Esse abalo na segurança ontológica é representado pela confusão que passa a reger a experiência de "eu sou", a qual é fundamentalmente destituída de referências materiais unívocas:

*(...) você nunca perde o que você é, de onde você veio, isso não sai de você nunca... mesmo quando você se esforça de tirar, de jogar fora, né, mas não sai. E eu também abracei muito o Brasil, com tudo, minha vida aqui, os amigos, trabalho, tudo, mas eu nunca serei brasileira por completo. Então a gente é uma mistura, uma mistura, assim, engraçada.*¹⁵

As palavras de V. enfatizam o papel da espacialidade para a construção da identidade da pessoa migrante. Mais especificamente, sua fala revela como a relação com os espaços é determinante para o chamado sentimento de si – para reconhecer-se enquanto V.. Reproduzindo os questionamentos sugestionados pela própria entrevistada, parte-se da pergunta "seria a V. sérvia ou brasileira?". A partir desta, resta a compreensão

¹⁵ Resposta parcial à questão: "O que significa para você ser uma migrante internacional e, atualmente, residir no Brasil?"

de que os territórios representam parte importante – senão essencial – às significações que continuamente compõem o que é chamado de identidade.

A isso, soma-se o entendimento de que as diferentes territorialidades evocam diferentes possibilidades-de-ser. A multiplicidade de narrativas que se apresentam para serem encarnadas o fazem em função dos lugares, cujos movimentos sociais e culturais são próprios de cada contexto (MIRANDA, 2019). Nesse sentido, são relevantes as contribuições de Tuan (2011), que, ao teorizar a respeito dos sentidos que os humanos conferem aos espaços geográficos, propõe que as significações atribuídas aos lugares se devem às experiências cotidianas e às relações humanas neles protagonizadas, sendo inerente a este processo o surgimento do potencial de transformar os espaços por meio da experiência: "Pela vivência e experiência de mundo de cada sujeito, a experiência de lugar não é estática, ela é viva e sempre reinventada" (FREITAS; ALMEIDA, 2016, p. 234).

Assim, por extensão, pode-se compreender que a maneira como os lugares são vividos diz da identificação que nele é cultivada, sendo esta essencial para o sentimento de pertença ou não a um território (*idem*). No caso de V., a confusão no que se refere à identidade nacional parece se relacionar, justamente, com os laços construídos e cultivados no Brasil e na Sérvia: fundamentalmente divergentes, com características e intensidade próprias, mas, indiscutivelmente resistentes à distância e, sobretudo, à saudade. Em suma, aqui entende-se que a ambiguidade que caracteriza o sentimento de identidade se deve às redes de afetividade que emergem dos distintos espaços, as quais sustentam a experiência de "ser-de" em meio à condição de estar-entre.

Quando eu volto pro Brasil, eu demoro pra voltar; quando eu vou pra Sérvia, no instante que eu entro no avião, quando eu desço do avião, parece que aquele gap de um ano não existe.¹⁶

(...) eu vou lá e parece que a única coisa que faltou é realmente o contato físico. Então na hora, eu estou lá, como se nunca tivesse partido. Por isso que fica difícil voltar [para o Brasil], porque cada vez que eu volto pra cá, é como se fosse começar de novo. (...) Mas essa sensação, então, quando eu vou pra lá, é isso; eu tô lá e nunca parti.¹⁷

Esses trechos inauguram mais uma unidade de sentido: "ser e não ser", que reúne as significações e os questionamentos formulados perante a condição de migrante: onde ser? Onde não ser? Com quem ser? Com quem não ser? Estes são exemplos que

¹⁶ Resposta parcial à questão: "Como é esse sentimento de estar lá [na Sérvia]? Que tipo de sensações, lembranças surgem quando você retorna?"

¹⁷ Resposta parcial à questão: "Como é esse sentimento de estar lá [na Sérvia]? Que tipo de sensações, lembranças surgem quando você retorna?"

sintetizam o movimento de negociação do existir (DAL GALLO, 2011) e dizem respeito à forma como V. escolhe (ou, precisa escolher) se apresentar a seus mundos:

(...) todos nós, de alguma maneira, a gente faz um papel; veste uma roupa de um jeito ou do outro. Eu... eu não sou mais a mesma lá na Sérvia, e também não sou exatamente eu aqui no Brasil.¹⁸

De maneira resumida, a atitude de ocupar territórios tão distantes convoca V. a ser em função das significações a ele atribuídas. Essas significações, como já pincelado, não poderiam coincidir, visto que o sentimento pelo lugar só pode se formar à medida que este é vivido, habitado (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010). De qualquer forma, as descrições tecidas por V. nas falas aqui utilizadas endossam o entendimento de que a vivência do território sérvio é essencialmente diferente da vivência sob o pano de fundo brasileiro. A dinâmica identitária que une (e separa) a V. da Sérvia e a V. do Brasil remonta às unidades de sentido "Brasil x Sérvia" e "Espaço e tempo", que reúnem, nesta constelação, a maneira como V. se fragmenta e se incorpora em seus lugares.

O tempo vivido na Sérvia, longe de ser homogêneo, é o tempo da jovem V.; a terra-natal torna-se, nesse sentido, a morada da mocidade. A V. da Sérvia vive sob a imagem da criança que andava sobre as ruas de Belgrado, da jovem estudante universitária, e da mulher sem filhos. O país europeu a convoca a encarnar-se num ser que desafia o tempo cronológico, que dá vida à memória através dos velhos hábitos, gestos e maneirismos, das relações que resgatam a infância e da ocupação dos espaços que, outrora, eram, simplesmente, cenários de uma cidade familiar.

(...) eu me sinto em casa, porque eu volto no lugar aonde a gente tem uma memória coletiva, conjunta. Ao mesmo tempo, eu percebo que tem tanta diferença entre nossas vidas atuais, então... eu acho que lá eu fico mais eu pura.¹⁹

É como se a gente voltasse pros começos.²⁰

A elaboração de V. conversa intimamente com a posição assumida por Ecléa Bosi, em entrevista a Bruck (2012/2013). A autora entende que:

A memória desconhece a ordem cronológica. Minha hipótese é que ela opera com grande liberdade, recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente - mas por que se relacionam através de índices de significação

¹⁸ Resposta parcial à questão: "Você pensa sobre quem você é no Brasil e quem você é na Sérvia? Tem diferença nessa mudança de cenários?"

¹⁹ Resposta parcial à questão: "Você pensa sobre quem você é no Brasil e quem você é na Sérvia? Tem diferença nessa mudança de cenários?"

²⁰ Resposta parcial à questão: "Essa sensação de "eu mais puro" remete ao quê? Tem alguma relação com a infância nessa associação?"

comum. São constelações de eventos mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (p. 198)

Assim, a vivência da Sérvia, por V., não se resume apenas aos encontros com os familiares e amigos que permanecem distantes na maior parte do tempo; expande-se, também, ao encontro com o passado em que está submerso os contornos geográficos, arquitetônicos e afetivos da terra-natal. Aqui, é importante reforçar: a vivência do espaço não pode ser deslocada da vivência do tempo.

De qualquer forma, ao pensar a V. da Sérvia, é preciso pensar, ainda, na V. do Brasil – país em que se firmam as estruturas que compõem o cotidiano da entrevistada. Dos brasileiros, por exemplo, surgem questionamentos explícitos sobre a identidade nacional de V., colocando-a numa posição de provação do próprio *status* de cidadã brasileira. Ao discorrer sobre a dita abertura do Estado do Brasil a estrangeiros que escolhem assentar-se em seu território, a entrevistada apresenta um contraponto:

(...) enquanto eu falo bem do Brasil pra todo mundo, todo mundo me considera brasileira; se eu falar uma coisa contra alguma coisa, umas pessoas vão até pular no meu pescoço.²¹

O país de chegada é, por um lado, o lugar que acolhe V. e que lhe oportuniza um novo viver, ao passo que é, também, e o lugar onde a entrevistada se vê exposta a frases como "você não gosta daqui, você volta pro seu país!". Apesar de não ocorrerem com frequência, episódios de xenofobia fazem parte do rol de possibilidades que o Brasil apresenta a ela enquanto migrante, endossando os questionamentos que recaem sobre a narrativa de si e abalando a perspectiva de habitar um espaço que lhe ofereça as condições que sustentam a sensação de segurança existencial.

Eu tinha que trabalhar o dobro mais do que outros, os brasileiros, pra mostrar que eu sou capaz igual uma brasileira, né. Então, por favor, me poupe com esse papo de "você volta pro seu país", esse é o meu país! Eu moro aqui, eu moro aqui!²²

Apesar de enfatizar, na sequência da fala acima, que os questionamentos provenientes da alteridade não são suficientes para a conclusão de que a experiência de migração não vale a pena, V. reconhece que São Paulo, cidade tão conhecida pela diversidade cultural e étnica, não pode ser resumida, com base em sua experiência pessoal, como o território que a recebeu para a construção de um lar; esta é, em última

²¹ Resposta parcial à questão: "E você se identifica com a ideia de 'cidadã do mundo'?"

²² Resposta parcial à questão: "E você se identifica com a ideia de 'cidadã do mundo'?"

instância, a cidade que solicita da entrevistada sucessivas provas de merecimento para pertencer.

Ainda que a convocação pelo provar-se seja aspecto marcante da vivência do território brasileiro, outros comentários ainda podem ser tecidos a respeito da identidade assumida por V. em São Paulo. No final das contas, em São Paulo, V. construiu seu lar – mais um lugar em que pode ser. Na metrópole, a entrevistada apegase à calmaria das amizades em oposição à frenesi do ritmo da cidade; à fluidez do trabalho enquanto cantora lírica em oposição à pesada imposição dos grandes edifícios que pintam a cena paulistana. Nas palavras da entrevistada:

*A gente nunca conseguiu sequer imaginar o tamanho dessa cidade – isso foi um choque total. A quantidade de tudo, a gente não conseguiu imaginar a largura das estradas... Isso realmente a gente não imaginava, e na verdade acho que a gente ainda não imagina, depois de 25 anos aqui. Eu mesma não consigo imaginar São Paulo como um todo; eu vejo bairros. Não consigo ligar, de ver a imagem toda. Então isso foi um pouquinho chocante...*²³

*(...) quando eu tô lá [na Sérvia], eu nunca dirijo. E, portanto, me sinto mais jovem, me sinto mais ágil, por isso e por outros motivos também, lá tem outras gerações acima de mim, me sinto mais jovem. Mas, quando volto aqui, de novo: volta pro carro e umas coisas dessas assim.*²⁴

A partir desse panorama, entende-se que os diferentes espaços evocam e convocam diferentes modos-de-ser. Em outras palavras, tanto Sérvia, como Brasil, no caso de V., solicitam narrativas pessoais, compostas pelas próprias histórias e historietas (CRITELLI, 2012), que se fazem caber nas possibilidades que cada ambiente apresenta. Essas narrativas ora se combinam, ora se afastam. E, no ritmo de aproximar-se e distanciar-se de si, V. passa a se compreender a partir do movimento, da mutação, da ginga e, sobretudo, da emergência de reinvenção e reedição de sua identidade em função do espaço. Isso implica dizer que o ato de migrar, neste caso, impôs (e segue impondo) à V. a necessidade se *negociar* (DAL GALLO, 2011) – e, com isso, se permitir viver efetivamente o território – o de partida ou o de destino; o de permanência e o de visita.

Essa atitude, entretanto, não se limita à narrativa pessoal de V.; ela estende-se, também, aos filhos da entrevistada, que são implicados, também, numa dinâmica de negociação da narrativa de si perante a condição de migrantes dos pais. A ideia de "identidade intergeracional", assim, constitui-se como mais uma unidade de sentido desta constelação, indicando que o labirinto identitário percorrido por V. como migrante não se

²³ Resposta parcial à questão: "O que você imaginava antes de vir [para o Brasil], o que impulsionou?"

²⁴ Resposta parcial à questão: "Fiquei com uma curiosidade; você falou desse movimento de ir pra Sérvia e voltar pro Brasil. Nesses períodos de um ano, você ainda sente algum tipo de choque ou dificuldade de apreender a mudança cultural?"

encerra em sua própria pessoa – é, inevitavelmente, refletido em seus descendentes. São exemplos desse panorama as seguintes falas da entrevistada:

*Pela primeira vez que eu percebi que a minha filha na verdade não é sérvia, mas sim, brasileira, me deu uma pontadinha de tristeza. O que é absurdo, né? Isso é coisa absurda, isso é totalmente irracional.*²⁵

*Olha que legal, a gente tá falando uns idiomas a mais, a gente tem duas casas ao invés de uma, a gente tem duas festas de Natal, duas festas de Páscoa, duas festas de tudo, né, porque, vamos manter a nossa tradição, vamos fazer do nosso jeito, mas também pelas crianças, vamos fazer do jeito brasileiro. Dava um pouquinho de confusão nas crianças, talvez. Quando eles se pensam, acho que no final eles são brasileiros.*²⁶

*(...) se você imagina a vida e a construção de ser humano como pessoa social e cultural e emotiva e tudo isso, consciente, imagina um prato de comida com que eles [os filhos] sempre foram alimentados com 3 colheres diferentes. É isso aí.*²⁷

Destas, pode-se compreender a responsabilidade encarnada pela entrevistada perante à autodeterminação dos filhos que, segundo V., se reconhecem, acima de tudo, como brasileiros. Apesar de confirmar o princípio de um sentimento de tristeza associada à falta de identificação com as nacionalidades sérvia e romena, V. indica assumir o compromisso de não impor narrativas aos filhos. Com esse compromisso, a entrevistada se posiciona num impasse: como balancear a transmissão de seus costumes e cultura e o esforço pela garantia da liberdade para que eles sejam quem escolheram (e escolhem) ser? Esse questionamento é decisivo para a forma como a entrevistada opta por apresentar sua memória aos filhos:

*Olha, tem umas memórias que eu compartilhava com os meus filhos por dois motivos: um era pra eles saberem de onde vêm, sentirem tudo isso e conhecerem melhor; e outro motivo era educativo mesmo. Mas, tem muita coisa que eu nunca contei, nem pra eles. E tem muita coisa – quanto o tempo passa mais, eu parei de falar. Parei de compartilhar minhas memórias, porque... porque eles têm que aprender, eles têm que viver o presente, o futuro, e eu não quero que eles fiquem presos nessas coisas do passado, porque isso traz uma tristeza.*²⁸

Nesse sentido, nota-se um movimento assumido por V. no sentido de facilitar a conciliação entre quem os filhos são e lugares por eles habitados. Esse esforço, porém,

²⁵ Resposta parcial ao questionamento: "Pra eles [filhos], hoje, como você enxerga, eles sendo... (...) brasileiros?"

²⁶ Resposta parcial à questão: "25 anos depois de ter vindo pra cá, como é a sua relação com a Sérvia, com o país de onde você veio?"

²⁷ Resposta parcial à questão: "E essa conexão que você comenta que os seus filhos sempre tiveram com a família que não tá aqui, como foi realizada a manutenção de uma cultura que eles não conheciam?"

²⁸ Resposta parcial à questão: "Eu fiquei curiosa sobre essa questão sobre as memórias, que você pensa mais sobre elas aqui no Brasil. Você tem o costume de falar sobre essas lembranças com alguém?"

não se resume apenas à dinâmica intergeracional; pode-se dizer que, de certa forma, V. transfere aos filhos um movimento que ela realiza consigo mesma. Esse movimento emerge da necessidade de transformar para habitar (LECHNER, 2007), na busca da continuidade de um existir recoberto da coerência narrativa de quem se é (DAL GALLO, 2011) ante o deslocamento interterritorial.

A atitude de conciliação é, dessa forma, marcada pelo manejo das vivências da temporalidade e da espacialidade, num movimento de entender-se nas territorialidades e não se perder nas contradições do emaranhado de possibilidades que emergem do constante fluxo de idas e vindas protagonizadas por V. ao redor do globo. A distância dos lugares – seja o Brasil, seja a Sérvia –, paradoxalmente, convoca V. a um retorno a si mesma (*idem*), às possibilidades que por ela podem ser encarnadas e que não a descaracterizam de forma alguma. Reside, portanto, na autocompreensão emergente da migração a concretização da transição ontológica marcada pela busca pelo situar-se, pela vinculação com os lugares-de-ser:

Esse situar-se é uma experiência geográfica de constituição da relação orgânica sujeito-lugar pelo migrante: um caminhar permeado pela negociação da inserção do ser em uma realidade geográfica alheia. (DAL GALLO, 2011, p. 45-46)

A constituição da relação sujeito-lugar, mencionada por Dal Gallo (2011), não é concretizada de maneira simples, como mostrado até aqui. Para V., este é, ainda, um processo que depende de (ou, é facilitado por) uma condição: se reconhecer enquanto "cidadã do mundo". Este parece ser, justamente, o aspecto que lhe restitui a segurança existencial para encarnar a posição de migrante e sustentá-la por tanto tempo. A assunção da posição de cidadã do mundo surge, nesse sentido, como o contraponto que desafia o peso da contradição identitária resumida pela confusão entre ser "daqui" e ser "de lá". Nas palavras de V.:

*(...) eu acho que você não vira cidadã do mundo só depois de ter percorrido algum caminho. Você, pra percorrer esse caminho, você tem que ser cidadã do mundo – não sei se me entende. Acho que é ao contrário, é ao contrário! Porque se você não é cidadã do mundo, você nunca vai sair da sua casa e trilhar um caminho, porque é difícil trilhar um caminho, não é fácil.*²⁹

A forma como V. descreve sua condição de cidadã do mundo sugere que esta representa a síntese entre passado e futuro, aquilo que liga Sérvia e Brasil de uma forma profundamente íntima e correlacionada. Esta indica ser a posição que viabiliza uma

²⁹ Resposta parcial à questão: "E você se identifica com a ideia de "cidadã do mundo"?"

dinâmica em que o recordar das lembranças longínquas não ameaçam a sustentabilidade da vida contemporânea, construída em território paulistano. O autorreconhecimento como cidadã do mundo prenuncia a viabilidade de manter viva a relação entre os espaços sem que o constante intercâmbio entre os lugares sentencie V. às dores da ferida aberta deixada pela migração.

3.3 Re-existir: a memória em rede

A tentativa de resolução da negociação explicitada na constelação anterior, como comentado, refere-se à reedição da identidade e parte da redação de novas narrativas existenciais. Essa reedição se deve, parcialmente, ao entendimento de que V. se posiciona enquanto uma "cidadã do mundo". Ao se reconhecer como uma pessoa que não depende de apenas um lugar para ser, a entrevistada demonstra como concretiza a (re)construção de sua identidade nos diferentes territórios, sustentando um ponto de segurança contra uma perda total do sentimento de si (DAL GALLO, 2011).

A identificação com a ideia de cidadã do mundo, porém, não encerra a resolução da contradição imposta à existência migrante. É preciso somar a isso, ainda, o esforço de suportar a memória e materializá-la na vida cotidiana, numa síntese dos fatos vividos e daqueles que ainda estão por vir; dos fatos "de lá" e dos fatos "de cá". Se V. coloca suas narrativas em movimento, ela o faz por meio da manutenção das lembranças, da cultura e dos encontros que emergem em seu percurso pelo mundo. Nesse sentido, "cultura" e "memória" e "possibilidades de co-existir" surgem como importantes unidades de sentido desta constelação.

Conforme introduzido anteriormente, o recordar de V. remonta à construção e preservação implicadas numa vivência longa, marcada pela distância dos suportes materiais que o sustentam: a arquitetura, a culinária, as festas, as pessoas que ficaram na Sérvia. Em suma, entende-se que V. está distante do grupo que coletiviza sua memória individual pré-migração. Diante de contornos difusos e efêmeros, a sustentação material dessas lembranças passa a depender, em solo brasileiro, da reprodução e concretização da Sérvia *no* Brasil – movimento já pincelado em momento anterior. Os meios através dos quais V. garante a "transposição territorial" – como optou-se por chamar – estão listados no trecho a seguir:

Então tem 'n' coisas, além dessas idas uma vez por ano, além de telefonemas, além de festas do ano, além de falar nosso idioma, além de livros, sei lá, o que mais... comida! Pela comida, comida é uma coisa que cria uma lembrança afetiva,

*né. Então a gente, sempre que ia lá, a gente trazia malas de comida de lá e não é só a gente que faz isso [risos]. (...) são lembranças de infância.*³⁰

Essa transposição dos lugares surge, neste caso, como possibilidade para o existir *entre* (DAL GALLO, 2011). A conservação da memória, materializada pela perseverança dos ritos e hábitos culturais no núcleo familiar brasileiro, aproxima não apenas territórios distantes. Por meio do recordar, V. promove e conserva laços de afetividade para com as pessoas que não podem se fazer presentes no cotidiano – que *faltam* no dia-a-dia.

Ao discorrer sobre o ato de recordar, entretanto, V. preenche sua fala com um tom melancólico, saudoso. A totalidade afetiva conferida ao relato direciona ao entendimento de que, apesar de a memória ocupar lugar central para a sustentação de sua condição como migrante, o ato de lembrar é carregado de um peso especial, que remonta à própria dinâmica migratória e os desafios dela emergentes. Mas, remonta também às circunstâncias impostas por uma lógica neoliberal da produtividade, que corrobora para o definhar da arte de narrar ao capturar a vivência do tempo e dos espaços, apagando os rastros da memória e minando a confiança de que as relações carregam o potencial de resistir às ameaças do tempo do relógio (CHAUÍ, 1979).

Ao discutir o enfraquecimento da arte de narrar – ou, da atitude de coletivizar a sabedoria construída na vivência subjetiva do tempo –, defende Benjamin (1936/1994) que:

O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um "sintoma de decadência" ou uma característica "moderna". Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas. (p. 200-201)

No decorrer da narrativa de V., são frequentes os momentos em que a entrevistada esclarece a vontade de "viver no presente"; de, na concretude do dia-a-dia, não alimentar a ferida aberta que metaforiza a saudade da antiga morada. Para ela, o fixar-se nos eventos do passado impede a permanência no "eixo", num dito equilíbrio; em suma, V. preocupa-se em não se deixar "prender" ao passado e às possibilidades que nele residem. Nesse movimento, na ausência daqueles que as presenciaram, V. escolhe não

³⁰ Resposta parcial à questão: "E essa conexão que você comenta que os seus filhos sempre tiveram com a família que não tá aqui, como foi realizada a manutenção de uma cultura que eles não conheciam?"

coletivizar as situações pelas quais já passou, os desejos e os planos que tiveram que ser abandonados:

*E tem muita coisa – quanto o tempo passa mais, eu parei de falar. Parei de compartilhar minhas memórias, porque... porque eles têm que aprender, eles têm que viver o presente, o futuro, e eu não quero que eles fiquem presos nessas coisas do passado, porque isso traz uma tristeza.*³¹

Assim, V. se vê convocada a ocupar, por vezes, o lugar do silêncio, do não-contar. A falta, discutida na constelação *A falta que a falta faz*, passa a preencher, também, o espaço da narrativa, do compartilhamento da sabedoria – dos ditos ensinamentos de vida que V. confirma ter como fonte para suportar as dificuldades da migração. Aqui, cabe o questionamento: de onde vem a emergência pelo silêncio das lembranças? Se a memória funciona como fio condutor entre os lugares-do-ser (FREITAS; ALMEIDA, 2016), a que serve o não-contar? Marilena Chauí, no prefácio à obra *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi (1979), oferece uma compreensão:

Somente então somos capazes de compreender o alcance de sua pergunta: "por que decaiu a arte de contar histórias?" - e o significado de sua resposta: "talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências". Porque matamos a sabedoria. E, então, nos vem o sentimento angustiante e indescritível do que significam a perda e a carência dessa "outra socialização" quando nos falta ou quando nos vier a faltar. Estamos inteiramente preocupados por essa perda, implicados nela. (p. XXVII)

Há neste ponto, porém, um entendimento relevante: o ato de recordar não se refere apenas ao passado (BOSI, 1993); ao buscar e socializar a memória, projeta-se o futuro. A partir da compreensão de que o tempo subjetivo não pode ser resumido à rigidez do tempo cronológico, trabalha-se com a ideia segundo a qual a rememoração é viabilizadora do vir-a-ser, como uma base sobre a qual pode-se apoiar a construção de um futuro. Apesar da frequência com que V. se compromete com um discurso "anti-passado", que, à primeira vista, a protege de reviver as tristezas que também emergem das memórias, a totalidade da narrativa da entrevistada indica que o compromisso com o recordar não é exterminado de sua vivência enquanto migrante – e nem poderia ser.

De certa forma, a narrativa tecida pela entrevistada revela um paradoxo: por trás da insistência em manter a memória em silêncio, há um silencioso entendimento de que o lembrar não afasta o presente, mas conecta os tempos em um só, aproximando o distante

³¹ Resposta parcial à questão: "Eu fiquei curiosa sobre essa questão sobre as memórias, que você pensa mais sobre elas aqui no Brasil. Você tem o costume de falar sobre essas lembranças com alguém?"

e aprofundando os deslocados suportes materiais da rememoração. A seguinte fala parece resumir esse panorama:

*Eu acho que, de vez em quando, levantar alguma memória de uma coisa ou outra é bom... porque as pessoas merecem ser lembradas, e os momentos merecem ser lembrados.*³²

Além disso, a memória do tempo vivido na Sérvia não se faz presente apenas pela fala; ela emerge nas práticas culturais deste país, que encontram lugar na realidade brasileira. Neste caso, V. não busca espaços onde a memória pode ressoar; ela cria esses espaços, expandindo a área sobre a qual o ser-sérvia pode se fazer *presente*. Os costumes de uma terra distante são, assim, reconstruídos sob a mesma lógica de negociação da identidade migrante; interpretando as possibilidades que emergem da dinâmica migratória em questão, V. age para que as culturas sérvia e brasileira possam não apenas co-existir no lar paulistano; ambas são verdadeiramente *vividas*, num incessante desenho de alternativas para um existir multicultural.

Além de se fazer presente por meio da literatura, da culinária, do idioma e da celebração de festas tradicionais, esse esforço concretiza-se, também, na decoração da casa brasileira. Em momento posterior à gravação da entrevista, V. escolheu o vocábulo "museu" para descrever seu lar, ornado por pequenos objetos, coletados paulatinamente das casas das famílias na Sérvia e na Romênia – este, país de origem de seu companheiro. A casa surge, nesse sentido, como morada para a memória, que, materializada nas estantes e paredes da moradia, resiste à passagem linear do tempo e preenchem a contemporaneidade com traços fundados na ancestralidade. A casa, nessa lógica, representa um marco para a interligação dos lugares-de-ser da migração (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010).

Neste ponto, reforça-se a ideia segundo a qual não é preciso discorrer sobre os fatos passados para que a narrativa mnêmica encontre lugar na contemporaneidade. A memória, como lembra Bosi (1979), não é estática; ela depende do trabalho humano sobre o tempo vivido, da reedição do passado no presente, para o futuro. Esse trabalho, no caso de V., conserva íntima relação com a educação que a entrevistada escolheu construir junto aos filhos, pautada no constante diálogo das culturas por eles carregadas. Essa perspectiva conversa com o panorama apresentado por Melo (2022), em *Contribuições da psicologia fenomenológica e existencial para o campo da educação*:

³² Resposta parcial à questão: "Eu fiquei curiosa sobre essa questão sobre as memórias, que você pensa mais sobre elas aqui no Brasil. Você tem o costume de falar sobre essas lembranças com alguém?"

(...) ao falarmos de uma aprendizagem humana significativa, estamos falando da apropriação do sentido como um dos aspectos mais importantes do aprendizado humano. E, assim, a educação se torna o aprendizado de um modo de ser e viver determinada forma de cultura sem que se possa, ao aprender, deixar de acrescentar sentidos. (p. 154)

A ideia de acréscimo de sentidos proposta pela autora, no caso de V., traduz-se por meio do esforço da entrevistada em garantir que os filhos disponham e se responsabilizem pela liberdade de escolher quem são e quem querem ser, tendo em vista a dinâmica marcada pela negociação da identidade intergeracional por eles assumida, como exposto na constelação *Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si*. Pode-se dizer, nesse sentido, que a relação de V. com seus descendentes é baseada na confiança – por um lado, de que eles não se definam pelo passado dos pais e, por outro, de que as memórias coletivas neles encarnadas permaneçam vivas e encontrem espaço para ressoar em seu movimento pelo mundo.

Esse trabalho de confiança na preservação e "retransmissão" da cultura, de qualquer forma, não indica uma tarefa atribuída por V. apenas aos filhos; este é, mais uma vez, um compromisso assumido por ela própria. Concretizado no aqui escolheu-se chamar de "possibilidades de co-existir" – unidade de sentido desta constelação, como antecipado –, a entrevistada indica se apoiar nos vínculos emergentes de sua experiência como migrante para viabilizar uma existência que contemple e seja contemplada pela pluralidade cultural. Com este termo, o propósito é enfatizar o papel das relações interpessoais na trajetória migratória protagonizada por V. – seja no que se refere às relações "à distância", com pessoas que residem na Sérvia ou na Romênia; seja nos encontros ocasionados e laços construídos em terras brasileiras.

Ao discorrer sobre a manutenção que V. realiza para com as relações com familiares e amigos sérvios e romenos, é importante retomar a perspectiva transnacional dos estudos da migração. Conforme já apresentado, as autoras Schiller, Basch e Blanc (2019) compreendem a migração transnacional como uma forma de subverter a lógica que geralmente se impõe aos migrantes no território de chegada; a partir do incessante intercâmbio cultural com o local de origem, bem como da perseverança dos laços afetivos que unem pessoas em territórios espacialmente distantes, desafia-se a expectativa pelo abandono de hábitos, tradições e laços com o país de partida.

O esforço empenhado por V. a fim de garantir a continuidade da cultura sérvia no contexto de migração para o Brasil, apesar de relevante para a discussão da postura transnacional adotada pela entrevistada, não será aprofundado novamente. Em vez disso, o foco passa, a partir deste ponto, a recair sobre a já antecipada manutenção dos

vínculos de parentesco e amizade que tecem as redes sociais que, longevas ou não, são significadas por V. enquanto suporte para poder ser.

O retorno à Sérvia (e à Romênia) acontece todos os anos, no verão brasileiro e inverno europeu. A escolha de voltar ao local de origem, ainda que num formato de visita, representa um esforço que sinaliza a migração transnacional; ao dispor de recursos materiais e imateriais para preservar a conexão física com o território de partida, V. mantém aberto o canal que possibilita o intercâmbio de vivências, objetos e afetos entre os *seus lugares*. É certo que a opção pelo retorno periódico não é só "leite e mel" – retomando a expressão tão marcante, utilizada por V. em seu relato; a viagem é longa e, sobretudo, cara – fatores sobre os quais recai o reconhecimento do privilégio vivido pela entrevistada, que dispõe das condições para concretizar o trajeto.

Entretanto, conforme discutido anteriormente, voltar à terra natal é, no sentido mais especial dessa vivência, como retornar ao passado; é como movimentar a memória no sentido da vida que já não é mais, aproximando o contemporâneo ser-na-Sérvia e a V. de 25 anos atrás. O reencontro com familiares e amigos é, nesse sentido, não apenas pano de fundo para uma vivência muito particular do tempo; mas, justamente, posiciona-se como a circunstância que possibilita a V. o reencontro, também, consigo mesma.

*(...) quando eu vou pra lá, eu fico mais relaxada. 'Relaxada' no sentido de... sabe aquele negócio quando você... tem coisas, você sabe que tem muita coisa que não precisa explicar pra ninguém.*³³

A rede Brasil-Sérvia, sustentada pela firmeza dos laços que atam os seus fios, oportuniza o viver-distante, ainda que este seja predominante na maior parte do ano. Em outras palavras, o compromisso de rever-se, anualmente antecipado pela certeza da tradição, estabelece uma base segura sobre a qual pode ser tomada, por V., a contínua decisão pela migração, pelo estar-longe.

Apesar de marcante, a tradição do retorno, porém, não é o único aspecto decisivo para a solidez dos vínculos afetivos entre V. e as pessoas queridas que residem no Leste Europeu. A internet, mediada por recursos tecnológicos cuja ascensão e desenvolvimento acompanharam a trajetória de migração de V., tem papel importante na manutenção dos laços que se esticam sobre o Atlântico. Schiller, Basch e Blanc (2019) assinalam que o advento de tecnologias digitais facilitou o intercâmbio entre migrante e país de origem:

³³ Resposta parcial à questão: "Você pensa sobre quem você é no Brasil e quem você é na Sérvia? Tem diferença nessa mudança de cenários?"

(...) a tendência dos transmigrantes de hoje em dia para manter, construir e reforçar ligações múltiplas com seus países de origem parece ser facilitada, mais do que produzida, pela possibilidade de encurtar tecnologicamente o tempo e o espaço. (p. 363)

Por meio de ligações de vídeo, por exemplo, V. permanecia perto dos pais, ao passo que aproximava, também, netos e avós. Os encontros virtuais, sejam eles diários ou até mesmo semanais, puderam reverberar no fortalecimento do vínculo intergeracional entre pessoas cuja presença física limitava-se a algumas semanas por ano. Segundo a entrevistada, a virtualidade carrega, em sua trajetória, a potencialidade de preencher silêncios:

*(...) eles [os filhos], quando ficavam sozinhos em casa, eles ligavam pros meus pais, faziam Skype com eles, pra não ficarem sozinhos. Então, pela gente, pelo nosso contato com nossos pais, nossos filhos também mantiveram contato com a família.*³⁴

*A internet, essa toda coisa de técnica, de coisa moderna hoje em dia, facilitou. Porque você liga a câmera e você participa.*³⁵

Esses silêncios, entretanto, não são preenchidos apenas pelo núcleo familiar europeu. Apesar do enfoque dado até aqui à rede de relações entre Brasil e Sérvia, que resiste ao tempo e à distância, a afetividade que emerge dos encontros possibilitados pela reterritorialização merece, igualmente, a atenção deste trabalho. Se, por um lado, V. agiu pela preservação dos laços com seu país de origem, por outro, ela age, consistentemente, pela construção de vínculos com o lugar que passou, também, a ser o *seu lugar*.

Essa vinculação com o lugar diz respeito à atribuição de significado à arquitetura, à territorialidade, à cultura e aos costumes brasileiros – mas não se encerra nesses processos. A vinculação com o novo lugar refere-se, sobretudo, à experiência do situar-se, do reconhecer-se enquanto si em uma nova realidade; nesse sentido, pressupõe um processo que passa, necessariamente, pela criação e sustentação dos encontros que afloram no deslocamento pelos espaços.

Partindo do entendimento de que o ser-no-mundo se posiciona como um *ser-com*, trabalha-se com a ideia de que ninguém pode *ser* sozinho (CRITELLI, 2012). Assim sendo, a construção e valorização dos laços afetivos para com novas pessoas, de novas

³⁴ Resposta parcial à questão: "Você tava falando bastante de família, da família que você deixou na Sérvia. Mas você construiu uma família aqui também, né? Como fica essa situação de ter gente lá e ter gente aqui?"

³⁵ Resposta parcial à questão: "Esses sentimentos associados à atitude de ter vindo pra cá, a questão de ter tido filhos aqui, então a continuidade da geração estar aqui, a geração anterior estar lá... quais sentimentos estão envolvidos nessa dinâmica?"

territorialidades, funciona, em ressonância aos aspectos já discutidos, como sustentação para o processo de negociação de si, a qual V., como migrante, é convocada.

As relações emergentes da reterritorialização no Brasil, em suma, representam um ponto de apoio à experiência de migração de V.. As menções da entrevistada a respeito das amizades construídas nos últimos 26 anos indicam a forma como os encontros são vividos como oportunidades de habitar o limiar entre ser daqui e ser de lá – dinâmica já aprofundada anteriormente. A partir das relações de amizade cultivadas em solo brasileiro, inclusive, é enfatizada o que a entrevistada nomeia de "família postiça" – termo que auxilia na compreensão de que a presença dos amigos, amparados por laços afetivos que não precisam se apoiar sobre relações de parentesco, ajuda a preencher os buracos deixados na trajetória de migração. As seguintes falas de V. colaboram a esse entendimento:

*(...) pela falta de vovôs de sangue, de tios de sangue, de primos de sangue, a gente cria aqui uma família postiça. (...) Então a gente acaba criando uma família... pelo menos eu! Eu sou desse jeito, eu não posso viver sem, então...*³⁶

*(...) eu, já nos primeiros dias [de retorno ao Brasil], marco com todos os amigos mais queridos, mais próximos, dos quais eu também tive saudade, com quais eu continuo conversando – eu nunca interrompo, sabe? Quando eu vou pra Belgrado, eu deixo um tempinho também pra conversar com os meus queridos daqui.*³⁷

Há, ademais, uma característica importante a ser pontuada a respeito dos encontros emergentes do assentamento na cidade de São Paulo. Em seu trabalho como cantora lírica de uma orquestra, V. indica ter sido apresentada a pessoas de diversas partes do mundo e do Brasil; nesse sentido, a inevitabilidade da multiculturalidade se apresentou como marca fundante das relações interpessoais, para além dos esforços em construir um lar pautado na vivência de diferentes tradições culturais. O intercâmbio de culturas e tradições aparece, mais uma vez, como a base sobre a qual V. pode sintetizar passado e presente, lançando-se à possibilidade de viver efetivamente o futuro (CRITELLI, 2012), se reescrevendo em função da territorialidade. Nas palavras de V.:

(...) a gente vivia com aquele ar de... peso, de culpa geral, do povo inteiro... de ser olhado como, sei lá, seu país fosse o responsável pela guerra ou não. Então a gente vem com essas razões bem pesadas, assim, e você acha que é só você. Isso é muito comum. Isso de quando é jovem, você acha que você é o centro do mundo [risos]. (...) de repente a gente se encontrou num lugar multicultural, que não era só a gente que precisava estar longe de casa. (...) Então esse negócio de

³⁶ Resposta parcial à questão: "Você tava falando bastante de família, da família que você deixou na Sérvia. Mas você construiu uma família aqui também, né? Como fica essa situação de ter gente lá e ter gente aqui?"

³⁷ Resposta parcial à questão: "Como é esse sentimento de estar lá [na Sérvia]? Que tipo de sensações, lembranças surgem quando você retorna?"

muita gente de lados diferentes foi uma coisa que aliviou um pouquinho a nossa dor, a nossa culpa [risos].³⁸

A elaboração e conservação de uma rede social fruto dos encontros da migração se revela como lugar de segurança ontológica. Para Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), a estruturação de redes como a de V. é fundamental, sobretudo, na sustentação da negociação identitária inerente à migração. Segundo os autores, "Identificar-se com um território implica tornar-se parte de determinados círculos sociais e redes de lugares e itinerários e partilhar um sentimento coletivo em relação a signos, códigos e práticas culturais" (p. 415). Em outras palavras, é por meio da circulação e coletivização de hábitos, desejos, sentidos e memória que a experiência do situar-se, do habitar pode encontrar solo para se firmar, enraizar e florescer.

Os laços afetivos, além de amparar o existir e suavizar a experiência de perda e culpa que marcaram a trajetória de V., são também responsáveis pela reedição das possibilidades de ser. O contato com pessoas cujos costumes e hábitos são tão diferentes daqueles praticados no Leste Europeu confirmou e ainda confirma o potencial de contestar certezas prévias, movimentando uma transformação pessoal em função do suporte oferecido pelo coletivo ao questionamento de si.

Essa transformação, no entendimento da entrevistada, deve-se ao encontro com diferentes visões de mundo, encarnada na diversidade de pessoas com quem se relacionou e segue se relacionando no Brasil. A pluralidade como possibilidade de ser, nesse sentido, desafia percepções antigas e estáticas que V. tinha sobre si, oportunizando um novo encontro consigo mesma.

O movimento de mudança que compõe a dinâmica de autocompreensão da entrevistada é marcado, nesta constelação, pela unidade de sentido "antes e depois". Os encontros com pessoas que reproduzem modos de ser e pensar tão distintos àqueles praticados na Sérvia, ao colocar em movimento certezas e questionar, sobretudo, o lugar da culpa em sua posição de migrante, produz falas como as seguintes:

(...) acho que eu gosto mais dessa [V. de agora], porque a V. que veio lá atrás aqui era uma V. mais rígida, pela nossa cultura, pela nossa educação. Era uma V. mais, é... pesada. Pelas coisas pesadas da vida. Hoje em dia eu já aprendi a ser mais leve, a olhar o bosque, não só a árvore... de ver a vida como alguma coisa legal. (...) a gente cresce, nossos países crescem... a gente cresce nos nossos países com sentimento de culpa, com sentimento de sempre fazer alguma coisa errada. Então, aqui, e eu conhecendo outras religiões também, vendo outros pontos de vista, outras filosofias da vida e tudo, percebi que a gente pode relaxar um

³⁸ Resposta parcial à questão: "E na [orquestra], você comentou que... é muita gente! Muita gente de fora, muita gente daqui, esse intercâmbio cultural dentro da Orquestra, como é?"

*pouquinho. Então, ser feliz também, que não é nenhum crime, assim... Pecado Capital ser um pouquinho feliz.*³⁹

*(...) gostei da minha trajetória nessa tarefa de me construir como ser humano, eu acho que eu sou agora um ser humano melhor do que fui 25 anos atrás. Agora, claro que sim, eu tinha minha porção de culpa enorme a toda essa vida.*⁴⁰

*eu diria pra mim mesma [há 25 anos]: "tenta viver mais a vida, tenta ser mais leve"; "não espera chegar nos 50 pra perceber que a vida pode ser mais leve".*⁴¹

A síntese entre o antes e depois – seja no que se refere aos diferentes territórios, à mudança de concepções em meio à sociedade, ou, ainda, à autoidentificação de V. – indica o caminho para a perspectiva de desafiar a fixidez dos binômios que aparentam fundar a trajetória de V. pela migração: ser daqui e ser de lá; ser e não ser; passado e futuro, entre outros binômios. O caminho para a fluidez entre os opostos, de qualquer forma, parece ser indicado pela entrevistada, que atesta, em sua vivência, a perseverança da possibilidade em detrimento à finitude; da espontaneidade em detrimento à rigidez; de *ser* em detrimento do *não-ser*.

³⁹ Resposta parcial à questão: "Quem era a V. de 25 anos atrás e a V. de hoje?"

⁴⁰ Resposta parcial à questão: "Quem era a V. de 25 anos atrás e a V. de hoje?"

⁴¹ Resposta parcial à questão: "(...) o que você diria pra você mesma, naquele momento em que você decidiu vir pro Brasil, já tendo vivido essas experiências todas? Seja considerações, conselhos, o que você gostaria de dizer, se tivesse a chance de dizer."

4 Considerações finais

Partindo do interesse em investigar a maneira como o deslocamento entre territórios impacta a condição humana de ser-no-mundo, em *Memórias da migração: uma fenomenologia da experiência narrada*, o objetivo foi expandir a compreensão do fenômeno da migração a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. Mais especificamente, a intenção concentrou-se no esforço em desvelar os sentidos associados à experiência de migração longa, passados vinte anos ou mais da reterritorialização (LITTLE, 2011).

O percurso pela concretização desses objetivos se iniciou com o resgate de autores cujas teorizações puderam contribuir para a construção da compreensão almejada. Yi-Fu Tuan (2011), a partir de sua produção para chamada Geografia Humanista, conduziu ao entendimento de que as espacialidades, quando dotadas de sentido pelos seres humanos, passam a ser vividas enquanto lugares de ser, únicos por essência. À ideia de lugar, nesse sentido, foi atribuída contornos mais amplos do que à noção de espaço, uma vez que aquela reflete o vínculo particular que cada pessoa estabelece com as territorialidades. Partiu-se do entendimento, portanto, de que, a partir de experiências culturais, sociais e históricas (PEREIRA; FERNANDES, 2016), o ser humano constrói possibilidades de ser e pertencer ao mundo.

Com isso, trabalhou-se com a ideia de que a íntima relação com os lugares é possibilitada pelo fio condutor que emerge da ação da memória ligada aos espaços (FREITAS; ALMEIDA, 2016) – ao lembrar e conservar a lembrança, o vínculo para com os territórios se faz emergir. A essencialidade da memória para a compreensão do sentimento de pertença aos lugares convocou Ecléa Bosi (1979; 1993; 2003) a compor este trabalho. A autora, que se ocupa da temática mnêmica em suas produções, entende que a memória se constitui enquanto um trabalho de criação humana sobre o tempo (BOSI, 1993), numa reconstrução do passado no presente, em direção ao futuro. Em *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1979), por exemplo, Bosi resgata a voz de pessoas velhas da cidade de São Paulo por meio de suas memórias sobre o território, lhes restituindo o lugar de narradores da própria história.

Nesse sentido, Walter Benjamin surgiu como mais uma importante referência à condução deste trabalho. O filósofo, em *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1936/1994), denuncia a queda da arte de narrar no Ocidente em meio à ascensão da informação, que é rápida e efêmera como o tempo do relógio. A concepção segundo a qual a narração equivale a um trabalho artesanal sobre as situações vividas,

num movimento de transcendência da narrativa sobre a passagem do tempo cronológico, foi um importante fio condutor deste trabalho.

Assim, baseando-se da compreensão proposta por Gonçalves, Henriques e Magnolo (2020), segundo os quais a representação social do migrante, ao afastar-se das expectativas de uma suposta referência de normalidade, é marcada pela generalização, pela não-cidadania e pela não-humanidade, referências como Walter Benjamin e Ecléa Bosi foram aproveitados no sentido de resgatar a narrativa migrante, assentada em saberes sistematicamente anulados pela lógica científica positivista e neoliberal.

Antes da concretização da entrevista com a qual se intentou alcançar esse objetivo, entretanto, fez-se necessária a sistematização de um capítulo teórico a respeito da migração, a fim de oferecer uma sustentação para a etapa prática desta pesquisa. Neste, intitulado de "Falando em migração...", realizou-se uma breve revisão bibliográfica que se ocupou de identificar como a migração é tradicionalmente estudada pela academia. Dessa revisão, concluiu-se que é marcante, nos estudos migratórios mais tradicionais, a ausência de contestação das imagens generalizadas veiculadas a respeito da pessoa migrante, num movimento de desumanização do sujeito migrante (SPRANDEL, 2007) e de reprodução de sua estereotipização (GONÇALVES; HENRIQUES; MAGNOLO, 2020).

Com Mondardo (2007) e Escudero (2018), entretanto, foi apontada uma lenta mudança no cenário tipicamente acrítico dos estudos migratórios, que passaram, desde a década de 1980, a contemplar a perspectiva cultural nas produções – como é o caso da corrente transnacional (SCHILLER; BASCH; BLANC, 2019). Ainda assim, alertou-se para a incipiência desse movimento, enfatizando a importância do fomento de perspectivas críticas no desenvolvimento de teorias a respeito de um fenômeno humano que depende, fundamentalmente, dos sujeitos que o protagonizam – como é o caso da migração.

Além disso, ainda neste capítulo, foi realizada uma sistematização da maneira como a Psicologia se ocupa do tema da migração. Nesse ponto, foram utilizados exemplos de publicações acadêmicas para descrever o panorama assumido por essa disciplina. Foram discutidas produções com embasamento em diferentes linhas teóricas (Psicanálise, Psicologia Sistêmica, Psicologia Social, Psicopatologia), com diferentes metodologias (pesquisa quantitativa; pesquisa qualitativa; pesquisa teórica). A partir da análise destes, identificou-se que a Psicologia, em sua diversidade de abordagens e aplicações, ocupa-se da produção de conhecimento sobre a "microescala" (DAL GALLO, 2011) do fenômeno da migração, enfatizando o lugar da pessoa migrante na dinâmica de deslocamento. Apesar de alguns estudos se esforçarem no sentido de produzir

explicações psicopatologizantes à escolha pela migração, em geral, as pesquisas demonstraram preocupação com a discussão da vivência subjetiva do fenômeno.

Na conclusão do capítulo teórico, a proposta foi apresentar a maneira como a Fenomenologia Existencial pensa o ser-migrante – ou, as condições existenciais que emergem com a migração. Neste, priorizou-se o embasamento em autores que propõem uma leitura ontológica do fenômeno. Dentre as produções aproveitadas, as contribuições de Dal Gallo (2011) ganharam destaque; a autora enfatiza a dinâmica de transição ontológica a que é convocado o migrante, partindo do entendimento de que é inevitável o processo de negociação de si frente à dúvida: "sou daqui ou sou de lá?". Adjacente a essa ideia, foram trabalhados os aspectos referentes à multideterminação das condições que viabilizam a dita transição, ao passo que foi realizada uma sinalização à importância de pensar na ideia de identidade para a compreensão desse processo.

Com isso, Critelli (2012) se apresentou como uma referência importante; apesar de o ser-migrante não ser o foco de suas produções, a ideia de que a identidade de uma pessoa diz respeito às narrativas por ela e sobre ela produzidas surgiu como instrumento importante ao pensar a negociação de si imposta ao migrante. A partir dessa autora, portanto, foi alcançado o entendimento de que a reedição das narrativas de si (ou, da identidade) se dá pela reorganização dos fios de sentido que sustentam a autointerpretação do migrante, num movimento que intenta preservar a sensação de segurança ontológica (DAL GALLO, 2011) mediante uma situação que cobra e se define por uma intensa transformação – de si e do mundo.

Tendo isso posto, o foco passou a recair sobre a etapa prática deste estudo; ou seja, sobre a realização do encontro-entrevista cuja narrativa foi aproveitada para a compreensão dos possíveis sentidos associados à vivência migrante. Para tal, baseou-se, acima de tudo, no método fenomenológico; ou seja, buscou-se o desvelamento do fenômeno – daquilo que se mostra em si mesmo (HEIDEGGER, 2005) – no espaço potencial entre sujeito e objeto de pesquisa (CRITELLI, 2019). Assim, baseando-se na Entrevista Reflexiva, procedimento investigativo-hermenêutico proposto por Szymanski e Szymanski (2022), foram enfatizados o planejamento e condução de uma entrevista pautada no diálogo, na escuta atenta e na reflexão que emergiu do encontro entre entrevistadora e participante. A entrevista foi realizada com a participação voluntária de uma mulher sérvia que migrou ao Brasil nos anos de 1990, identificada pela abreviação V. no decorrer da pesquisa.

A análise do relato produzido no encontro-entrevista se deu pelo esforço de ir às coisas mesmas (HUSSERL, 2014). Conforme proposto por Szymanski, Szymanski e

Fachim (2019), a partir da transcrição da entrevista, foram elaboradas interrogações de sentido referentes a trechos da conversa empreendida; as possíveis respostas a essas interrogações formaram o que foi denominado de unidades de sentido – representantes das principais temáticas emergentes. Essas unidades, agrupadas em função do diálogo que pôde ser tecido entre elas, compuseram três constelações de sentido – *A falta que a falta faz*; *Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si*; *Re-existir: a memória em rede*. As constelações, portadoras das unidades de sentido e reprodutoras, também, da perspectiva da pesquisadora, constituíram a base sobre a qual se assentou a análise hermenêutica proposta, em associação a autores relevantes à discussão.

As unidades de sentido que compuseram *A falta que a falta faz* foram: "família"; "filhos"; "encontros e despedidas"; "contradição" e "saber deixar ir". No caso de *Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si*: "ser e não ser"; "Brasil x Sérvia"; "identidade intergeracional" e "espaço e tempo". Já na constelação *Re-existir: a memória em rede*, se fizeram presentes: "cultura"; "memória"; "possibilidades de co-existir" e "antes e depois".

Na constelação *A falta que a falta faz*, ficou compreendido que a vivência migratória de V. é marcada pela experiência da não-presença. A discussão se deu no sentido de destacar falas da entrevistada que indicassem esse panorama, enfatizando que a vivência da falta aparecia em referência à família e à vida na Sérvia, mas também ao próprio sentimento de si (LECHNER, 2007) de V. frente à distância física que se impõe entre a participante e os suportes materiais (BOSI, 1993) que sustentam a memória de de quem se é. Em contrapartida, recebeu ênfase a compreensão de que a experiência da falta, ainda que geradora de muito sofrimento, se posiciona enquanto ponto de partida para a vivência da contradição da condição migrante – os buracos deixados pela ausência são preenchidos com a multiplicidade de possibilidades de experimentar tonalidades afetivas positivas; de viver a presença. Essa leitura foi sustentada pelo entendimento de V., segundo a qual a migração representa, acima de tudo, um ensinamento de vida sobre deixar as pessoas irem e deixar-se ir.

A constelação *Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si* teve como foco as repercussões da migração na autointerpretação identitária de V.. Nesta, o desvelamento se deu no sentido de compreender que a contradição experienciada pela entrevistada (LECHNER, 2007; DAL GALLO, 2011) ressoa em seu processo de negociação de si ao qual é convocada pela vivência de reterritorialização. Nesse sentido, construiu-se o entendimento de que a maneira como os lugares são vividos conserva íntima relação com o entendimento de si produzido por V., bem como

com os modos-de-ser oportunizados (FREITAS; ALMEIDA, 2016, p. 234); não é possível ser a mesma no Brasil e na Sérvia. Ainda, trabalhou-se com compreensão de que as relações com os lugares e as possibilidades de ser neles embutidas são sustentadas pelas redes de afetividade construídas em cada espaço, ao passo que reverberam nas pessoas envolvidas nessa dinâmica – como acontece com os filhos de V. (que também são alcançados pela emergência de reedição da narrativa de si dos pais).

O fechamento desta constelação se deu pelo desenvolvimento da denominação "cidadã do mundo", atribuída por V. à sua própria pessoa. A este respeito, entendeu-se que essa autodeterminação inaugura a possibilidade para a entrevistada viver no limiar entre Sérvia e Brasil, uma vez ela que se firma enquanto alguém que vive de maneira maleável entre os lugares. Essa ideia, inclusive, foi utilizada na abertura da terceira e última constelação que foi apresentada: *Re-existir: a memória em rede*. Nesta, o foco recaiu sobre as formas encontradas por V. para existir e resistir às imposições que acompanham a escolha pela migração.

A hermenêutica neste ponto proposta baseou-se no entendimento de que a negociação de si (DAL GALLO, 2011), aliada à autodeterminação, é facilitada quando são colocadas em movimento a memória, a cultura e as possibilidades de co-existir entre os territórios. Apesar da notável resistência da entrevistada em lembrar e narrar (CHAUÍ, 1979) o passado, entendeu-se, por meio de sua fala, que a memória da vida na Sérvia se faz presente de diversas maneiras no cotidiano (BOSI, 1993) – inclusive pelo trabalho de preservação da cultura empreendida no lar brasileiro. Por meio da celebração de festas, da culinária, dos objetos que decoram a casa e das histórias que, por vezes, encontram lugar no meio familiar, V. aproxima Sérvia e Brasil; passado e presente.

Além disso, alcançou-se a compreensão de que as relações interpessoais construídas, estabelecidas e cultivadas, seja na Sérvia ou no Brasil, suavizam o peso da distância e inauguram um plano seguro para que sejam vividas as possibilidades de ser. Notou-se, inclusive, que o empenho pela manutenção dos laços com as pessoas na terra-natal (SCHILLER; BASCH; BLANC, 2019) e o desejo pela criação e manutenção de vínculos com aqueles que vivem no país de destino são conciliados por V., que sintetiza os tempos e os lugares através da chance de ser-junto às pessoas que suportam o seu ser (CRITELLI, 2012).

A partir dessas colocações, conclui-se que o objetivo de expandir a compreensão de como a migração pode ser vivenciada foi atingido. Tendo em vista que não era a intenção deste trabalho construir generalizações a respeito da migração, e sim investigar

possibilidades de ser que emergem da vivência de reterritorialização, a narrativa proposta por V. apresentou-se como o fundamento sobre o qual pode ser erguida esta pesquisa.

Alguns apontamentos, entretanto, merecem ser mencionados. Devido ao recorte selecionado para a condução deste trabalho, aspectos essenciais a uma compreensão totalizante a respeito da vida de uma pessoa deixaram de ser aprofundados e/ou citados. São exemplos: as questões de gênero que emergem no contexto de migração e a forma como V. vive sua condição de migrante-mulher; as implicações do envelhecer no processo de migração, principalmente levando em consideração o deslocamento longo (no caso, realizado há 25 anos); o recorte de raça-classe e o papel deste nas possibilidades que se apresentaram à participante em sua vivência migratória.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221, 1936/1994.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Tao Editora, 1979.
- BOSI, Ecléa. A pesquisa em Memória Social. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 277-284, 1993.
- BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 47, p. 198-211, 2003.
- BRUCK, Mozahir S. Entrevista: Ecléa Bosi. **Dispositiva**, v.1, n.2, p. 196-199, nov/2012-abr/2013.
- CASTRO, Alexandre. Google Acadêmico: Explorando 15 Funcionalidades. Rede Urbana, 2018. Disponível em: <https://aredeurbana.com/2018/09/03/google-academico-explorando-15-funcionalidades/>. Acesso em: 21 mar 2023.
- CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Tao Editora, 1979.
- CHAUÍ, Marilena. Homenagem a Ecléa Bosi. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 15-24, jan-mar/2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/PybSDsbnmswskjpSQwTmWfx/>. Acesso em: 21 ago 2022.
- CRITELLI, Dulce M. História pessoal e sentido da vida: historiobiografia. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2012.
- CRITELLI, Dulce M. Método: revelação e ocultamento. In: Bárbara E. B. Cabral, Luciana Szymanski, Maria Inês B. Moreira, Maria Luisa S. Schmidt. (Org.). *Práticas em Pesquisa e Pesquisa como Prática - experimentações e psicologia*. 1ª Edição. Curitiba: Editora CRV, v. 1, p. 23-29, 2019.
- DAL GALLO, Priscila M. Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 44-58, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12807/pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.
- DANTAS, Sylvia D. *et al.* Identidade, Migração e suas Dimensões Psicossociais. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XVIII, n. 34, p. 45-60, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4070/407042011004.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2022.
- DAURE, Ivy; REYVERAND-COULON, Odile; FORZAN, S. Relações familiares e migração: um modelo teórico-clínico em psicologia. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 91-108, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/DWHkLNSyrcr5DSnKNYYNNHc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 mar 2023.

DIAS, Maria Inês M. S. Uma Viagem Psicológica pela Migração. **Psilogos**, v. 2, n. 2, p. 6-12, 2005. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/psilogos/article/view/6050>. Acesso em: 01 mar 2023.

ELHAJJI, Mohammed. Migrantes, uma minoria transnacional em busca de cidadania universal. **INTERIN**, v. 22, n. 1, p. 203-220, jan-jun/2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5044/504454375013.pdf>. Acesso em: 08 out 2022.

ESCUADERO, Camila. Os conceitos de transnacionalismo, etnicidade, comunidade diaspórica e interculturalismo dos estudos migratórios: uma proposta de aplicações e abordagens. **Ambivalências**, v.6, n.11, p. 110-141, jan-jun/2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/9275>. Acesso em 17 mai. 2022.

FERREIRA, Marcelo S. Walter Benjamin e a questão das narratividades. **Mnemosine**, v. 7, n. 2, p. 121-133, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41479>. Acesso em: 29 ago 2022.

FRANKEN, Ieda; COUTINHO, Maria da Penha L.; RAMOS, Natália. Migração e qualidade de vida: um estudo psicossocial com brasileiros migrantes. **Estudos de Psicologia**, Campinas, vol. 26, n. 4, p. 419-427, out-dez/2009. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2009000400002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 18 mar. 2022.

FREITAS, Jéssica S.; ALMEIDA, Maia G. Ser ou estar no lugar?: Um ensaio sobre espacialidades, memórias e identidades. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 38, n. 2, p. 233-240, jul-dez/2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/31499#:~:text=Desse%20modo%2C%20entende%2Dse%20que,presente%20e%20futura%20do%20sujeito>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GONÇALVES, Isabella de S. HENRIQUES, Rosali M. N.; MAGNOLO, Talita S. A representação do imigrante pela imprensa brasileira: uma revisão de literatura. **Revista Pauta Geral**, Ponta Grossa, v.7, n.1, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/16645>. Acesso em: 09 mar 2023.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo: Parte I. 15. ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2005

HUSSERL, Edmund. Investigações Lógicas: volume I. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

JOUTJOUT PRAZER. A FALTA QUE A FALTA FAZ. YouTube, 20 fev 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GFuNTV-hi9M>.

LECHNER, Elsa. Imigração e saúde mental. **Revista Migrações – Número Temático Imigração e Saúde**, Lisboa, n. 1, p. 79-101, set/2007. Disponível em: https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/migracoes1_art4.pdf. Acesso em: 18 mar. 2022.

LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração. Por uma teoria de reterritorialização. **T.E.X.T.O.S DE H.I.S.TÓ.R.I.A.**, Brasília, v.2, n.4, p. 5–25, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27706>. Acesso em: 02 mai. 2022.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 49-64, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4734360>. Acesso em: 31 mar. 2022.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul-dez/2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/rzmFzZWXRmzVHZhFGWSR6wn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2022.

MELO, Fabíola F. S. Contribuições da psicologia fenomenológica e existencial para o campo da educação. In: MELO, Fabíola F. S.; SANTOS, Gustavo A. O. (Org.). *Psicologia Fenomenológica e Existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação*. Santana de Parnaíba (SP): Manole, 2022.

MIRANDA, Suélen C. O estudo das migrações a partir da Psicologia Social: Uma perspectiva crítica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p. 566-582, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/46903>. Acesso em: 09 mar 2023.

MONDARDO, Marcos L. Estudos migratórios na Modernidade e na Pós-Modernidade: do econômico ao cultural? **Terra Livre**, Presidente Prudente, ano 23, v. 2, n. 29, p. 51-74, 2007. Acesso em 22 de mar. 2023. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/240>. Acesso em: 22 mar 2023.

PATARRA, Neide L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p. 7-24, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/MWH6wYGYHgL7FFVFjnw9QJL/?lang=pt&format=html>. Acesso em 02 mai. 2022.

PEREIRA, Clevisson J; FERNANDES, Dalvani. Cultura e dimensões do viver em Yi-Fu Tuan: algumas aproximações geográficas. **RA'E GA**, Curitiba, v. 22, p. 53-73, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/21758>. Acesso em: 22 mai 2022.

PRADO, Cynthia N. A. Pluralidade e singularidade: uma compreensão fenomenológica da identidade. Orientador: Marcelo Sodelli. 2018. 34 fls. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2018.

QUEVEDO, Wagner A. Notas sobre narração e experiência em Walter Benjamin. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 98-117, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2008v13n2p98/0>. Acesso em: 29 ago 2022.

SANTOS, Milton. O Espaço Geográfico como Categoria Filosófica. In: FERNANDES, Bernardo M (Org.). *Terra Livre 5: O espaço em questão*. São Paulo: Marco Zero, 1988.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/1799/A%20natureza%20do%20Espa%C3%A7o.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 mar 2022.

SCHILLER, Nina G.; BASCH, Linda; BLANC, Cristina S. De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional. **Cadernos CERU**, série 2, v. 30, n. 1, p. 349-394, jun/2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/158717>. Acesso em: 09 mar 2023.

SILVERSTEIN, Shel. A parte que falta. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1976/2018.

SPRANDEL, Marcia A. A "questão migratória" como objeto de reflexão. **Refúgio, Migrações e Cidadania – Caderno de Debates**, v. 2, p. 35-50, ago/2007. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Caderno-de-Debates-02_Ref%C3%BAgio-Migra%C3%A7%C3%B5es-e-Cidadania.pdf#page=69. Acesso em: 18 mai. 2022.

SZYMANSKI, Heloisa; SZYMANSKI, Luciana. A pesquisa na perspectiva fenomenológica: uma proposta dialógica e colaborativa. In: MELO, Fabíola F. S.; SANTOS, Gustavo A. O. (Org.). Psicologia Fenomenológica e Existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação. Santana de Parnaíba (SP): Manole, 2022.

SZYMANSKI, Luciana; SZYMANSKI, Heloisa; FACHIM, Felipe L. Interpretação como des-ocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, p. 1-25, 2019.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011.

ANEXOS E APÊNDICES

Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Sr.(a),

Este Termo de Consentimento é um convite para participação em uma pesquisa de conclusão de curso chamada “Memórias da migração: uma fenomenologia da experiência narrada”, que tem como objetivo aprofundar a compreensão sobre a vivência da migração e sua relação com a passagem do tempo; em outras palavras, procura-se desvelar os sentidos associados à memória da migração.

Sua participação não é obrigatória e sim voluntária. Se você desejar participar da pesquisa, deverá assinar duas vias iguais deste documento, de modo que uma ficará com você e, a outra, com a pesquisadora.

A sua colaboração acontecerá por meio de participação em entrevista individual, que será gravada em áudio, que será transcrito em momento posterior. Durante o estudo, você será convidado a entrar em contato com memórias que carrega da época da migração, podendo revisitar experiências marcantes e expressar os sentimentos associados às lembranças.

Mesmo após aceitar participar, você tem o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento – ao avisar a pesquisadora, o estudo será paralisado. É importante que você sinalize caso se sinta desconfortável com a participação na pesquisa, assim como não responda as perguntas se não se sentir bem. Você também poderá ser retirado do estudo se a pesquisadora avaliar que efeitos indesejáveis aconteceram ou se o estudo for interrompido.

Todas as informações coletadas serão de uso exclusivo para o trabalho e sua identidade será mantida em sigilo. Você não terá gastos com a participação, assim como não receberá nenhum pagamento.

O estudo será realizado por Julia Celadon Guilharducci, estudante de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob a orientação da Professora Dr^a Luciana Szymanski Ribeiro Gomes. Sempre que for necessário algum esclarecimento, você poderá solicitar durante os encontros ou através dos contatos: (11) 99666-7917 | celadon.julia@gmail.com

(11) 3825-5363 | lucianaszymanski@gmail.com

Este termo pode conter palavras que você não entenda. Se for o caso, peça explicações e esclarecimentos antes de assiná-lo.

EU _____, declaro conhecer as informações contidas neste termo e que todo o procedimento de pesquisa foi explicado satisfatoriamente, assim como minhas dúvidas foram respondidas. Confirmando também ter recebido uma via igualmente

assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como voluntário(a) dou meu consentimento para participar desta pesquisa.

São Paulo, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do(a) Declarante

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Szymanski Ribeiro Gomes
CRP. 6/44319

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), campus Monte Alegre, está localizado no térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo), na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br. Este estudo foi aprovado pelo Comitê com o registro CAAE 65785722.1.0000.5482.

Apêndice 2: Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA

J: O que significa para você ser uma migrante internacional e, atualmente, residir no Brasil?

V: Vou contar, primeiro, como a gente veio parar no Brasil. Então, a gente veio pro Brasil 25 anos atrás; se não me engano, esse ano, em maio, a gente vai fazer 25 anos, ou 26... por aí. A gente tinha acabado de se formar na faculdade, éramos casados, meu marido é romeno e eu sérvia, então a gente procurou um terceiro país pra morar e acabamos no Brasil. E isso tudo, no começo, parecia uma aventura muito grande pra nós, a família toda achou que estamos loucos, pela distância com o país mesmo. Uma coisa que a gente achava é que na verdade nada é distante se você tem dinheiro e tempo, né... o que é verdade, se você tem dinheiro pra viajar e você tem tempo... obviamente a gente não imaginava que não vai ser desse jeito. Nessa vida você tem que passar muitos anos pra ter dinheiro e tempo [risos]. Assim, então, essa nossa decisão de ir pra tão longe, primeiro nossos pais, as famílias, todo mundo achava que a gente vai voltar em meio ano. Aí, quando eles perceberam que a gente não vai voltar, eles vieram pra visitar, gostaram daqui e tudo isso, então, é sempre uma coisa... uma mistura de prazer com lágrimas, assim. Porque a gente gosta de estar no Brasil, mas no mesmo tempo, a gente sente super saudade dos nossos países; nossos pais, nossos irmãos vinham pra cá, adoravam o Brasil como turistas, mas também odiavam o Brasil, porque parece que é um país que tirou os filhos deles. Mesmo que isso não é verdade, né... são os filhos que escolhem. E agora? E agora o que que é a gente? Brasileiro ou a gente é sérvio ou romeno? Na verdade, a gente é... eu posso dizer assim, eu sou sérvia, mas nem tanto. Sou brasileira, mas nem tanto. É assim que você abraça, você nunca perde o que você é, de onde você veio, isso não sai de você nunca... mesmo quando você se esforça de tirar, de jogar fora, né, mas não sai. E eu também abracei muito o Brasil, com tudo, minha vida aqui, os amigos, trabalho, tudo, mas eu nunca serei brasileira por completo. Então a gente é uma mistura, uma mistureba, assim, engraçada – e os filhos pior ainda, porque eles vieram

de mãe sérvia, pai romeno, num país brasileiro, então eles são uma muvuca maior ainda. E agora, que pergunta você tem pra mim?

J: 25 anos depois de ter vindo pra cá, como é a sua relação com a Sérvia, com o país de onde você veio?

V: A nossa relação é muito forte, a gente fez questão de todo ano ir pra lá. Pelos pais, pelos irmãos, pela família toda, pelo contato com o idioma, pois nossos filhos... Aliás, a gente tem, sempre teve um... a gente sempre teve uma ideia legal, eu acho, sobre as férias. Nós sempre dividíamos nossas férias – nossas férias são coletivas, meu marido é músico também –, então a gente tem sempre dezembro e janeiro como férias, férias grandes. Então a gente dividia entre Sérvia e Romênia, novamente, partes iguais, e sempre tivemos uma semana a mais, aliás, fora desses dois, pra levar as crianças pra um terceiro lugar, pra eles conhecerem a Europa. Porque, lógico, a gente é europeu, então a gente tem esse negócio, desejo de... daí vem também a escola das crianças, que é alemã, que além do fato que é uma escola tradicional, que a gente escolheu pra não ter muita divergência entre a nossa educação e a deles, mas também como uma ponte com a Europa. Então cada nossa viagem, todo ano, a gente ia pra Sérvia, Romênia, e depois, sei lá, pra Hungria, pra França, ou pra Alemanha, pra diferentes países. Então a gente sempre encarou essa multiculturalidade como uma coisa muito bacana; que na verdade, você, como tudo na vida, você pode olhar pelo prisma de tristeza, angústia, estresse... olhando desse prisma, você é estrangeiro num país enorme, você não tem ninguém como conhecido, como apoio, você tem que criar suas raízes, encontrar seu lugar, um trabalho... no mundo. Assim, simplesmente como alguém de paraquedas. Então, isso leva, traz muita, muita angústia, também tem esse negócio de falta de casa, falta de família, e tudo isso, muita tristeza. Mas você pode olhar por outro prisma. Olha que legal, a gente tá falando uns idiomas a mais, a gente tem duas casas ao invés de uma, a gente tem duas festas de Natal, duas festas de Páscoa, duas festas de tudo, né, porque, vamos manter a nossa tradição, vamos fazer do nosso jeito, mas também pelas crianças, vamos fazer do jeito brasileiro. Dava um pouquinho de confusão nas crianças, talvez. Quando eles se pensam, acho que no final eles são brasileiros. Então...

J: Quem era a V. de 25 anos atrás e a V. de hoje?

V: [...] É, quem era a V.... sabe que eu gosto demais dessa V. de agora, mesmo que sou mais velha [risos]. A jornada na frente tá mais curta do que 25 anos atrás, mas... acho que eu gosto mais dessa, porque a V. que veio lá atrás aqui era uma V. mais rígida, pela nossa cultura, pela nossa educação. Era uma V. mais, é... pesada. Pelas coisas pesadas da vida. Hoje em dia eu já aprendi a ser mais leve, a olhar o bosque, não só a árvore... de ver a vida como alguma coisa legal. Isso tem muito a ver com a religião também. Porque acho que a nossa religião, Ortodoxa, cristã, é uma religião que tem como ponto muito forte – tudo bem, tem aquele negócio de vida eterna e tudo isso, como um bônus pela vida boa nessa Terra –, mas tem um assento muito forte na culpa. Então a gente cresce, nossos países crescem... a gente cresce nos nossos países com sentimento de culpa, com sentimento de sempre fazer alguma coisa errada. Então, aqui, e eu conhecendo outras religiões também, vendo outros pontos de vista, outras filosofias da vida e tudo, percebi que a gente pode relaxar um pouquinho. Então, ser feliz também, que não é nenhum crime, assim... Pecado Capital ser um pouquinho feliz. Então essa V. de agora é essa V., um pouquinho mais aberta, e mais sábia, e mais leve... e mais em paz com as coisas e com as pessoas, e... Sei lá, eu gostei da minha trajetória aqui; tô falando agora não do ponto de vista profissional, aonde eu cheguei ou sei lá, mas eu gostei da minha trajetória nessa tarefa de me construir como ser humano, eu acho que eu sou agora um ser humano melhor do que fui 25 anos atrás. Agora, claro que sim, eu tinha minha porção de culpa enorme a toda essa vida. Meus pais adoeceram – minha mãe adoeceu uns 15 anos atrás –, então já ficou mais difícil a gente se ver, sempre tinha aquele negócio de pode acabar... cada nossa despedida de lá era tipo, talvez seja a última vez. Outra coisa que eu aprendi: que nunca é a última vez até que seja a última vez, e aí mesmo assim, a última vez, quem sabe, né? Talvez não é assim mesmo. Mas, sempre tínhamos essa nuvem de tragédia na nossa volta, de que agora vai ser a última vez. E é difícil. Você tem alguém longe, que é tão amado e doente, você sabe que você não pode ajudar de jeito nenhum, tirando o financeiro, mas isso é o que menos

conta. E, então, eu tinha essa culpa bastante tempo na minha vida e tristeza, assim, também. Mas eu acho que muitas coisas aqui que a gente vive, que a gente encontra, foram maiores do que essa culpa, que essa tristeza, sei lá.

J: Você tava falando bastante de família, da família que você deixou na Sérvia. Mas você construiu uma família aqui também, né? Como fica essa situação de ter gente lá e ter gente aqui?

V: É um pouquinho diferente do que quando você tá no seu país, na sua cidade, então você, lógico, num momento da vida vai sair da casa dos pais, vai criar sua família. Mas, de alguma maneira, todo mundo vai estar presente na vida dos seus filhos – sei lá, pode não ter filhos, mas, você com seu cônjuge, sei lá, parceiro ou parceira. E nosso caso foi um pouquinho diferente, porque a gente tá à distância de um oceano. Então, tinha momentos, quando meus filhos nasceram, meu marido até falava assim: "puxa vida, você tá tão molenga com eles, parece que você é vovó deles e não mãe." Eu falava: "ué, mas eles não têm vovó aqui, né. Então eles precisam disso também.". Acho que eles se saíram bem, mesmo que eu às vezes sou molenga. Mas, meus filhos foram privados disso. Então, pela falta de vovôs de sangue, de tios de sangue, de primos de sangue, a gente cria aqui uma família postiça. Às vezes essa família postiça tem um... rende até mais do que a de sangue, porque você escolhe, de alguma maneira, as pessoas com as quais vai caminhando. Então, meus filhos, por exemplo, tiveram a sua avó brasileira, que era minha professora de canto, que faleceu alguns anos atrás; eles têm seus tios e tias – metade do meu coro, né, são tios e tias deles! Todos eles participaram de alguma maneira na construção deles como pessoas, dos meus filhos como pessoas. Então a gente acaba criando uma família... pelo menos eu! Eu sou desse jeito, eu não posso viver sem, então... Meu marido já é mais recluso, por ele poderíamos ser só nós quatro. Mas, por mim não. Então é isso aí. É a família que tem lá, que a gente ama... E uma coisa impressionante também; aí vem o negócio de sangue – também um pouquinho de mérito nosso, porque a gente sempre deixou muito vivo, sempre, todos os dias eu falava com meus pais e, por esse meio, meus filhos, também. O meu filho, menino de 18 anos, conversava uma vez por semana, cada sábado, com a vovó, que a vovó foi embora no ano passado. Então, eles, quando ficavam sozinhos em casa, eles ligavam pros meus pais, faziam Skype com eles, pra não ficarem sozinhos. Então, pela gente, pelo nosso contato com nossos pais, nossos filhos também mantiveram contato com a família. Porém, tem uns familiares que eles nunca... eles veem uma vez por ano! Meu, uma coisa impressionante! Aí dá pra ver o sangue; porque você olha os moleques falando, primos, né... eles são idênticos! Assim, eles fazem as mesmas gesticulações, as mesmas mímicas, eles se olham e se entendem, e eles se amam profundamente, mesmo que não se falam durante o ano, quase nenhuma vez, talvez uma, duas vezes por ano. E isso é uma coisa muito, muito impressionante. Muito impressionante. Você leva seus filhos lá e parece que no mesmo momento em que chegaram lá, eles estão como se tivessem crescido lá. Tem até uma identificação física. Os meus filhos aqui sempre eram muito altos, muito grandes... [...]. Mas é isso aí.

J: E essa conexão que você comenta que os seus filhos sempre tiveram com a família que não tá aqui, como foi realizada a manutenção de uma cultura que eles não conheciam?

V: Isso vem somente dos pais – que no caso somos nós dois. É trabalhoso, porque – e quando eu falei sobre duas Páscoas, dois Natais, foi bem simbólico e na verdade isso demonstra, porque foi assim mesmo. Nós temos, nossa igreja usa calendário juliano e o resto do mundo usa gregoriano. Então, sempre duas semanas de diferença. O Natal brasileiro é sei lá, 24-5 de dezembro e o nosso é 6-7 de janeiro. Então, lógico que era muito mais trabalhoso pra mim, fazer duas festas de Natal, dois jantares, levar duas vezes na igreja, pras crianças terem essa sensação completa [risos], o pacote completo de tradição. Isso não se aplica só nas festas religiosas, se aplica em todas as outras coisas. É difícil você falar vários idiomas em casa. É muito mais fácil você chegar em casa e falar somente português. Porque aí, todo mundo descansa o cérebro. Mas, a gente fez questão. Na verdade, foi um brasileiro-coreano, o médico dos nossos filhos, o pediatra, que falou pra gente: "vocês são gente inteligente, têm filhos inteligentes, então cada um vai falar com o seu idioma com os seus filhos.". A gente falava "nossa, isso vai ser uma bagunça"; "não, não, não, vão por mim". E a gente fez desse jeito e, de fato, as primeiras frases eram sempre em três idiomas – em sérvio, romeno e em português. Então

isso também, uma coisa trabalhosa, você manter o idioma. Outra coisa, eu sempre lia pra eles antes de dormir, fazia questão de ler com eles coisas sérvias, porque eles já tinham a leitura brasileira da escola... felizmente os dois curtiem muito teatro, então a gente ia muito no teatro, no cinema e a gente tinha uma atividade social e cultural brasileira. Então acho que era nosso papel passar pra eles a parte de lá. Então tem "n" coisas, além dessas idas uma vez por ano, além de telefonemas, além de festas do ano, além de falar nosso idioma, além de livros, sei lá, o que mais... comida! Pela comida, comida é uma coisa que cria uma lembrança afetiva. Então a gente, sempre que ia lá, a gente trazia malas de comida de lá e não é só a gente que faz isso [risos]. [...] são lembranças de infância. Então a gente sempre trazia as coisas pra lá – aliás, pra cá... pra lá também! A gente trazia as coisas daqui, o pão de queijo em pó e suco de maracujá e coisas que eles adoram lá. Então pela comida também... o que mais? Não sei, eles sempre tiveram umas partes iguais... se você imagina a vida e a construção de ser humano como pessoa social e cultural e emotiva e tudo isso, consciente, imagina um prato de comida com que eles sempre foram alimentados com 3 colheeres diferentes. É isso aí.

J: Pra eles, hoje, como você enxerga, eles sendo...

V: Brasileiros.

J: Brasileiros?

V: Brasileiros. Eles são brasileiros. Teve um momento até que [risos], é até... agora já chegamos no assunto que foge um pouquinho diretamente da racionalidade, de lógica, que é algo visceral, intuitivo. Pela primeira vez que eu percebi que a minha filha na verdade não é sérvia, mas sim, brasileira, me deu uma pontadinha de tristeza. O que é absurdo, né? Isso é coisa absurda, isso é totalmente irracional. Porque ela nasceu aqui, aliás, os dois nasceram aqui, viram o hino brasileiro na escola o tempo todo... ela nadou pela bandeira brasileira, no final das contas. E, lógico que esse é o país deles, mas... Ai não sei, esse negócio de herança cultural e tudo é... acho que tem muito a ver com o nosso desejo de não morrermos pra eles nunca, sabe? E acho que esse é o esforço, de você quer manter vivos os vovós, os tios, a você mesmo, acho que isso é o propósito, sei lá. Deve ser uma coisa bem inconsciente, no final das contas. Esse é um assunto interessante, né? [risos].

J: Esses sentimentos associados à atitude de ter vindo pra cá, a questão de ter tido filhos aqui, então a continuidade da geração estar aqui, a geração anterior estar lá... quais sentimentos estão envolvidos nessa dinâmica?

V: Vários sentimentos... além daquela culpa [risos]. Hm... agora você me pegou, porque não quero falar dos sentimentos óbvios. Sentimentos óbvios são, sei lá, os meus pais, com certeza, assim, sentiam tristeza que a gente tá longe, mas alegria que a gente tá de boas com a vida. Eles sempre ficaram muito gratos pelo nosso esforço de mantermos vivas as relações. E você pode olhar, assim, uma riqueza muito grande de ter duas culturas na mesma casa – ou três. E tem outros sentimentos que também, ligado a essa nostalgia, ligado à não-presença, a não estar presente nos momentos cruciais da vida. Então a gente nunca tá presente. Eles também não foram presentes – aliás, até certo ponto, foram, porque quando as crianças nasceram, meus pais e os pais do meu marido vieram, por exemplo –, mas além de nascimento, tem mil outros momentos da vida, pequenas ou grandes alegrias ou tristezas que a gente nunca tá presente e eles não estão presentes também. A internet, essa toda coisa de técnica, de coisa moderna hoje em dia, facilitou. Porque você liga a câmera e você participa. [...] Mas qual seria o sentimento mais assim... importante dessa experiência toda, eu poderia dizer que é o aprendizado de deixar ir, sabe? Porque se você se amarra muito demais, tanto pela alegria quando estamos juntos ou que temos coisas boas, ou pelas tristezas que estamos longe um do outro, você se amarrou e a coisa só vai se aprofundando. Mas se você se abre e começa a olhar pra tudo isso como... sei lá, eu já vejo minha vida assim: um monte de encontros, como se fosse um plano, assim, imagina um campo enorme e a gente vai se encontrando com as pessoas [faz um gesto de "X" com os dedos]. Esses encontros são maravilhosos, rendem sentimentos, rendem experiência, rendem sabedoria, rendem tudo. Mas isso acaba e vamos pros próximos, e

vamos pros próximos, e vamos pros próximos. Eu vejo assim, desse jeito. E eu não sei como os meus filhos vêem, eu sei que quando eles eram pequenos, eles nos culpavam em algum momento da vida, pelo fato que não tem primos por perto, que não tem vovós por perto. A frase que meu filho perguntou quando tinha acho que 6 ou 7 anos, assim: "por que que você fez isso com a gente?" Falei "o que, filho?"; "por que que você nos privou dos nossos avós?". Isso foi... me acabou, né? Por um tempo. Mas eu tentei ensinar eles também; a serem mais... olharem pra tudo isso dessa forma um pouquinho mais aberta, então sei lá, vamo ver no que vai dar. Respondi?

J: Sim. Adorei essa imagem dos "X".

V: É, não tem outro jeito. Senão a gente fica triste demais, sabe? Porque é triste, sabe? Se você se agarra a esse negócio físico assim, sabe? De presença física e tudo. É muito triste. Aí não dá. A vida tem que ser vivida, né? Eu to muito molenga ainda nesse momento, porque a gente acabou de voltar de lá. E essas férias foram muito difíceis pra mim, porque meus pais se foram nesses últimos dois anos. E... olha também, quando a gente tá longe, lógico que passamos toda a tristeza, choro, tudo isso que... Quando meu pai faleceu, conseguiram lá, foi durante a pandemia, a gente mesmo não tava trabalhando, porque foi naquele pior momento da pandemia, e eu falei "eu vou, porque eu to sentindo que ele vai embora e eu quero me despedir dele". E apesar de todo mundo falar "tá louca, não vai, não sei o que", eu fui. E lá me vacinei, porque aqui naquela época não tinha vacina. Eu consegui ver meu pai 3 dias, depois disso ele foi pro hospital e depois morreu no hospital. Só que aí, quando ele morreu, eu voltei pra cá, logo depois. Então eu não tinha convivido com essa situação de ele não estar mais, sabe? A minha mãe faleceu em setembro do ano passado, então, eu não imaginava quanto que eu não percebia quão real é isso. Eu só percebi que essa coisa é real quando eu cheguei lá. Então essas férias minhas eu passei me despedindo. Deles, de casa, sabe? Visitando eles no cemitério ao invés de casa, sabe? Então eu ainda to muito assim com isso, mas logo logo eu volto ao normal. Mas todos esses assuntos que você me pergunta, por isso que eu fico assim meio... filosófica demais, vai. [risos] Pergunta mais.

J: Então vamos voltar um pouquinho pra essa ideia de Brasil. O que você imaginava antes de vir, o que impulsionou?

V: Isso é uma coisa muito, muito doida né... A gente não tinha... porque assim, eu percebo isso, porque a gente trabalha aqui na [orquestra], com maestros de fora, com solistas de fora, com todo mundo de fora, então a gente percebe que 90% têm aquela imagem do Brasil de macaco na rua e sei lá. Então a gente não tinha essa imagem. A gente sabia sobre o que se trata. Mas, com certeza; eu desde criança sonhava com um país tropical assim. Eu gostava muito de ler, então eu me perdi nessas aventuras, nas histórias e essas coisas, das outras pessoas que gostavam muito de viajar, que tinham as rodinhas no pé. Então eu sempre sonhava com um país desses assim, amazônico. Por um lado, a gente sabia... porque, bom, a gente veio bastante de repente pra cá, não tinha um tempo de estudo grande, não sei o quê. Mas mesmo assim, a gente deu uma pequena estudada antes de vir pra cá, então a gente sabia que aqui a gente tava vindo pra uma cidade super desenvolvida, super moderna, super tudo isso. A gente nunca conseguiu sequer imaginar o tamanho dessa cidade – isso foi um choque total. A quantidade de tudo, a gente não conseguiu imaginar a largura das estradas... Isso realmente a gente não imaginava, e na verdade acho que a gente ainda não imagina, depois de 25 anos aqui. Eu mesma não consigo imaginar São Paulo como um todo; eu vejo bairros. Não consigo ligar, de ver a imagem toda. Então isso foi um pouquinho chocante... É, outra surpresa foi que a gente esperava as pessoas daqui, que fossem um pouquinho mais festejeiras... é festejeiras que fala?

J: Hmm... Festivas, acho.

V: Isso. Porque a gente imaginava que... isso é verdade, os brasileiros ficam chateados com isso, mas infelizmente ou felizmente, o povo vê o Brasil como um país de praia, de Copacabana, de samba, de Carnaval... e isso não é feio! Isso é uma coisa bonita! As pessoas ficam ofendidas porque não é só isso, né? Também tem, sei lá, outras coisas que o Brasil tem. Mas no geral o povo vê assim, o Brasil, os brasileiros como pessoas muito alegres, e as pessoas são, de

fato. Mas, quando a gente veio pra São Paulo, a gente viu que aqui as pessoas são super sérias, e super responsáveis, e super trabalhadoras e super só "work, work, work" e tipo assim... a gente chegou em Nova York ou a gente chegou em São Paulo? Então essa foi outra surpresa, que a gente não imaginava que São Paulo é tão diferente do resto do Brasil. O que mais a gente esperava e que... a gente veio pra cá com essa perspectiva de que na nossa área de trabalho a gente vai encontrar emprego rápido, o que de fato aconteceu. Eu não imaginava quando eu entrei na [orquestra], eu não imaginava que eu ia ter toda essa... todo esse esplendor e toda essa riqueza de repertórios sempre diferentes, de maestros de fora, maestros de dentro, de solistas de fora, de solistas de dentro, eu não imaginava que eu vou ter, assim, o mais eleito mundo de música clássica nos meus pés, sabe? Isso eu não imaginava. Mas sabe como é, a gente na verdade veio pra cá e na verdade eu imaginei que eu vou cantar na Ópera. Porque eu me preparava pra isso e não pra cantar no Coro Sinfônico. Aí a minha vida virou e eu comecei a cantar no Coro Sinfônico e perdi um pouquinho essa tesão de... do que eu queria ter feito. Mas aí começa uma outra tesão, totalmente maior, disso tudo que eu já falei. Então, você cria umas expectativas quando vai pra algum lugar. No nosso caso, a gente não criou muitas expectativas, porque tudo aconteceu muito rápido, nossa decisão de vir pra cá. Não tinha muito tempo de criar expectativas. E, meu, a gente só tinha expectativa de encontrar um emprego, de encontrar uma casa e de poder viver direitinho, sabe? Sem ser ilegal. Porque no final das contas, também não é grande desastre, tem tanta gente ilegal, mas pra gente, naquela época era "nossa, só não queremos ser ilegais". E aí as expectativas, tudo, o resto vem vindo.

J: E na [orquestra], você comentou que... é muita gente! Muita gente de fora, muita gente daqui, esse intercâmbio cultural dentro da Orquestra, como é?

V: Então, isso foi uma coisa boa pra gente, sabe? Boa no sentido... no nível psicológico, sabe, inclusive. Porque a gente veio da Romênia e da Sérvia, Iugoslávia, na época da guerra da Iugoslávia se desfazer e tudo isso. Então, a gente vivia com aquele ar de... peso, de culpa geral, do povo inteiro... de ser olhado como, sei lá, seu país fosse o responsável pela guerra ou não. Então a gente vem com essas razões bem pesadas, assim, e você acha que é só você. Isso é muito comum. Isso de quando é jovem, você acha que você é o centro do mundo [risos]. E de repente eu acordo numa... no nosso coro não tem muitos estrangeiros, não, mas na orquestra, acho que são 60, 70% estrangeiros. E estrangeiro de todo tipo de país, tanto da Europa Ocidental, quanto da Oriental... aí você percebe que na verdade esse negócio de migração é uma coisa que sempre existia, e hoje em dia é mais comum ainda. Eu vejo hoje em dia, nas gerações dos jovens – jovens, quero dizer, mais jovens que a gente [risos] – essa leveza de mudar o lugar onde se mora, onde trabalha e tudo isso é... maior ainda. Então isso nos deu um alívio, porque de repente a gente se encontrou num lugar multicultural, que não era só a gente que precisava estar longe de casa. Então tem outras pessoas – inclusive tem brasileiros, tenho colegas que são do Nordeste, pros quais também é difícil visitar os pais deles. Quase do mesmo jeito que é difícil pra mim, porque a passagem também é muito cara, e também é muito longe, e também não é uma coisa do tipo, alguém passou mal e você já vai dar um pulo pra ver como é. Então esse negócio de muita gente de lados diferentes foi uma coisa que aliviou um pouquinho a nossa dor, a nossa culpa [risos].

J: E você se identifica com a ideia de "cidadã do mundo"?

V: Sim, total. Eu acho que, na verdade, desde sempre me identifiquei. Acho que foi por isso que fui embora, também. Porque, você vê; eu sou do Belgrado. Minha cidade não sofreu quase nada na guerra. Tinha um evento e outro, isolado, mas, no geral, não sofreu nada. E eu sou de uma família dos pais intelectuais, das posições boas nessas escalas sociais, com dinheiro, com tudo. Então, eu não precisava ter ido embora; podia ter ficado. Mas eu sempre tinha esse... "O Chamado" [risos]. Tanto que, também não casei com um cara do meu país, eu casei com um cara do outro país. Tanto que a gente veio pra outro país. Então, eu acho que você não vira cidadã do mundo só depois de ter percorrido algum caminho. Você, pra percorrer esse caminho, você tem que ser cidadã do mundo – não sei se me entende. Acho que é ao contrário, é ao contrário! Porque se você não é cidadã do mundo, você nunca vai sair da sua casa e trilhar um caminho, porque é difícil trilhar um caminho, não é fácil. Isso também é uma coisa muito engraçada. Sempre percebi no

meu país que tem muita gente que durante, desde a Segunda Guerra pra cá, por exemplo, as gerações dos nossos vovós ou ainda dos nossos pais, que foram pra Estados Unidos, ou pra Alemanha, pra não sei o que, trabalhar; e aí, o povo que fica sempre tem a impressão de que pra quem vai embora é muito mais fácil. Sempre tem essa imagem de "ah, ele mora lá, não sei aonde, bem". É tudo – a gente fala isso – tudo é "leite e mel". E na verdade tudo é bile [risos] com leite e mel; não é só leite e mel. Porque pra você se identificar, pra você ficar com os dois pés no chão, pra você conseguir chegar em alguma coisa nessa sua vida profissionalmente, tudo assim, num país totalmente novo, você tem muito trabalho. É muito trabalho e engolir muitas lágrimas. E mesmo no Brasil, né? Que é um país tão aberto pros outros países e tudo isso, mas por exemplo, o que eu percebo – como brasileira não brasileira –, por exemplo: enquanto eu falo bem do Brasil pra todo mundo, todo mundo me considera brasileira; se eu falar uma coisa contra alguma coisa, umas pessoas vão até pular no meu pescoço. Já me aconteceu, me aconteceu nas redes sociais de uma colega, não uma colega com a qual eu convivo, não me conhece muito, mas eu me lembro do episódio. Tava na época do Natal, então aqui tava tudo a mil luzes, e eu li um texto sobre a Dinamarca, que eles não ligam nem uma luzinha de árvore de Natal, nem nada, porque eles calcularam que, em Copenhague, por 1 mês de luzes no Natal, eles alimentam não sei quantos asilos de terceira idade – lá tem um programa desses, social, fantástico. E eu adorei o texto e coloquei; sem ter escrito "olha, como no Brasil...", simplesmente calhou, nem pensei na verdade, só coloquei porque achei legal o texto. Aí a moça "pulou no meu pescoço"; "você não gosta daqui, você volta pro seu país!", não sei o que, não sei o que... Só que assim, ela foi drástica, mas eu já tinha me encontrado com esse tipo de olhar torto se eu falar uma coisa que – aí já, aí... eu sou uma pessoa tranquila e calma, mas eu já explodi. Falei "Ó, tenho passaporte brasileiro? Tenho. Estou votando aqui, tenho direito de voto – direito e obrigação, né –; pago impostos – olhos da cara –; invisto nos meus filhos aqui; pago tudo aqui; tudo que tenho aqui foi feito por próprio mérito; não foi nada dado, nem doado, nem assim 'ah, você é estrangeira, então vamo chamar você', não!". Eu tinha que trabalhar o dobro mais do que outros, os brasileiros, pra mostrar que eu sou capaz igual uma brasileira, né. Então, por favor, me poupe com esse papo de "você volta pro seu país", esse é o meu país! Eu moro aqui, eu moro aqui! O fato que eu morei em outro lugar... "ah não sei o que, desculpa, não sabia dessa história", então não fala desse jeito! Só que isso é muito comum. Então eu percebo muitas vezes as pessoas, mesmo as pessoas mais próximas a mim, se eu vou criticar uma coisa, falar uma coisa que eu não goste, não sei o que, elas olham torto pra mim. Então isso... não é fácil. Não é fácil você saber que você sempre tem que tomar muito cuidado com o que você vai falar pra não parecer pedante, arrogante, blá blá. Então você guarda isso tudo pra si mesmo, então só eventualmente em casa, com o seu marido, vai comentar – nem na frente das crianças, porque "eles não podem ouvir essas coisas, porque eles nasceram aqui". Então, isso é uma coisa que dificulta muito a vida, quando as pessoas acham "ah, quem foi embora tem uma vida fácil", em todos os aspectos, não tem vida fácil. Não digo que não vale a pena, mas não é fácil. Eu nem me lembro mais o que você perguntou [risos].

J: [risos] Eu queria fazer uma última pergunta, o que você diria pra você mesma, naquele momento em que você decidiu vir pro Brasil, já tendo vivido essas experiências todas? Seja considerações, conselhos, o que você gostaria de dizer, se tivesse a chance de dizer.

V: Eu não diria nada. Pelo jeito como eu vejo a vida hoje em dia, eu acho que não diria nada e não deveria dizer, porque as coisas são assim como devem ser, né? A gente já sabe disso. Agora, nessa idade... Mas o que eu poderia dizer pra mim mesma, quando eu saí de lá, são duas coisas. Uma que me assombrou por muitos anos é essa: que, quando você diz adeus, não pense que é pra sempre. Isso é uma coisa que assombrou a minha vida, literalmente. Esses adeuses ao longo da vida; que eu demorei tanto tempo pra perceber que "olha, que desta vez de novo não foi a última"; "olha que não foi a última"; "olha que não foi a última"; então eu acho que eu envenenei a minha vida, por anos, pensando que "ah pronto, talvez seja a última". Então essa seria uma coisa, e na verdade, isso na verdade é um... só uma partezinha desse papo todo de ser mais leve, né, que eu diria pra mim mesma: "tenta viver mais a vida, tenta ser mais leve"; "não espera chegar nos 50 pra perceber que a vida pode ser mais leve". Mas, é como eu te disse, talvez... imagina que tudo seria diferente se eu tivesse ouvido essas palavras de alguém, 30 anos atrás. Sei lá, talvez nem ia levar em consideração, porque a gente acha que sabe de tudo quando a gente tem essa idade, né? É isso aí, pronto!

J: Muito obrigada, V! Foi muito bom te ouvir.

DEVOLUTIVA

J: Depois de transcrever e ouvir algumas vezes a nossa conversa, fiquei pensando em algumas questões. Eu percebi, pela sua fala, que sua vivência enquanto uma mulher migrante é bastante contraditória – mas uma contradição que funciona, que tem um sentido próprio, que comporta os momentos felizes e aqueles mais difíceis. Isso parece estar posto, faz parte da vivência. E aliado a isso, notei um senso de compromisso bastante presente; com a sua cultura, com a sua família...

V: Vou te falar super sincera, como se fosse na terapia mesmo [risos]. Acho que a maioria, se não todos os imigrantes, escolhem um *modus vivendi* que os protege de alguma maneira. Então essa contradição aparece em maior ou menor forma. Tem gente que resolve fechar as portas pra tudo o que deixou e viver só o presente e o futuro; tem gente que só fica preso no passado e vive só de corpo no presente, nem pensa no futuro; e tem gente que encontra, tenta encontrar um balanço. Eu estou tentando encontrar o balanço – e não é sempre que consigo, viu? Eu tenho épocas quando eu fico totalmente presa no passado, e tenho épocas quando fecho a gaveta e fico no presente e no futuro. É difícil fazer, especialmente quem tá tão ligado à família que deixou, ao país – porque tem gente que passa vinte anos e não vai nunca. Então a gente, indo todo ano, a gente cultiva, deixa essa ferida aberta de alguma maneira, sabe? Tem que achar um jeito de ter um balanço, um equilíbrio entre essas coisas. Então, esse compromisso... eu entendo mais assim... é [suspira], não é compromisso você não esquecer os seus queridos, o seu país; é o seu sentimento. Compromisso é mais com você mesmo, ou com sua família atual, de viver uma vida normal, de não se deixar aos prantos todos os dias, porque aí não vale a pena.

J: E no dia em que a gente conversou, que tipo de pensamentos, memórias ficaram com você? Claro, se isso aconteceu; se enquanto ou depois de conversarmos, alguma coisa em especial ficou na sua cabeça – inclusive lembranças?

V: Quando eu conversei com você a primeira vez, foi logo depois que eu voltei de lá e eu tava muito, muito ainda... emocionada e muito vulnerável, eu acho. Tanto que, quando li o que você transcreveu, eu chorei. Porque... eu não sei, ler todas essas coisas e, inclusive, lembrar da nossa conversa, me lembrou daquele momento. Aquele momento sempre punk. [risos] Esse momento de voltar, eu demoro um tempo pra voltar pro Brasil, e dessa vez demorei mais, já que perdi os pais e tudo isso. Mas agora eu já tô no eixo, já tô na vida normal hoje em dia, então já tô balançando de novo e aí quando eu li a nossa conversa, você me trouxe de novo pra aquele momento. No final das contas, a gente tem uma vida que parece desenho, em várias cores, e... a cor que vai prevalecer, a gente que tá pintando, sei lá. Eu vejo assim.

J: Lembrei aqui, justamente, que você tinha comentado que tinha acabado de vir da Sérvia. E você tinha falado algo sobre dessa vez ter sido diferente, sobre o sentimento ter sido diferente. Como é esse sentimento de estar lá? Que tipo de sensações, lembranças surgem quando você retorna?

V: Olha, vou te falar dos dois lados. Quando eu volto pro Brasil, eu demoro pra voltar; quando eu vou pra Sérvia, no instante que eu entro no avião, quando eu desço do avião, parece que aquele *gap* de um ano não existe. Tanto com a família, tanto com... hoje em dia tem câmera né, tem essas possibilidades de se ver e tudo isso. Nem tem mais aquelas surpresas do tipo "ah, você emagreceu um monte", "você engordou um monte", não tem mais isso. Então eu vou lá e parece que a única coisa que faltou é realmente o contato físico. Então na hora, eu estou lá, como se nunca tivesse partido. Por isso que fica difícil voltar [para o Brasil], porque cada vez que eu volto pra cá, é como se fosse começar de novo. Mas aí eu já tenho os meus mecanismos; eu, já nos primeiros dias, marco com todos os amigos mais queridos,

mais próximos, dos quais eu também tive saudade, com quais eu continuo conversando – eu nunca interrompo, sabe? Quando eu vou pra Belgrado, eu deixo um tempinho também pra conversar com os meus queridos daqui; tanto que, inclusive, pensando que um dia a gente vai talvez voltar pra Europa – sei lá se vai voltar –, vai ser difícil também, não é uma coisa que vai ser fácil pra gente. A gente criou raízes aqui, tenho uma rede de pessoas muito próximas. Mas essa sensação, então, quando eu vou pra lá, é isso; eu tô lá e nunca parti. Aí tudo bem, num percurso de tempo, quando eu passo lá, claro que eu percebo que eu não sou quem eu parti, mas que eu não faço parte mais – eu te falei já, a gente não faz parte mais, presencialmente, de vários acontecimentos... Pelo fato de estar tão longe, a gente às vezes nem sabe de tudo o que acontece, como eles também não sabem de tudo o que acontece com a gente. Então, dá pra perceber esses buracinhos no conhecimento de fatos, mas o sentimento é incrível, incrível, intocável, é uma coisa muito doida, muito doida. Essa força de – também, desses todos anos, ficou mais claro quem ficou como amigo... aí não é mais aquele número tão grande, mas os que ficaram... mas acho que mesmo que se tivesse ficado lá, isso também ficaria mais lapidado, mais claro. É isso aí... ah, as memórias! Você fala das memórias! Eu acho que mais memórias eu tenho ou levanto aqui, quando estou aqui, do que quando estou lá. Quando vou pra lá, eu tento viver cada momento, sabe? Viver, sentir, cheirar, experimentar, abraçar, tudo, porque sei que é precioso, porque é um tempo definido, um tempo curto. É um pouquinho – sabe, o que eu te falei na primeira conversa, do negócio de ficar muito desestabilizada mesmo, que eu sempre que ia embora, partia de lá de novo, eu pensava "talvez seja a última vez". Bom, e eu aprendi depois com o tempo de não pensar mais desse jeito. Mas, de alguma maneira, esses encontros, com tempo limitado, sabendo que vai passar mais muito tempo até o próximo encontro, sabendo que a vida é a vida, pode acontecer qualquer coisa. Tem um pouquinho – eu posso até fazer um paralelo com, sei lá, o tempo que você passa com alguém que você sabe que tá morrendo, tem um pouquinho disso. É preciso ter muita força, e muita alegria, e focar muito nas coisas boas de tudo pra não cair nessa. Porque aí fica muito triste tudo mesmo.

J: Eu fiquei curiosa sobre essa questão sobre as memórias, que você pensa mais sobre elas aqui no Brasil. Você tem o costume de falar sobre essas lembranças com alguém?

V: Olha, tem umas memórias que eu compartilhava com os meus filhos por dois motivos: um era pra eles saberem de onde vêm, sentirem tudo isso e conhecerem melhor; e outro motivo era educativo mesmo. Mas, tem muita coisa que eu nunca contei, nem pra eles. E tem muita coisa – quanto o tempo passa mais, eu parei de falar. Parei de compartilhar minhas memórias, porque... porque eles têm que aprender, eles têm que viver o presente, o futuro, e eu não quero que eles fiquem presos nessas coisas do passado, porque isso traz uma tristeza. E também porque, conforme eu tô ficando mais velha – não só eu, mas todo mundo, né –, eu já fico bem de esperar... é claro que algumas pessoas já estão prestes a partir, ou partindo e assim... pra mim fica muito doloroso falar sobre umas coisas. Eu já percebi; se eu começo a falar uma coisa ou outra, até tem umas músicas que eu não consigo mais ouvir quando eu tô com alguém. Eu posso ouvi-las sozinhas, aí posso correr esse risco de começar a chorar e tudo isso. Mas eu não gosto de fazer esse drama, especialmente com as crianças. Então eu, pra não cair na tentação de ficar destroçada na frente deles [risos], eu prefiro não falar. De vez em quando, eu levanto alguma coisa ou outra, porque... nós, nessa idade, já temos outro filtro. Já sabemos como apreciar as memórias. Os jovens, como é normal, têm a tendência de querer esquecer, de não lembrar, e tudo isso porque os jovens são focados no presente e no futuro. Eu acho que, de vez em quando, levantar alguma memória de uma coisa ou outra é bom... porque as pessoas merecem ser lembradas, e os momentos merecem ser lembrados. Só – de novo –, não tem que... não pode ficar em excesso. Eu sempre tenho esse negócio de meu coração, minha alma quer falar alto, mas meu *racio*, meu raciocínio, minha cabeça sempre tá no controle – quase sempre, não sei... mistura de qualquer jeito. Não sei se isso é bom ou ruim, sei lá...

J: Me chamou a atenção quando você começou contando sobre os motivos para contar suas memórias pros seus filhos: saberem de onde eles vêm. Esse é outro aspecto que ficou, pra mim, bastante destacado no nosso primeiro encontro..

V: Porque, na verdade, eles vêm do Brasil [risos]. É mais de onde que a gente vem, né...

J: Mas justamente essa questão da identidade, de se sentir de algum lugar ou de outro, de saber quem se é... Você pensa sobre quem você é no Brasil e quem você é na Sérvia? Tem diferença nessa mudança de cenários?

V: É engraçado você perguntar isso, porque... É, tem a ver na verdade, o fato que todos nós, de alguma maneira, a gente faz um papel; veste uma roupa de um jeito ou do outro. Eu... eu não sou mais a mesma lá na Sérvia, e também não sou exatamente eu aqui no Brasil. O que eu sinto dentro de mim quando eu vou pra lá, eu fico mais relaxada. 'Relaxada' no sentido de... sabe aquele negócio quando você... tem coisas, você sabe que tem muita coisa que não precisa explicar pra ninguém. Porque vocês viveram o mesmo momento, a mesma sensação, a mesma época. Então eu fico mais relaxada nesse sentido, eu me sinto em casa, porque eu volto no lugar aonde a gente tem uma memória coletiva, conjunta. Ao mesmo tempo, eu percebo que tem tanta diferença entre nossas vidas atuais, então... eu acho que lá eu fico mais eu pura. Quando eu volto aqui, aí eu entro nessa minha vida mais recente. Sei lá... e eu não consigo nem falar com a maioria das pessoas sobre tudo o que eu vivi, não consigo, não quero. Então, é claro que eu mudo; é claro que eu fico diferente. É exatamente isso; imagina você indo, quando você tá, quando já tá trabalhando. Acabou a faculdade, se formou na faculdade, se formou numa escola, e você vai passar um dia na sua escola primária, por exemplo. E depois vai passar um dia na sua faculdade, e depois vai passar um dia no seu lugar atual de trabalho. Essa é a diferença. Eu acho que é isso, mais ou menos.

J: Essa sensação de "eu mais puro" remete ao quê? Tem alguma relação com a infância nessa associação?

V: Tem relação, sim. [...] É como se a gente voltasse pros começos. Muito louco isso. Eu nem posso te falar como eu me sinto a respeito das crianças, porque já faz alguns bons anos que eu já tô indo pra lá sem eles, a gente tá indo em momentos diferentes. Mas eu sei que, quando eles eram pequenos, e a gente ia lá – pequenos, mas não muito pequenos, porque eles exigiam muito a minha atenção –, mas depois, quando eles já se desprenderam, poderiam sair sozinhos – porque lá as crianças podem sair sozinhas já muito cedo, é seguro pra eles se encontrarem com outras crianças, pra patinar, andar de bicicleta, andar no parque e tudo mais –, eu sentia que, quando eu chegava lá, eu dava muito menos atenção a eles do que, por exemplo, aos meus pais, meus familiares. E eu sei que isso tinha a ver com uma coisa real, que meus pais eram doentes, e tudo isso – até com a família eu tinha essa sensação de que tenho que aproveitar, porque depois a gente não se vê. Mas eu acho que tem a ver com essa mudança de eu também. Eu voltava lá e, nesse eu que eu estou lá, eu não tinha filhos, sabe? [risos] Pode ter a ver com isso, muito doido, mas enfim. A cabeça da gente é uma coisa louca, né? Eu acho que assim – agora você tá me perguntando e eu tô tentando pensar e... tô tentando descobrir. Porque assim, algumas dessas coisas eu penso comigo mesma também, fora da nossa conversa, e outras não. Abrindo caixa de pandora [risos]. Tem mais pergunta?

J: Fiquei com uma curiosidade; você falou desse movimento de ir pra Sérvia e voltar pro Brasil. Nesses períodos de um ano, você ainda sente algum tipo de choque ou dificuldade de apreender a mudança cultural?

V: Não, choque eu já não sinto mais. Isso é uma coisa que... aliás, sinto mais choque quando vou pra lá. Porque tem umas coisas que 'nossa, como tá pequeno'. Eu já me acostumei com isso aqui. Aliás, não que me acostumei, tem umas coisas que eu nunca vou aceitar mesmo, por coisas minhas, esse negócio de cidade enorme e tudo isso. Mas, quando volto pra cá, não fico mais em choque. Às vezes fico... por exemplo, lá eu nunca dirijo, porque, pra mim, até as maiores distâncias de lá já são fichinha [risos]. E eu gosto muito de andar, eu ando bastante aqui também. Então, quando eu tô lá, eu nunca dirijo. E, portanto, me sinto mais jovem, me sinto mais ágil, por isso e por outros motivos também, lá tem outras gerações acima de mim, me sinto mais jovem. Mas, quando volto aqui, de novo: volta pro carro e umas coisas dessas assim. Mas... fico mais nervosa do que estranha, sabe? Tipo, não dirigir por um mês, dois meses, ou duas semanas, três semanas, e eu volto pra cá e de novo esse inferno de trânsito, coisas assim. Então eu fico mais nervosa, mas não fico espantada, nem chocada nem nada. Me acostumei.

J: E no aspecto de cultura? Demora pra se "reambientar" nesse movimento de ir e vir?

V: Não, já é coisa automática! São muitos anos, querida, são 25 anos. Muita coisa, uma vida inteira; mais que você!

J: Verdade! [risos] Acho que podemos finalizar... você tem alguma pergunta ou algum comentário que queira fazer pra mim?

V: Eu só quero te dizer assim; não sei se essa nossa conversa – tudo bem, é pro seu trabalho –, mas, talvez, se algum dia você resolver fazer uma mudança dessa da vida, talvez alguma dessas palavras vai ser útil. Mesmo que a gente é diferente, sempre é tudo diferente, cada história é cada história e cada momento é cada momento. Essas todas coisas de momento em que alguma coisa acontece, lugar, muda tudo, completamente o rumo de tudo. Mas alguma coisa ou outra talvez te ajude e com isso eu já vou ficar feliz.

J: Eu confio muito nisso. E já tá me ajudando muito, pra muito além do trabalho. É ótimo conversar com você.

Tabela 1: Constelações e unidades de sentido

Questões	Falas da entrevistada	Unidades de sentido	Constelações
O que significa para você ser uma migrante internacional e, atualmente, residir no Brasil?	"(...) uma mistura de prazer com lágrimas, assim. Porque a gente gosta de estar no Brasil, mas no mesmo tempo, a gente sente super saudade dos nossos países; nossos pais, nossos irmãos vinham pra cá, adoravam o Brasil como turistas, né, mas também odiavam o Brasil, porque parece que é um país que tirou os filhos deles. Mesmo que isso não é verdade, né... são os filhos que escolhem."	Família Contradições da migração	A falta que a falta faz
	"E agora? E agora o que que é a gente? Brasileiro ou a gente é sérvio ou romeno? Na verdade, a gente é... eu posso dizer assim, eu sou sérvia, mas nem tanto. Sou brasileira, mas nem tanto."	Brasil x Sérvia Ser e não ser	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"(...) você nunca perde o que você é, de onde você veio, isso não sai de você nunca... mesmo quando você se esforça de tirar, de jogar fora, né, mas não sai. E eu também abracei muito o Brasil, com tudo, minha vida aqui, os amigos, trabalho, tudo, mas eu nunca serei brasileira por completo. Então a gente é uma mistura, uma mistureba, assim, engraçada."	Brasil x Sérvia Ser e não ser	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
Qual a sua relação com a Sérvia, atualmente?	"Então a gente sempre encarou essa multiculturalidade como uma coisa muito bacana; que na verdade, você, como tudo na vida, né, você pode olhar pelo prisma de tristeza, angústia, estresse..."	Cultura	Re-existir: a memória em rede
	"você é estrangeiro num país enorme, você não tem		

	ninguém como conhecido, como apoio, você tem que criar suas raízes, encontrar seu lugar, um trabalho... no mundo. Assim, simplesmente como alguém de paraquedas. Então, isso leva, traz muita, muita angústia, também tem esse negócio de falta de casa, falta de família, e tudo isso, muita tristeza."	Família Contradições da migração	A falta que a falta faz
	"Mas você pode olhar por outro prisma. Olha que legal, a gente tá falando uns idiomas a mais, a gente tem duas casas ao invés de uma, a gente tem duas festas de Natal, duas festas de Páscoa, duas festas de tudo, né, porque, vamos manter a nossa tradição, vamos fazer do nosso jeito, mas também pelas crianças, vamos fazer do jeito brasileiro. Dava um pouquinho de confusão nas crianças, talvez. Quando eles se pensam, acho que no final eles são brasileiros."	Cultura Identidade intergeracional	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
Quem era a V. de 25 anos atrás e quem é a V. hoje?	"acho que eu gosto mais dessa, porque a V. que veio lá atrás aqui era uma V. mais rígida, pela nossa cultura, pela nossa educação. Era uma V. mais, é... pesada. Pelas coisas pesadas da vida. Hoje em dia eu já aprendi a ser mais leve, a olhar o bosque, não só a árvore... de ver a vida como alguma coisa legal."	Antes e depois	Re-existir: a memória em rede
	"(...) a gente cresce, nossos países crescem... a gente cresce nos nossos países com sentimento de culpa, com sentimento de sempre fazer alguma coisa errada. Então, aqui, e eu conhecendo outras religiões também, vendo outros pontos de vista, outras filosofias da vida e tudo, percebi que a gente pode relaxar um pouquinho. Então, ser feliz também, que não é nenhum crime, assim... Pecado Capital ser um pouquinho feliz."	Antes e depois Possibilidades de co-existir	Re-existir: a memória em rede
	"(...) gostei da minha trajetória nessa tarefa de me construir como ser humano, eu acho que eu sou agora um ser humano melhor do que fui 25 anos atrás. Agora, claro que sim, eu tinha minha porção de culpa enorme a toda essa vida."	Antes e depois Contradições da migração	Re-existir: a memória em rede
	"cada nossa despedida de lá era tipo, talvez seja a última vez. Outra coisa que eu aprendi: que nunca é a última vez até que seja a última vez, e aí mesmo assim, a última vez, quem sabe, né? Talvez não é assim mesmo. Mas, sempre tínhamos essa nuvem de tragédia na nossa volta, de que agora vai ser a última vez. (...) Mas eu acho que muitas coisas aqui que a gente vive, que a gente encontra, foram maiores do que essa culpa, que essa tristeza, sei lá."	Saber deixar ir	A falta que a falta faz
Como é ter família lá e ter família aqui?	"(...) tinha momentos, quando meus filhos nasceram, meu marido até falava assim: "puxa vida, você tá tão molenga com eles, parece que você é vovó deles e não mãe." Eu falava: "ué, mas eles não têm vovó aqui, né. Então eles precisam disso também." "	Família Filhos	A falta que a falta faz
	"Mas, meus filhos foram privados disso. Então, pela falta de vovós de sangue, de tios de sangue, de primos de sangue, a gente cria aqui uma família postiça."	Família Filhos Possibilidades de co-existir	A falta que a falta faz Re-existir: a memória em rede
	"eles [os filhos], quando ficavam sozinhos em casa, eles ligavam pros meus pais, faziam Skype com eles, pra não ficarem sozinhos. Então, pela gente, pelo nosso contato com nossos pais, nossos filhos também mantiveram contato com a família."	Filhos Possibilidades de co-existir	Re-existir: a memória em rede

Como foi realizada a manutenção de uma cultura que eles [os filhos] não conheciam?	"É difícil você falar vários idiomas em casa. É muito mais fácil você chegar em casa e falar somente português. Porque aí, todo mundo descansa o cérebro, né. Mas, a gente fez questão."	Cultura	Re-existir: a memória em rede
	"(...) eu sempre lia pra eles antes de dormir, fazia questão de ler com eles coisas sérias, porque eles já tinham a leitura brasileira da escola. (...) Então acho que era nosso papel passar pra eles a parte de lá."	Filhos	A falta que a falta faz
	"Então tem "n" coisas, além dessas idas uma vez por ano, além de telefonemas, além de festas do ano, além de falar nosso idioma, além de livros, sei lá, o que mais... comida! Pela comida, comida é uma coisa que cria uma lembrança afetiva, né. Então a gente, sempre que ia lá, a gente trazia malas de comida de lá e não é só a gente que faz isso [risos]. [...] são lembranças de infância."	Cultura Memória	Re-existir: a memória em rede
	"(...) se você imagina a vida e a construção de ser humano como pessoa social e cultural e emotiva e tudo isso, consciente, imagina um prato de comida com que eles [os filhos] sempre foram alimentados com 3 colheres diferentes. É isso aí."	(Cultura) Identidade intergeracional	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
Você enxerga eles [os filhos] como...	"Pela primeira vez que eu percebi que a minha filha na verdade não é sérvia, mas sim, brasileira, me deu uma pontadinha de tristeza. O que é absurdo, né? Isso é coisa absurda, isso é totalmente irracional."	Identidade intergeracional	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"(...) esse negócio de herança cultural e tudo é... acho que tem muito a ver com o nosso desejo de não morrerem pra eles nunca, sabe? E acho que esse é o esforço, de você quer manter vivos os vovós, os tios, a você mesmo, acho que isso é o propósito, sei lá. Deve ser uma coisa bem inconsciente, no final das contas. Esse é um assunto interessante, né? [risos]."	Filhos	A falta que a falta faz
Quais sentimentos estão envolvidos nessa dinâmica migratória?	"Sentimentos óbvios são, sei lá, os meus pais, com certeza, assim, sentiam tristeza que a gente tá longe, mas alegria que a gente tá de boas com a vida. Eles sempre ficaram muito gratos pelo nosso esforço de mantermos vivas as relações."	Família Contradições da migração	A falta que a falta faz
	"E tem outros sentimentos que também, ligado a essa nostalgia, ligado à não-presença, a não estar presente nos momentos cruciais da vida. Então a gente nunca tá presente. Eles também não foram presentes. (...) pequenas ou grandes alegrias ou tristezas que a gente nunca tá presente e eles não estão presentes também."	Família	A falta que a falta faz
	"Então a gente acaba criando uma família... pelo menos eu! Eu sou desse jeito, eu não posso viver sem, então..."	Possibilidades de co-existir	Re-existir: a memória em rede
	"A internet, essa toda coisa de técnica, de coisa moderna hoje em dia, facilitou. Porque você liga a câmera e você participa."	Possibilidades de co-existir	Re-existir: a memória em rede
	"Mas qual seria o sentimento mais assim... importante dessa experiência toda, eu poderia dizer que é o aprendizado de deixar ir, sabe? Porque se você se amarra muito demais, tanto pela alegria quando estamos juntos ou que temos coisas boas, ou pelas tristezas que estamos longe um do outro, você se amarrou e a coisa só vai se aprofundando."	Saber deixar ir Contradições da migração	A falta que a falta faz
	"eu já vejo minha vida assim: um monte de encontros, como se fosse um plano, assim, imagina		

	um campo enorme e a gente vai se encontrando com as pessoas [faz um gesto de "X" com os dedos]. Esses encontros são maravilhosos, rendem sentimentos, rendem experiência, rendem sabedoria, rendem tudo. Mas isso acaba e vamos pros próximos, e vamos pros próximos, e vamos pros próximos."	Encontros e despedidas Saber deixar ir	A falta que a falta faz
	"A frase que meu filho perguntou quando tinha acho que 6 ou 7 anos, assim: "por que que você fez isso com a gente?" Falei "o que, filho?"; "por que que você nos privou dos nossos avós?". Isso foi... me acabou, né? Por um tempo."	Identidade intergeracional Contradições da migração	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si A falta que a falta faz
Adorei essa imagem dos "X"	"É, não tem outro jeito. Senão a gente fica triste demais, sabe? Porque é triste, sabe? Se você se agarra a esse negócio físico assim, sabe? De presença física e tudo. É muito triste. Aí não dá. A vida tem que ser vivida, né?"	Encontros e despedidas	A falta que a falta faz
	"Eu só percebi que essa coisa é real [a morte dos pais] quando eu cheguei lá. Então essas férias minhas eu passei me despedindo. Deles, de casa, sabe? Visitando eles no cemitério ao invés de casa, sabe?"	Saber deixar ir	A falta que a falta faz
O que você imaginava do Brasil antes de vir, o que impulsionou?	"A gente nunca conseguiu sequer imaginar o tamanho dessa cidade – isso foi um choque total. A quantidade de tudo, a gente não conseguiu imaginar a largura das estradas... Isso realmente a gente não imaginava, e na verdade acho que a gente ainda não imagina, depois de 25 anos aqui. Eu mesma não consigo imaginar São Paulo como um todo; eu vejo bairros. Não consigo ligar, de ver a imagem toda. Então isso foi um pouquinho chocante..."	O espaço e tempo da migração	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"a gente só tinha expectativa de encontrar um emprego, de encontrar uma casa e de poder viver direitinho, sabe? Sem ser ilegal. Porque no final das contas, também não é grande desastre, tem tanta gente ilegal, mas pra gente, naquela época era "nossa, só não queremos ser ilegais"."	Ser e não ser	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
Como é o intercâmbio cultural na Orquestra/no seu ambiente de trabalho?	"Então, a gente vivia com aquele ar de... peso, de culpa geral, do povo inteiro... de ser olhado como, sei lá, seu país fosse o responsável pela guerra ou não. Então a gente vem com essas razões bem pesadas, assim, e você acha que é só você. Isso é muito comum. Isso de quando é jovem, você acha que você é o centro do mundo [risos]. (...) de repente a gente se encontrou num lugar multicultural, que não era só a gente que precisava estar longe de casa."	Possibilidades de co-existir	Re-existir: a memória em rede
	"Então esse negócio de muita gente de lados diferentes foi uma coisa que aliviou um pouquinho a nossa dor, a nossa culpa [risos]."	Possibilidades de co-existir	Re-existir: a memória em rede
Você se identifica com a ideia de "cidadã do mundo"?	"Sim, total. Eu acho que, na verdade, desde sempre me identifiquei. Acho que foi por isso que fui embora, também."	Ser e não ser	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"Então, eu acho que você não vira cidadã do mundo só depois de ter percorrido algum caminho. Você, pra percorrer esse caminho, você tem que ser cidadã do mundo – não sei se me entende. Acho que é ao contrário, é ao contrário! Porque se você	Ser e não ser	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da

	não é cidadã do mundo, você nunca vai sair da sua casa e trilhar um caminho, porque é difícil trilhar um caminho, não é fácil."		narrativa de si
	"o povo que fica sempre tem a impressão de que pra quem vai embora é muito mais fácil. (...) É tudo – a gente fala isso – tudo é "leite e mel". E na verdade tudo é bile, né [risos], com leite e mel; não é só leite e mel. Porque pra você se identificar, pra você ficar com os dois pés no chão, pra você conseguir chegar em alguma coisa nessa sua vida profissionalmente, tudo assim, num país totalmente novo, você tem muito trabalho. É muito trabalho e engolir muitas lágrimas."	Brasil x Sérvia	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"enquanto eu falo bem do Brasil pra todo mundo, todo mundo me considera brasileira; se eu falar uma coisa contra alguma coisa, umas pessoas vão até pular no meu pescoço."	Brasil x Sérvia	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	Eu tinha que trabalhar o dobro mais do que outros, os brasileiros, pra mostrar que eu sou capaz igual uma brasileira, né. Então, por favor, me poupe com esse papo de "você volta pro seu país", esse é o meu país! Eu moro aqui, eu moro aqui!	Ser e não ser	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
O que você diria para você mesma de 25 anos atrás?	"Uma [coisa] que me assombrou por muitos anos é essa: que, quando você diz adeus, não pense que é pra sempre. Isso é uma coisa que assombrou a minha vida, literalmente. Esses adeuses ao longo da vida; que eu demorei tanto tempo pra perceber que "olha, que desta vez de novo não foi a última"; (...) então eu acho que eu envenenei a minha vida, por anos, pensando que "ah pronto, talvez seja a última"."	Antes e depois	Re-existir: a memória em rede
	"eu diria pra mim mesma: "tenta viver mais a vida, tenta ser mais leve"; "não espera chegar nos 50 pra perceber que a vida pode ser mais leve"."	Antes e depois	Re-existir: a memória em rede
Observei o papel da contradição e do compromisso na sua vivência migrante...	"Acho que a maioria, se não todos os imigrantes, escolhem um " <i>modus vivendo</i> " que os protege de alguma maneira. Então essa contradição aparece em maior ou menor forma. Tem gente que resolve fechar as portas pra tudo o que deixou e viver só o presente e o futuro; tem gente que só fica preso no passado e vive só de corpo no presente, nem pensa no futuro; e tem gente que encontra, tenta encontrar um balanço."	Contradições da migração Espaço e tempo	A falta que a falta faz Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"a gente, indo todo ano [para a Sérvia e a Romênia], a gente cultiva, deixa essa ferida aberta de alguma maneira, sabe? Tem que achar um jeito de ter um balanço, um equilíbrio entre essas coisas."	Contradições da migração	A falta que a falta faz
	"não é compromisso você não esquecer os seus queridos, o seu país; é o seu sentimento. Compromisso é mais com você mesmo, ou com sua família atual, de viver uma vida normal, de não se deixar aos prantos todos os dias, porque aí não vale a pena."	Família	A falta que a falta faz
Quais os sentimentos envolvidos no seu retorno à Sérvia?	"Quando eu volto pro Brasil, eu demoro pra voltar; quando eu vou pra Sérvia, no instante que eu entro no avião, quando eu desço do avião, parece que aquele <i>gap</i> de um ano não existe."	Brasil x Sérvia	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"eu vou lá e parece que a única coisa que faltou é realmente o contato físico. Então na hora, eu estou lá, como se nunca tivesse partido. Por isso que fica difícil voltar [para o Brasil], porque cada vez que eu volto pra cá, é como se fosse começar de novo."	Brasil x Sérvia	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si

	"eu, já nos primeiros dias, marco com todos os amigos mais queridos, mais próximos, dos quais eu também tive saudade, com quais eu continuo conversando – eu nunca interrompo, sabe? Quando eu vou pra Belgrado, eu deixo um tempinho também pra conversar com os meus queridos daqui"	Possibilidades de co-existir Encontros e despedidas	Re-existir: a memória em rede A falta que a falta faz
	"inclusive, pensando que um dia a gente vai talvez voltar pra Europa – sei lá se vai voltar –, vai ser difícil também, não é uma coisa que vai ser fácil pra gente. A gente criou raízes aqui, tenho uma rede de pessoas muito próximas."	Encontros e despedidas	A falta que a falta faz
	"Mas essa sensação, então, quando eu vou pra lá, é isso; eu tô lá e nunca parti."	Brasil x Sérvia Espaço e tempo	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"Eu acho que mais memórias eu tenho ou levanto aqui, quando estou aqui, do que quando estou lá. Quando vou pra lá, eu tento viver cada momento, sabe? Viver, sentir, cheirar, experimentar, abraçar, tudo, porque sei que é precioso, porque é um tempo definido, um tempo curto."		A falta que a falta faz
Você tem o costume de falar sobre suas lembranças com alguém?	"Olha, tem umas memórias que eu compartilhava com os meus filhos por dois motivos: um era pra eles saberem de onde vêm, sentirem tudo isso e conhecerem melhor; e outro motivo era educativo mesmo. Mas, tem muita coisa que eu nunca contei, nem pra eles."	Identidade intergeracional	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"E tem muita coisa – quanto o tempo passa mais, eu parei de falar. Parei de compartilhar minhas memórias, porque... porque eles têm que aprender, eles têm que viver o presente, o futuro, e eu não quero que eles fiquem presos nessas coisas do passado, porque isso traz uma tristeza."	Identidade intergeracional	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"Eu acho que, de vez em quando, levantar alguma memória de uma coisa ou outra é bom... porque as pessoas merecem ser lembradas, e os momentos merecem ser lembrados."	Memória	Re-existir: a memória em rede
Você pensa sobre quem você é no Brasil e quem você é na Sérvia?	"todos nós, de alguma maneira, a gente faz um papel; veste uma roupa de um jeito ou do outro. Eu... eu não sou mais a mesma lá na Sérvia, e também não sou exatamente eu aqui no Brasil."	Ser e não ser	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"quando eu vou pra lá, eu fico mais relaxada. 'Relaxada' no sentido de... sabe aquele negócio quando você... tem coisas, você sabe que tem muita coisa que não precisa explicar pra ninguém."	Brasil x Sérvia Espaço e tempo	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"eu me sinto em casa, porque eu volto no lugar aonde a gente tem uma memória coletiva, conjunta. Ao mesmo tempo, eu percebo que tem tanta diferença entre nossas vidas atuais, então... eu acho que lá eu fico mais eu pura."	Brasil x Sérvia Ser e não ser Espaço e tempo	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
Essa sensação de "eu mais puro" remete ao quê? À infância?	"É como se a gente voltasse pros começos."	Espaço e tempo	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
	"eu sentia que, quando eu chegava lá, eu dava muito menos atenção a eles [os filhos] do que, por exemplo, aos meus pais, meus familiares. (...) Eu voltava lá e, nesse eu que eu estou lá, eu não tinha filhos, sabe? [risos]"	Espaço e tempo Brasil x Sérvia Ser e não ser	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si

Você ainda sente algum tipo de choque ou dificuldade de apreender a mudança cultural no movimento entre Brasil e Sérvia?	"quando eu tô lá, eu nunca dirijo. E, portanto, me sinto mais jovem, me sinto mais ágil, por isso e por outros motivos também, lá tem outras gerações acima de mim, me sinto mais jovem. Mas, quando volto aqui, de novo: volta pro carro e umas coisas dessas assim."	Espaço e tempo Brasil x Sérvia Ser e não ser	Ser daqui vs ser de lá: permanências e rupturas da narrativa de si
--	--	---	---